

O BRASIL AGRÍCOLA

AGOSTO/2008 - Nº 716 - ANO 64 - R\$ 11,90 - www.agranja.com

agranja



Soja

A safra perfeita

As melhores
orientações e
técnicas de cultivo

MILHO

O que a safra de verão
promete?

CADERNO CANA

Setor se expande
para o exterior



ANÚNCIO

ANÚNCIO

20 **REPORTAGEM DE CAPA**

Todos os cuidados para fazer a melhor safra de soja



28 **EXPOINTER**

A feira promete recordes

30 **BIOFORTIFICADOS**

Os alimentos do futuro

34 **ZONEAMENTO**

Plantio no lugar e na época certa



Divulgação

36 **MILHO**

O que esperar da safra de verão?

40 **UFLA**

Um século do melhor ensino agrícola

44 **SAFRA 2008/2009**

Custos e dívidas no caminho

SEÇÕES

6 **O SEGREDO DE QUEM FAZ**

Deputado federal Luiz Carlos Heinze, vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

82 **PONTO DE VISTA**

Hermes Zaneti, conselheiro da Vinícola Aurora e presidente da Câmara Setorial Nacional da Uva e do Vinho

- | | |
|---------------------------------|--|
| 10 Vitrine | 57 Plantio Direto |
| 12 Primeira Mão | 60 Agribusiness |
| 16 Aqui Está a Solução | 64 Flash |
| 18 Cartas, Fax, E-mails | 66 Biodiesel |
| 19 Na Hora H | 68 Novidades no Mercado |
| 52 Agricultura Familiar | 70 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira |
| 54 Eduardo Almeida Reis | |
| 56 Notícias da Argentina | 76 Agroguia |

CADERNO CANA

49 **EXPANSÃO**
O setor mira investimentos e parcerias no exterior

50 **ROTAÇÃO**
O que plantar no lugar da cana



ANÚNCIO

A VOZ DO PRODU



Gustavo Meneghetti

É longe do campo que o produtor rural e engenheiro agrônomo **Luis Carlos Heinze** passa a maior parte do seu tempo. Para defender os interesses da agricultura nacional, ele aceitou o desafio de se candidatar a deputado federal. Hoje, aos 57 anos, o parlamentar gaúcho cumpre o seu terceiro mandato e é um dos representantes do PP na bancada ruralista da Câmara, além de vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária. Heinze diz que uma das suas conquistas foi ajudar a despertar a classe produtora para a política. “É fundamental contarmos com o apoio de produtores militantes. As decisões são políticas e, por isso mesmo, os representantes do setor precisam participar ativamente do processo”, defende.

TOR EM BRASÍLIA

Denise Saueressig
denise@agranja.com

A Granja — O senhor é o relator da Medida Provisória 432, que prevê a renegociação das dívidas dos produtores, e acompanha de perto os problemas financeiros do setor há muito tempo. Por que a dívida aumentou tanto nos últimos anos?

Luis Carlos Heinze — Em 1995, o débito da agricultura era em torno de R\$ 11 bilhões, R\$ 12 bilhões. Em 2001, era R\$ 34 bilhões. Agora, em 2008, a conta está em R\$ 75 bilhões e, se considerarmos a dívida da agricultura familiar, o cálculo vai para R\$ 87 bilhões. Saímos de uma produção lá atrás, de 80 milhões de toneladas e hoje são 142 milhões de toneladas, ou seja, a dívida aumentou e a produção também aumentou. No sistema, alguma coisa não está funcionando. E não é o agricultor o responsável, porque a resposta dele está na produção. Há um descasamento entre o aumento da área, da produção e da renda. A agropecuária vai bem, mas o agricultor está com problemas. Há uma discrepância entre os preços dos produtos e os custos. Hoje, o produtor precisa vender o dobro ou mais para comprar o mesmo bem que comprava antes. Isso vale para uma tonelada de fertilizante, um quilo de arame ou um trator. É muito fácil chamar os agricultores de chorões e caloteiros, como muita gente faz. Mas o problema é que falta uma política que garanta custos mais razoáveis e preços mais adequados para os produtos. Hoje, o produtor está encaixado no modelo de livre mercado e não tem mecanismos de proteção, como um seguro agrícola eficiente contra os eventos climáticos. Por exemplo: um produtor gasta R\$ 1 mil e colhe o equivalente a R\$ 500. Se ele tivesse um bom seguro, os R\$ 1 mil estariam cobertos. Mas como não há um seguro efetivo, onde ele vai bus-

car os outros R\$ 500? É no banco, no comércio, na indústria. Ele precisa renegociar com quem ajudou a financiar a sua lavoura. Aí, acontece outra frustração de safra e a conta aumenta mais R\$ 200, e assim o débito vai crescendo. O Brasil precisa de um seguro eficiente e de um fundo de catástrofe, que integra um projeto que defendemos em Brasília. De uma forma geral, são fatores como a falta de proteção, a tributação excessiva, a concentração de empresas e o crédito rural escasso que colaboram para que tenhamos R\$ 87 bilhões em dívidas no campo. Outro gargalo da produção se chama diesel. No arroz, 13% do custo de uma saca é diesel. O fertilizante, mesmo com toda a alta percebida hoje, representa 10,8%. Desse valor do diesel, mais ou menos 50% é imposto, tributo federal ou estadual. Para baixar o preço da comida, precisamos baixar os impostos.

A Granja — Este ano os produtores estão bastante preocupados com o impacto do aumento dos custos dos insumos, principalmente dos adubos. Como o Brasil pode trabalhar para minimizar esse problema?

Heinze — Defendemos a criação de uma política de produção de fertilizantes para o país. Em 1990, o Brasil importava 35% do fertilizante que consumia. Em 2008, importamos quase 80% do que é consumido. Aí, vamos pensar que plantamos 75 milhões de hectares e que podemos chegar a 200 milhões de hectares, além da área de pastagem. Mas se plantamos 75 milhões de hectares entre grãos, fibras, frutas, florestas e cana e temos problema com os fertilizantes, como vamos chegar aos 200 milhões de hectares? Por isso, precisamos urgentemente de uma política para esse segmento. Temos um levantamento mostrando que em torno de 10 ou 12 empresas detêm toda a matéria-prima nas

mãos aqui no Brasil. Mas são 122 misturadoras de fertilizantes no total. Há grande concentração de empresas no país. Essas coisas foram saindo das nossas mãos e hoje há dominação das multinacionais. Há concentração de quem eu vou comprar e para quem eu vou vender, e assim o agricultor não consegue impor nada sobre o seu negócio. As minas também representam um gargalo importante nessa questão. Tem gente hoje que tem a concessão de uma mina há 20 ou 30 anos e não mexe nela. Nesse caso, é preciso mudar a legislação, que é de 1964, e democratizar esse processo. O pessoal da Aprosoja (*Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso*) está registrando uma mina para eles mesmos produzirem fosfato. E é desse tipo de iniciativa que precisamos. É essencial promover uniões entre as pequenas misturadoras de fertilizantes, as cerealistas e as cooperativas. Precisamos estabelecer parcerias. É só olharmos o caso da Petrobras, que investiu no Brasil e tem tecnologia e petróleo nacionais. A Petrobras tem parcerias na Argentina, na Venezuela, na Bolívia, no Oriente Médio. Por que não podemos fazer parcerias com outros países para a produção de potássio, por exemplo? Podemos negociar a produção de alimentos e trazer potássio para cá. Em Brasília, também estamos há bastante tempo trabalhando pela liberação dos genéricos, tanto medicamentos veterinários quanto defensivos agrícolas. Com toda a força da bancada ruralista e do núcleo agrário, não conseguimos furar o bloqueio para liberar os genéricos. No Governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o então ministro da Saúde, José Serra, enfrentou o cartel dos medicamentos humanos e conseguiu impor os genéricos. Nós ainda temos um projeto para simplificar o registro dos defensivos. E

O Plano Agrícola e Pecuário é insuficiente. Para atender a necessidade da produção o ideal seria em torno de R\$ 120 bilhões, R\$ 130 bilhões

tudo isso é para baratear custos para os produtores. Eu não sou contra as indústrias e suas marcas, mas quando há dominação do negócio, o preço é explorado.

A Granja — Se existe essa concentração de empresas, na sua opinião, como seria possível buscar alternativas a isso?

Heinze — As cooperativas têm um papel importante nesse processo. No Paraná, há muitas cooperativas organizadas e que crescem com a visão da diversificação e da agregação de valor aos produtos. Eles criaram um modelo de produção e evoluíram. Acho que essa é uma forma de fortalecermos as empresas nacionais. É preciso desenvolver as cooperativas, os cerealistas e os produtores de semente para dominarmos a tecnologia. Se conseguirmos unir em parcerias a Embrapa e as fundações e as universidades, vamos sobreviver ao processo. É preciso juntar as empresas genuinamente nacionais com as cooperativas para produzirmos em escala.

A Granja — O senhor comentou que o crédito rural é escasso no Brasil. O Governo acabou de lançar o Plano Agrícola e Pecuário que vai destinar R\$ 78 bilhões para a safra 2008/2009. Qual deveria ser o volume de recursos para as necessidades do país?

Heinze — O plano que temos hoje é insuficiente. Para atender a necessidade da produção nacional, o ideal seria em torno de R\$ 120 bilhões, R\$ 130 bilhões. Precisaríamos de, no

mínimo, uns R\$ 50 bilhões além do que temos hoje. Isso em custeio. No país, há em torno de 3,1 milhões produtores que têm acesso a crédito rural. No entanto, somos 6 milhões de produtores no Brasil, ou seja, praticamente 45% não têm acesso ao crédito, porque faltam recursos e há dificuldade de acesso aos recursos existentes. Esse produtor sem proteção não consegue crédito. Quem consegue são aqueles que têm patrimônio, têm receita, têm renda. Esses vão ao banco e conseguem o dinheiro. O crédito hoje deixou de ser uma política de estímulo e de incentivo e passou a ser uma mera operação comercial. Não é mais crédito para alavancar o crescimento e o desenvolvimento. Em 1979, segundo levantamento do Banco Central, tínhamos R\$ 111 bilhões aplicados, valores atualizados para hoje. Em 1980, eram R\$ 106 bilhões. Em 1978, o Brasil produzia 56 milhões de toneladas. Hoje, o crédito é de R\$ 78 bilhões e a produção é de 142 milhões de toneladas. O custo aumentou, e onde o produtor busca a diferença do que falta em crédito oficial para o custeio da agropecuária brasileira? Ele vai nas *tradings*, nas indústrias, no comércio, nas cooperativas, nos cerealistas, no produtor de sementes, no posto de gasolina. Assim ele vai se financiando. Faz uma CPR (*Cédula de Produto Rural*) no banco. Mas isso tudo a juros muito altos, e isso aumenta ainda mais o custo de produção.

A Granja — O senhor sempre acompanhou de perto a questão fundiária no Brasil. Qual é a sua opinião sobre a forma de condução do processo de reforma agrária no país?

Heinze — Eu não sou contra a reforma agrária, mas sou contra o sistema que está em andamento aqui no Brasil. Hoje, devem existir 70 milhões de hectares que foram desapropriados e que estão nas mãos da reforma agrária. O que está sendo produzido nessa área? Quase nada. Poucos projetos deram retorno. Não adianta tirar uma pessoa da cidade e deslocar para um pedaço de terra. Se não há crédito rural para 3 milhões de produtores que estão na terra, imagina dar tecnologia e acesso ao crédito para essas pesso-

as da cidade que são colocadas nessas terras. É preciso dar organização e assistência técnica primeiramente para quem já está no campo. Hoje, a reforma agrária no Brasil é mais política e ideológica. São pessoas excluídas dos centros urbanos que acabam indo para a zona rural. O modelo do Banco da Terra, na forma que foi implantado no Rio Grande do Sul, é um bom exemplo de programa. No Estado, ainda no Governo Fernando Henrique, conseguimos assentar mais de 10 mil famílias com o apoio das associações dos municípios, que criavam conselhos locais para orientar o processo, ou seja, existia a participação das comunidades. Integravam esses conselhos a Emater, as secretarias de agricultura, as cooperativas, os sindicatos rurais. Então, todo mundo sabia quais seriam as famílias que iriam receber as terras. Esse é um modelo certo, onde a comunidade indica as pessoas que podem trabalhar na terra e que têm vocação para isso. Hoje, 80% das pessoas que são colocadas na terra nesse modelo brasileiro não têm essa vocação.

A Granja — No Rio Grande do Sul, o Governo tem agido de forma mais rígida contra os invasores de terra. Qual é a sua opinião sobre essa atuação no Estado?

Heinze — Acho que está certo. Eu já vi verdadeiros absurdos ocorrerem. Tenho muitos exemplos por todo o país de atos de vandalismo praticados em propriedades tradicionais. E aí o produtor que sofreu com isso vai cobrar de quem? Vai entrar com uma ação contra quem para tentar reparar esses danos? Não posso concordar com isso. ❏

Hoje, a reforma agrária no Brasil é mais política e ideológica. São pessoas excluídas dos centros urbanos que acabam indo para a zona rural

ANÚNCIO



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

DIREÇÃO EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor

Leandro Mariani Mittmann

Reportagem

Denise Saueressig

Editoração

Jair Marmet e Gustavo Meneghetti

Produção da Capa

Gustavo Meneghetti

Revisão

Jorge Sant'Ana

Estagiários

Bruno Pacheco e Bernardo Taborda Pacheco

ASSINATURAS

Gerente de Operações

Amália Severino Bueno

Gerente de RH

Fabrizio dos Santos

Circulação

Jorge Luis Oliveira Ribeiro

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)

Porto Alegre - Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)

AgroGuia - Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais

José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)
3297-8194 - fone: (31) 3344-9100
celular: (31) 9993-0066

e-mail: josemarianeves@uol.com.br

Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.

SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa
13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900
Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440
celular: (61) 9618-1134 - e-mail:
armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 13,00

FAÇA A MELHOR DAS SAFRAS DE SOJA

Estamos ainda em agosto, época fria no Sul e seca no Centro-Oeste, mas o assunto do momento é safra de verão. O produtor espia o horizonte de sua lavoura e tem a certeza de já visualizar o verde-escuro da plantação. Aqui na redação não é diferente. Por isso, a edição que está em suas mãos já projeta as circunstâncias técnicas e econômicas do que estará no solo em breve.

A reportagem de capa trata da principal commodity brasileira, a soja, dona de mais de 21 milhões de hectares. Mais do que começar e terminar bem a sua safra de soja, queremos que você faça da safra 2008/2009 a melhor de todos os tempos. A mais produtiva, a mais rentável. Por isso, atenção a todas as orientações disponibilizadas nas páginas seguintes. Ouvimos alguns dos maiores especialistas brasileiros em cultivo da soja.

Outros especialistas, estes em mercado, fazem considerações relevantes sobre as perspectivas do milho em 2009. As variantes que definirão o futuro comercial imediato do cereal são conseqüências de uma série de fatores, desde o clima incidente nas lavouras americanas até o apetite de aves e suínos nas granjas brasileiras.

Já o Caderno Cana faz um relato dos muitos meganegócios empreendidos pelo setor brasileiro. Desde a venda de tecnologias sucroalcooleiras a outros países até parcerias com grupos internacionais na construção de usinas no Brasil. Estes negócios têm futuro.

E num futuro bem próximo estará em suas mãos **A Granja do Ano 2008/2009**, que além de informar tudo sobre os principais segmentos agrícolas e oferecer um guia de serviços inigualável, também vai revelar os vencedores do

Prêmio Destaques A Granja do Ano.
Há surpresas.

Aguarde e boa leitura!



Para assinar: (51) 3232-2288

ANÚNCIO

“O plano que está sendo colocado para a próxima safra se insere numa visão estratégica de médio e longo prazos, aliado a uma série de outras medidas de reestruturação da agricultura. Possivelmente dentro de dois ou três anos não precisaremos mais lançar planos anuais”

Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura durante o lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2008/2009.



Bovespa: agro é dono do campinho

Quer aplicar na bolsa?, analise com atenção as empresas ligadas ao agronegócio. Foi o segmento com maior valorização no primeiro semestre. No período, os papéis da SLC Agrícola (algodão, milho, soja e café), que estreou na Bovespa há pouco mais de um ano, subiram 83,92%. A Renar Maças contabiliza valorização de 83,76% em 2008. Já a Brasil-Agro (cana, pecuária, florestas, grãos) teve valorização de 22,3% no mesmo período. A explicação: alta global dos alimentos.

Setores mais rentáveis 1º semestre

Setor	Varição 2008 (%)	Varição junho (%)
Agro e Pesca	70,8	-4,3
Siderurgia e Metalurgia	42,0	-8,8
Energia Elétrica	9,2	0,1
Alimentos e Bebidas	9,1	-12,9
Química	5,2	-3,4

Fonte: Economática

R\$30 bilhões

é o montante disponibilizado pelo Banco do Brasil para o crédito rural na safra 2008/2009 – dos quais R\$ 7,8 bilhões são para a agricultura familiar. O incremento é de 25% em relação à safra anterior (R\$ 24,7 bilhões). No caso da agricultura familiar, o aumento foi de 30%. O BB é o maior financiador da agricultura brasileira.

Crédito sustentável

Pela primeira vez, o Plano Agrícola e Pecuário terá uma linha especial de financiamento para a agricultura sustentável. O Programa de Produção Sustentável do Agronegócio (Produsa) disponibiliza R\$ 1 bilhão para financiar a recuperação de áreas de pastagens degradadas, além de financiar aqueles que adotarem práticas sustentáveis, como o sistema Integração Lavoura-Pecuária-Silvicultura, a correção e manejo de solos e projetos de adequação ambiental de propriedades.

Enxuto, verde e bom

Em meio à saraivada de críticas internacionais contra o etanol, que seria um gerador de fome no planeta, a tradicional revista britânica The Economist publicou artigo em que elogia o etanol brasileiro. Destacou que o combustível é alvo de críticas injustas e defendeu o fim da tarifa imposta de 22 centavos de real/litro pelos Estados Unidos à importação do Brasil. “Enxuto, verde e bom” foi o título da reportagem.



VEM AÍ A EMBRAPA AGRICULTURA FAMILIAR?

O presidente Lula anunciou que será criado um braço da Embrapa para fortalecer a agricultura familiar. A declaração foi feita durante o tradicional programa de rádio "Café com o Presidente", oportunidade em que Lula elogiou o desempenho da Embrapa. Segundo ele, é a instituição "mais importante do mundo" no que se refere à agricultura tropical. O presidente ainda disse que vai se empenhar para que a indústria possa produzir todas as máquinas que os agricultores quiserem comprar, numa referência ao Programa Mais Alimento.



Mãos (familiares) à obra

Apesar do crescimento da agricultura empresarial, da safra de 142,42 milhões de toneladas de grãos, segundo a Conab, a agricultura familiar é responsável pela produção de 30% da soja, 40% do milho, 25% do arroz e 80% do feijão. Dos principais grãos cultivados no Brasil, mais de um terço é procedente de mãos familiares.

Divulgação

1.157%

foi o crescimento da produção de grãos e fibras da Região Centro-Oeste nas últimas três décadas. Saltou de 4,2 milhões para 49,3 milhões de toneladas. Segundo a Conab, em 5 a 8 anos será a região maior produtora de grãos do país. O desenvolvimento tecnológico, os investimentos em armazenagem e a abertura de estradas, além do clima propício, foram os principais responsáveis pelo crescimento da produção agrícola.

Soja recorde no MT

Na primeira semana de julho as cotações da soja em várias praças do Mato Grosso ultrapassaram as máximas registradas no ano de ouro de 2004, ao bater em R\$ 50,50 em Rondonópolis. O preço constituiu-se em recorde no Estado. Segundo a Agência Rural, nessa praça o ganho semanal alcançou a casa dos R\$ 2,50. Em Canarana a valorização semanal foi ainda maior: R\$ 3, e finalizou a semana em R\$ 48,50.

Sorriso gigante



Google Earth

Top 10		Fonte: IBGE
Município	Toneladas	
1º - Sorriso/MT	2,503 milhões	
2º - Sapezal/MT	1,596 milhões	
3º - Nova Mutum/MT	1,473 milhões	
4º - Lucas do Rio Verde/MT	1,383 milhões	
5º - Campo Novo do Parecis/MT	1,334 milhões	
6º - São Desidério/BA	1,316 milhões	
7º - Primavera do Leste/MT	1,081 milhões	
8º - Diamantino/MT	1,076 milhões	
9º - Campo Verde/MT	914 mil	
10º - Barreiras/BA	688 mil	

O município mato-grossense de Sorriso é o campeão brasileiro na produção de grãos. Segundo o IBGE, gerou na atual safra 2,5 milhões de toneladas, quase 1 milhão a mais que Sapezal/MT, o segundo colocado. Dos 809,39 mil hectares plantados (maior área municipal), 67,1% são ocupados com soja e 28,2% com milho. Dos dez municípios maiores produtores, oito são mato-grossenses e dois baianos.

Divulgação

ANÚNCIO

ANÚNCIO



PROPRIEDADE ORGANIZADA

Em uma propriedade em que se cultiva hortaliças orgânicas, como podemos definir o que são as áreas de refúgio e as áreas de pousio? Grato.

Baltazar Bitencourt

Tibagi/PR

R- Caro leitor, segundo a Embrapa, as áreas de refúgio são locais com vegetação para preservação e atração de inimigos naturais de pragas e de pequenos predadores que também auxiliam no controle de pragas. Essas áreas servem de refúgio para diversos insetos benéficos que se alimentam de fungos ou para organismos que, sem seus inimigos naturais, poderiam aniquilar a plantação. Esses nichos são formados pelas reservas de vegetação nativa, pelas faixas de cercas vivas ou cordões de contorno que circundam as áreas de cultivos e as comunidades de plantas invasoras ou espontâneas. As áreas de refúgio garantem a preservação da fauna silvestre e a diversidade é essencial para o equilíbrio de várias espécies, contribuindo muito para o equilíbrio do sistema como um todo. Como o próprio nome sugere, as áreas de pousio garantem o “descanso” do solo, após cultivo intensivo, para reconstituir e conservar suas propriedades químicas, físicas e biológicas. As áreas em pousio devem permanecer cobertas com alguma vegetação, que pode ser adubos verdes ou a vegetação natural da área. Essas áreas são muito importantes para garantir a manutenção da vida no solo. O agricultor deve prever esse período no planejamento da horta, pois para a produção de hortaliças, que utiliza intensamente os recursos do solo, essa prática é fundamental.

Embrapa Agroinovação

O GRANDE COMPRADOR

Sou estudante e estou fazendo um trabalho que fala sobre as exportações agrícolas. Se puderem me ajudar, gostaria de saber qual é o país que mais importa produtos do Brasil e o que representa esse negócio. Obrigado.

Luís Roberto Machado

São Mateus/ES

R- Em 2008, a China pulou do terceiro lugar para o topo do ranking dos países de destino das exportações do

agronegócio brasileiro. Está à frente dos Estados Unidos e dos Países Baixos, estes últimos concentram as importações por serem entrepostos, ou seja, as mercadorias exportadas para lá são re-exportadas para outros países. Segundo informações do Ministério da Agricultura, até maio deste ano, a China comprou US\$ 3 bilhões em produtos do agronegócio brasileiro, valor 86,62% superior em comparação com o mesmo período de 2007. A pauta de exportações é concentrada na soja em grão. No ano passado, essa commodity representou 60,6% do total exportado para aquele país, o que correspondeu à cifra de US\$ 2,83 bilhões. Em seguida, aparecem a celulose, o couro bovino, o óleo de soja, o fumo não-manufaturado e a madeira serrada. O saldo da balança

comercial do agronegócio é superavitário, contrariando o resultado do fluxo global de comércio entre Brasil e China. Enquanto a balança comercial entre os dois países registrou déficit de US\$ 1,8 bilhão no ano passado, o agronegócio brasileiro consegue impor um resultado positivo para o Brasil de US\$ 4,2 bilhões. Os principais produtos do agronegócio importados da China são têxteis de algodão, papel, calçados de couro e alho. O Produto Interno Bruto (PIB) da China é de US\$ 3,2 trilhões. Este ano a economia deve crescer 10%, contra 11,5%, em 2007. Indústrias e serviços são responsáveis por 89% de toda a economia, e a agricultura, 11%. Em 2006, o mercado chinês importou US\$ 47 bilhões de produtos agropecuários. Desse total, o Brasil exportou US\$ 3,7 bilhões, valor que se elevou em 23,5% em 2007, quando foram vendidos para a China US\$ 4,6 bilhões em produtos do agronegócio.



Divulgação

TERRENO PARA MAMONA

A mamona pode ser cultivada em terrenos com declive? Há riscos de erosão?

Márcio Moreira da Silva

Grajaú/MA

R- Como tem folhas grandes, cresce lentamente nos primeiros meses e o espaçamento de plantio é muito largo, a mamoneira não protege bem o solo contra a erosão causada pela chuva. Recomenda-se o plantio da mamona em terrenos com declividade de 8% no máximo, limite do relevo classificado como suavemente ondulado. Entre 8,5% e 12,5% de declividade, as pesquisas mostraram que a mamoneira provoca grandes perdas de

solo (41,5 toneladas/hectare/ano) e de água (12%), na ocorrência de precipitação de 1.300 mm/ano e na ausência de medidas conservacionistas. Em solos arenosos, mais sensíveis à erosão, os cuidados devem ser redobrados. Os pesquisadores da Embrapa recomendam que é fundamental adotar as seguintes medidas para impedir perdas de solo por erosão: plantar em curvas de nível ou construir terraços; preparar o solo seguindo as curvas de nível; fazer rotação de cultura a cada ano; e planejar cuidadosamente o traçado de estradas e carreadores, evitando longos declives contínuos.



André Luiz Mello

PRODUÇÃO NORDESTINA

Qual é a participação do Nordeste na área plantada do país? De quanto será a safra da região esse ano? Pela atenção, obrigado.

Carlos Alberto Guedes

Canindé/CE

R- A área de plantio na Região Nordeste corresponde a 17,4% das lavouras de grãos cultivadas no Brasil. A produção da safra 2007/2008 da região fechará o período com 12,6 milhões de toneladas, 28,9% a mais que na safra passada. O crescimento é o maior do país, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O percentual é

oito vezes maior que o crescimento obtido na Região Sul e mais de duas vezes o da Região Norte. O resultado foi possível graças às condições climáticas, com chuvas bem distribuídas durante o primeiro semestre. O Ceará vai colher uma safra 126,8% maior que a passada. A produção de feijão no Estado saiu de 124,6 mil para 267,3 mil toneladas. Já o milho passará de 335,6 mil para 836,7 mil toneladas. “O Estado é um termômetro na produção do semi-árido brasileiro. Quando o clima é bom na região, todo o Nordeste acaba sendo beneficiado”, diz o analista de mercado de milho da Conab, Marco Antonio de Carvalho.

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

À sua disposição

ASSINATURAS Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda a sexta, das 08:30 às 19:30
Sábado, das 9h às 14h

INTERNET www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526 ou no site: www.agranja.com

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com

Fax:
(51) 3233-1822

Cartas:
Av. Getúlio Vargas, 1.526
Porto Alegre/RS
CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma resumida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amedia@agranja.com
ou www.agranja.com

PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488
mailsp@agranja.com
(51) 3233-1822
mail@agranja.com

CONCORRÊNCIA DESLEAL

O que mais me revoltou ao ler a entrevista do senhor Eduardo Daher (foto) (diretor-executivo da Associação Nacional para Difusão de Adubos, “Segredo de Quem Faz”, edição 715), foi descobrir que apenas o Brasil e a Nova Zelândia, entre os 25 países que mais consomem fertilizantes, não recebem por parte do Governo nenhum tipo de subsídio. Já os concorrentes, inclusive os ricos produtores americanos, têm garantidas as suas rendas caso a safra não seja boa para a cultura plantada. Assim, fica difícil competir no mercado internacional. E ainda tem gente que reclama quando o Governo senta para negociar as dívidas do setor.

Umberto Schmidt
Palotina/PR



Josef Caciano

NA PONTA DO LÁPIS

Bastante oportuna a reportagem sobre o aumento dos custos de produção (“A Safra da Ponta do Lápis”, edição 715). Aqui na minha região tudo aumentou de um ano para o outro. Um absurdo, principalmente os preços dos adubos. De que adianta os preços dos produtos estarem nas alturas se para gerá-los está muito mais caro? Na verdade, aonde vai estourar tudo isso? No colo do consumidor, na hora de pagar a conta do rancho ao caixa do supermercado. Lamentável!

Leôncio Brittes Jr.
Santo Antônio de Goiás/GO

NA PONTA DO LÁPIS II

Ao ler a reportagem sobre o custo de produção me ocorreu uma obviedade: quem é que mais ganha com o aumento dos insumos e dos alimentos? Os governos, é claro, com suas sanhas arrecadadoras. Afinal, quanto mais se gasta na compra, sejam nós os produtores ou os consumidores, mais impostos geramos todos. E vem o Lula ficar dizendo toda hora que o Brasil vai alimentar o mundo e tal. Por que ele não baixa os impostos? Aí os produtores iriam produzir mais e as pessoas iriam consumir mais. Isso sim é atitude pró-Brasil, pró-população. O resto é balela.

Fabício Meneghat
Pato Branco/PR

PRODUTOR E CONSUMIDORES LEGAIS

Gostei da abordagem da reportagem “Consciente e Legal” (edição 714). Não há mais nenhuma dúvida de que precisamos produzir lado a lado com a preservação do meio ambiente, não apenas porque ao destruir a natureza estamos destruindo a nós mesmos, como também pelas pressões internacionais. Ou geramos nossas commodities e subprodutos com respeito, ou não as teremos para quem vender. Até

mesmo o consumidor doméstico está mais seletivo em frente à gôndola do supermercado em relação ao adquirir um produto entre tanta diversidade. Além de outras variantes, como o preço, ele já está preferindo aquele que foi gerado com respeito ao meio ambiente.

Franciele Goulart Medeiros
São Paulo/SP

ATÉ QUANDO?

A pergunta insistente da população produtiva continua sempre igual. Até quando a ação do MST, Via Campesina e assemelhados vai continuar seus desmandos, assim como sua improdutividade e impunidade?

A ação preferencial pelo permanente conflito através de reiterados atos criminosos inclui invasão de propriedade, depredação de sedes e benfeitorias, incêndios de plantações, cárcere privado, formação de quadrilha, saques de todos os tipos, furtos, principalmente de gado, destruição de tratores, ameaças violentas a proprietários e empregados, invasões urbanas com crianças, servindo de escudo e marketing sentimental, enfim, a criminalidade organizada sob a bandeira de movimento social.

A opinião pública demorou mas hoje está plenamente consciente de todos estes desmandos insuflados e apoiados por uma ideologia atrasada que não deu certo em nenhum lugar do mundo.

É ação absolutamente ilegal que vive da leniência das autoridades constituídas e faz parte da carga escandalosamente pesada que a sociedade brasileira paga através de impostos indecentes, cujo re-

torno é muito pouco em função do muito que se recolhe. Somente em 2007 cerca de R\$ 5 bilhões da arrecadação de impostos foram destinados para manter a estrutura dos assentamentos cuja produção é irrisória e, portanto, com dependência total da ajuda governamental e de ONGs ideológicas através da cesta básica, gás, equipamentos agrícolas, transporte para as invasões e tantos outros favores, tudo sob a bandeira cujo objetivo maior dos líderes do MST “Movimento Social”, é o controle do aparelho do Estado.

Ainda tem mais: as escolas administradas pelo MST. Lá, já foi formada uma geração de talibãs.

Essas escolas também são sustentadas pelo dinheiro que o Governo arrecada do cidadão. Lá, o conteúdo didático é exatamente a luta contra quem lhes sustenta. Piada? Incrível, mas verdadeiro. A sociedade dá o sustento para ensinar como atingir seu modo de viver. Lá cantam hino de Cuba.

Sabe-se que até hoje, desde o Governo Militar, quando Médici desapropriou a Fazenda Anonni no Rio Grande do Sul, os assentados ocupam quase 60 milhões de hectares!

Para se ter uma idéia, isso significa uma Espanha!

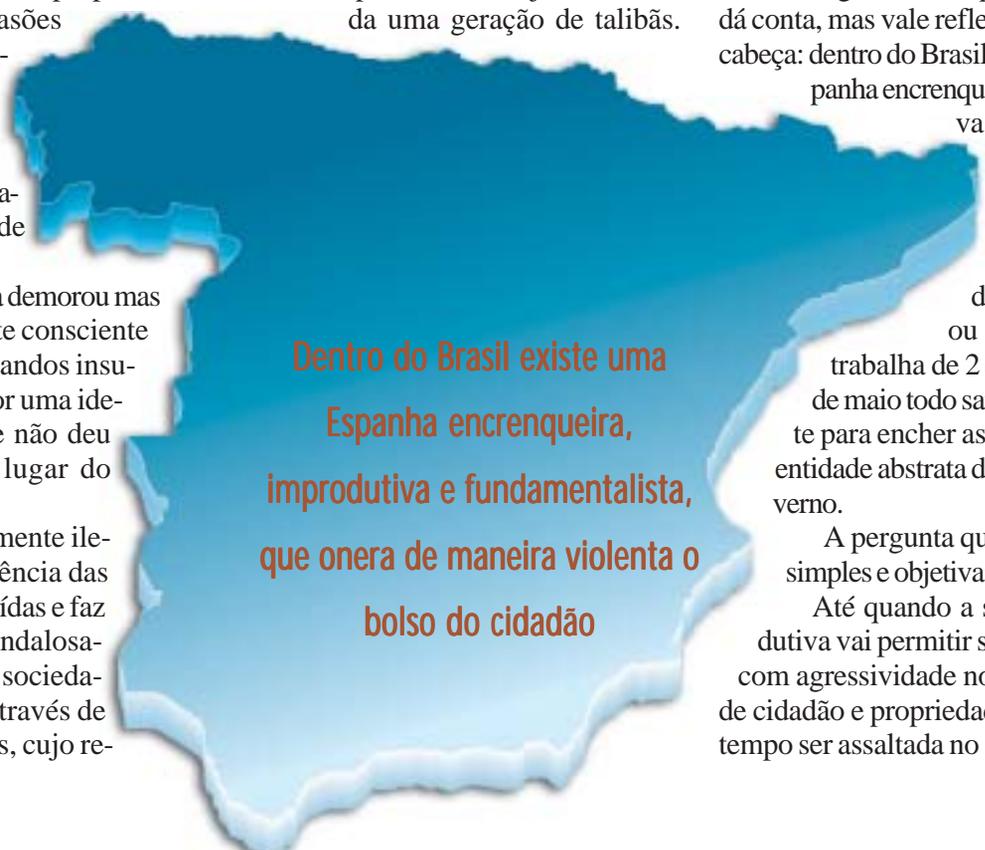
Pouca gente sabe, pouca gente se dá conta, mas vale refletir e colocar na cabeça: dentro do Brasil existe uma Espanha encrenqueira, improduti-

va e fundamentalista, que onera de maneira violenta o bolso do cidadão contribuinte, ou seja, de quem

trabalha de 2 de janeiro a 26 de maio todo santo ano somente para encher as burras de uma entidade abstrata denominada governo.

A pergunta que permanece é simples e objetiva:

Até quando a sociedade produtiva vai permitir ser confrontada com agressividade nos seus direitos de cidadão e propriedade e ao mesmo tempo ser assaltada no seu bolso? ■



Dentro do Brasil existe uma Espanha encrenqueira, improduti-va e fundamentalista, que onera de maneira violenta o bolso do cidadão

SOJA, A SAFRA

Em tempos de custos nas alturas, buscar o máximo da produtividade se constituirá, em alguns meses, no momento da colheita, na diferença entre o lucro e o prejuízo. A safra perfeita do começo ao fim exige muitos cuidados, da escolha da cultivar ao enfrentamento da ferrugem

Luiz Silva

Chegou a hora de planejar o plantio da soja, a principal commodity brasileira, responsável por quase 50% da safra nacional de grãos. Em um país continental como o Brasil, em que variedades de soja são semeadas em 17 Estados, a hora do plantio se transformou numa “questão de Estado”. O mau resultado de uma região produtora poderá significar um péssimo negócio para diversos segmentos da economia nacional. A decisão de plantio da safra 2008/2009, que promete ser alvissareira, exige conhecimento, tomada de decisão e boa assessoria técnica. Afinal, a escolha de uma cultivar errada e o plantio em época não aconselhada podem causar um desastre tão grande quanto as oscilações climáticas e as doenças.

Empresas e entidades ligadas à agricultura em todos os cantos do Brasil trabalham nesta direção, especialmente quando a calculadora aponta que o custo de produção estará em média 25% mais caro em relação à safra anterior. A movimentação é grande entre associados de entidades como a Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso (Fundação MT) e a Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso (Aprosoja), que realizaram um rigoroso trabalho de planejamento da próxima safra em junho nos 15 principais municípios produtores de Mato Grosso e em um município de Goiás.

O evento “Fundação MT em Campo: É Hora de Plantar Soja 2008”, que apresentou informações para o produ-

tor preparar a próxima safra, evidenciou que o cenário atual exige mudanças de comportamento em relação ao custo de produção, ao manejo de doenças e pragas e ao uso de tecnologia. Não foram apenas sugestões ou teorias, mas indicações que devem ser levadas com seriedade para a lavoura. Participaram centenas de produtores de Sinop, Sorriso, Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Diamantino, Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Campos de Júlio, Rondonópolis, Canarana, Água Boa, Alto Garças, Primavera do Leste, Campo Verde e Mineiros/GO.

Uma certeza emergiu destes encontros: a época de plantio se transformou em insumo essencial para garantia de bons resultados. Na avaliação do pes-



IDEAL



quisador do Programa de Melhoramento Genético da Fundação MT, Sérgio Suzuki, este período sempre foi um fator relevante na hora de planejar a safra, mas assumiu agora um papel mais decisivo. “Após o aparecimento da ferrugem, esta verdade tornou-se ainda mais evidente. Nossa janela de plantio ficou menor, e as semeaduras tardias sempre resultam em baixas produtividades”, explica.

Limite de plantio — O período de 5 a 10 de novembro é, segundo Suzuki, o limite para o término do plantio. Por isso, o produtor que não quiser amargar baixas produtividades tem de estar atento a este calendário. “A cada atraso no plantio, perde-se em rendimento”, atesta. Para plantar na época correta é

preciso também conhecer bem as características das variedades, de acordo com Suzuki. Por exemplo, o plantio de soja transgênica exige que o agricultor saiba tudo sobre a cultivar RR e a sua colocação no terreno. “O posicionamento correto de cultivares traz vantagens de controle mais eficiente de plantas daninhas, facilidade, flexibilidade e diminuição do custo de produção. Para isso,

é preciso dessecar antes, plantar no limpo”, ensina o pesquisador.

O sojicultor e o assistente técnico devem levar em conta dois fatores básicos: a época preferencial indicada pela pesquisa e as características próprias de cada variedade. “Seguindo o roteiro da pesquisa, fazemos a nossa lição de casa. Depois, o resto é com São Pedro”, aponta o agrônomo Luis Voytena, do



Departamento Técnico da Coamo, em Campo Mourão (centro-oeste do Paraná). Com a modernização dos cultivos, a principal preocupação da pesquisa é desenvolver materiais capazes de expressar os seus potenciais produtivos, que podem superar o volume de 80 sacas por hectare. “São variedades adaptadas para cada região, testadas em anos de melhoramento”, explica.

Como escolher a variedade

Para o agrônomo Marcelo da Costa Rodrigues, coordenador de Desenvolvimento de Mercado para a Região Sul da Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec), o sojicultor deve levar em conta alguns princípios no momento da escolha dos cultivares de soja. “Certamente, estes fatores estarão presentes de norte a sul do país na safra que se avizinha. No momento da escolha, o produtor busca nas cultivares de soja um alto potencial de rendimento”, explica.

Porém, segundo Rodrigues, o alto rendimento pode ser comprometido pelo mau posicionamento da variedade. Além disso, não é possível apontar uma cultivar como a mais produtiva. “Se fosse assim, todos os produtores semeariam apenas uma. Este fato é comprovado pelo grande número de variedades disponíveis no mercado”, argumenta. O potencial de rendimento é importante,

mas Rodrigues prefere não mencionar apenas um como decisivo na escolha,

porque todos os indicados nas reco-



Conforme Maranhão, as cultivares escolhidas devem estar inseridas no zoneamento agrícola



No Cerrado, plantar as variedades precoces no final de outubro e início de novembro, e as de ciclo médio e tardias em meados de novembro

mendações oficiais trazem este item, desde que sob o correto posicionamento e orientação da assistência técnica.

Para Rodrigues, os fatores decisivos para a escolha das cultivares são os seguintes:

Matocompetição – O histórico de cada talhão, quanto à presença ou não de plantas daninhas resistentes ou de difícil controle, é que definirá a necessidade do produtor optar pela semeadura de cultivares transgênicos tolerantes ao glifosato ou variedades convencionais.

Fertilidade do solo e área de adaptação – Existem três grupos de cultivares chamadas eficientes e responsivas, não-eficientes e responsivas e eficientes e não-responsivas. Por isso, o produtor deve conhecer a fertilidade de cada talhão para escolher a cultivar, principalmente em relação aos níveis de fósforo e matéria orgânica.

Presença de nematóides formadores de galha ou cisto – O mercado dispõe de cultivares com as mais variadas tolerâncias ao complexo de nematóides. Eles estão presentes de norte a sul do país e nas mais variadas proporções. O manejo com cultivares tolerantes é o mais eficiente.

Cultura subsequente e escalonamento da colheita – A opção pela semeadura do milho ou sorgo imediatamente após a colheita da soja é prática usual em regiões quentes e baixas. No

inverno, o risco de seca, no caso do Centro-Oeste, e o risco da geada no Paraná, em São Paulo e Mato Grosso do Sul, são iminentes em todos os

anos. Tais riscos podem ser minimizados com a semeadura precoce do milho, mas para isso é indispensável a semeadura antecipada da soja, com a utilização de cultivares precoces ou super-precoces.

Nas unidades Embrapa já começam a ser preparadas reuniões para avaliar o próximo plantio. Alguns indicativos, contudo, já estão na cabeça dos pesquisadores. Para o supervisor da Área de Comunicação e Transferência da Embrapa Agropecuária Oeste, Euclides Maranhão, o produtor deve escolher uma cultivar que seja compatível com as condições físicas e químicas do solo de sua propriedade. Depois, recomenda que as cultivares escolhidas estejam inseridas no zoneamento agrícola safra 2008/09. “Se a variedade escolhida não estiver no zoneamento agropecuário, o produtor rural não poderá contar com o benefício do seguro agrícola”, explica. Para Maranhão, toda a adaptabilidade da cultivar deve estar devidamente testada e comprovada na região indicada para o cultivo.

Planejar o plantio da soja é essencial para obter bons resultados na hora da colheita. O pesquisador da Embrapa Cerrados Plínio Itamar de Mello de Souza conta que estudos feitos no centro de pesquisa indicam que, se o plantio for feito fora da época ideal, as perdas podem chegar a 50%. Ele explica que existem três categorias de variedades. No Cerrado, as precoces devem ser plantadas preferencialmente no final de outubro e início de novembro, e as de ciclo médio e tardias em meados de novembro. A segunda quinzena de outubro e a primeira quinzena de dezembro são períodos marginais de plantio, em que as perdas são mais acentuadas. No caso do plantio tardio, Souza diz que há



Por causa da ferrugem, a janela de plantio encolheu, e as semeaduras tardias sempre resultam em baixas produtividades

encurtamento do ciclo, com florescimento precoce e falta de chuva durante a maturação. No plantio antecipado, pode faltar umidade suficiente para a germinação.

Mas conhecer o calendário de plantio não é o único segredo para o sucesso na sojicultura. “O planejamento da cultura deve ser feito com antecedência, observando-se a ocorrência de doenças e de acordo com a maquinaria e a área disponíveis e as variedades escolhidas”, avalia o pesquisador. Ele exemplifica: um produtor que escolhe somente uma variedade precoce e dispõe de apenas uma plantadeira para uma área muito grande corre o risco de terminar o plantio fora da época adequada e de sobrecarregar a colheita.

Em grandes áreas, deve ser avaliado o plantio de variedades precoces, de ciclos médio e tardio. No período de enchimento dos grãos, a soja é muito sensível a veranico. Caso o produtor tenha

Suzuki: seguir a época de plantio recomendada sempre foi importante, mas agora ainda mais



uma área inteira plantada com a mesma variedade e ela estiver nesse período, em caso de veranico, a lavoura pode sofrer grandes perdas. No período vegetativo a soja ainda é bastante tolerante. Esta é uma das vantagens do produtor que faz o escalonamento de plantio, segundo Souza. “Outro aspecto importante do escalonamento é o custo. Uma

A maioria dos patógenos pode ser transmitida pelas sementes. Portanto, o uso de sementes saudáveis e o tratamento são essenciais



colheitadeira custa cerca de R\$ 400 mil. Se o produtor plantar toda a soja ao mesmo tempo, ou uma só variedade, tem que colher ao mesmo tempo”, explica o pesquisador. Para ele, ao definir o escalonamento, o produtor está planejando também o uso da maquinaria.

Para o agrônomo João Batista da Silveira Luiz, do Laboratório de Produção de Sementes, da Coamo, as sementes são “projetos” específicos prepara-

TeeJet

CenterLine[®] 230BP: Simples e de baixo custo

Novas características, o mesmo baixo custo

Você não irá encontrar outro sistema de guia via GPS que ofereça mais qualidades que o CenterLine 230BP:

- Modo de guia inclui:
 - Bordadura
 - Linha Reta e Curva AB
 - Curva Adaptativa
 - Pivô central
- Apto para upgrade de controle automático de seções
- Área Aplicada e retorno ao ponto
- Sensor de inclinação opcional melhora o desempenho em áreas de muito declive
- Compatível com nosso sistema de direção assistida (piloto automático)

Fácil de operar

- Display de fácil leitura
- Portátil e extremamente fácil de configurar

Rápido retorno do investimento

- Maior precisão; minimiza o custo e aumenta o lucro
- Menor fadiga do operador aumenta a produtividade

Pergunte ao seu distribuidor pelo preço e uma demonstração



CenterLine 230BP

Orientação via GPS TeeJet: Seu dinheiro vale mais.

TeeJet www.teejet.com

TeeJet South America • Avenida João Paulo Abilas, nº 287 • CEP: 06711-250 • Cotia, SP • Brazil • 11 4612-0049



Na escolha da variedade, considerar o mato-competição, fertilidade do solo, presença de nematóides e a cultura subsequente

dos para uma determinada condição de clima, solo e tecnologia. Segundo ele, não há condição de ajustar as fases de produção no meio do caminho. “Por isso existe o planejamento. Erros de decisão podem custar caro ao produtor”, adverte.

Na avaliação de Silveira Luiz, a escolha das variedades é o passo mais importante que o produtor rural pode dar no planejamento de plantio. “Existem diversos trabalhos que comprovam que 50% dos ganhos de produtividade são advindos do melhoramento genético. E as variedades modernas, comparadas com as mais antigas, são mais estáveis, com melhor adaptação e melhor tolerância a doenças e questões de fertilidade. Desta forma, o planejamento de cultivo deve contemplar a época de plantio, que faz parte do manejo, como algo básico para que os materiais consigam expressar todo o seu potencial produtivo”, alerta.

Se o produtor fugir dessa orientação técnica ele vai correr riscos desnecessários. “E normalmente as causas de insucesso que se vê em uma lavoura de soja estão muito relacionadas com época de plantio, populações de plantas e manejo errado”, destaca o agrônomo. Entre os riscos, segundo Silveira Luiz, estão o porte baixo de plantas e a redução de produtividade. E expor o material a uma condição para a qual ele não foi projetado, enfatiza. “Precocidade não é sinônimo de estabilidade. O que não significa que as cultivares precoces não são produtivas. Mas, se o plantio for feito fora da época recomendada, as fases críticas da cultura – floração, formação e enchimento de grãos – poderão não se desenvolver adequadamente. Se isso acontecer, não tem como re-

EXEMPLOS DE QUEM PLANTA BEM E COLHE MELHOR AINDA

Espalhados pelo Brasil, produtores de soja seguem rigorosamente as orientações técnicas na hora do plantio e colhem excelentes resultados. É o caso do sojicultor Sady Dutra, com propriedade em Campos Novos/SC. Lidando com agricultura desde 1982, ele reserva 250 hectares dos 500 hectares para o plantio da oleaginosa. O restante fica para o plantio de milho (maior parte) e feijão. Recentemente, Sady e seu filho, Juvenil Dutra, passaram por uma experiência que poderá modificar o perfil da lavoura localizada quase na divisa com o Rio Grande do Sul. A dupla aceitou participar do concurso de produtividade promovido pela Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec), com sede em Cascavel/PR, que reuniu a elite da sojicultura brasileira.

A competição contou com a participação de 326 produtores do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de São Paulo e do Mato Grosso do Sul. Eles testaram a campo o desenvolvimento de duas novas cultivares, lançadas na safra 2007/2008. Cada produtor concorreu com área mínima de um hectare de sua propriedade. Os Dutra foram campeões ao obterem 88,9 sacas por hectare, quase o dobro do rendimento médio da soja no Brasil na última safra, que foi de 46,9 sacas por hectare.

Juvenil diz que plantou no dia 26 de outubro. Não economizou em adubação, ao aplicar por hectare 400 quilos de fertilizante e mais 100 quilos de cloreto de potássio. “Chuvas pesadas caíram logo após o plantio e atrapalharam a germinação. Mesmo assim, os resultados superaram as

nossas expectativas”, vibra o produtor.

Já o produtor e agrônomo Gervásio Kamitani (foto) cultiva soja ao sul do Mato Grosso do Sul. Os arrendamentos ficam nos municípios de Naviraí e Itaquiraí, em uma área total de 4 mil hectares, onde obteve uma produtividade média de 58 sacas por hectare. Para alcançar esse desempenho, ele está constantemente aprimorando o plantio, realizando pulverização e evitando desperdício e perdas em todos os processos da produção.

Para escolher as variedades, Kamitani faz o mapeamento da propriedade, separando as áreas de plantio por fertilidade do solo e observando a textura do solo que se encontra no local. Posteriormente, define as culturas onde cultiva soja, milho e algodão na safra de verão e milho-safrinha, feijão, trigo e sorgo no inverno. “Devido ao conhecimento do histórico da área e não apostando somente em um único ciclo vegetativo e reprodutivo da cultura, as cultivares são distribuídas conforme o seu ciclo, para diminuir os riscos edafoclimáticos”, explica.

Na lavoura, as cultivares transgênicas são posicionadas nas áreas mais infestadas com plantas daninhas de difícil controle. A continuidade é feita com as cultivares convencionais nas áreas com menores problemas de infestação dessas ervas. “Esses manejos de posicionamento de cultivares transgênicas e convencionais possibilitam amenizar a propagação dessas plantas daninhas nos próximos anos de plantio”, ensina Kamitani.



SANIDADE: AS AMEAÇAS ALÉM DA FERRUGEM

As doenças podem causar um impacto significativo no rendimento potencial da soja, dependendo do estágio vegetativo em que se encontra. Segundo a pesquisadora Tatiane Dalla Nora, do Programa Soja Coodetec, aproximadamente 40 doenças causadas por fungos, bactérias, vírus e nematóides já foram identificadas no Brasil. Este número continua aumentando em decorrência da expansão da soja para novas áreas e como consequência da monocultura. “A maioria dos patógenos podem ser transmitidos através das sementes e, portanto, o uso de sementes saudáveis ou o tratamento de sementes são essenciais para um bom estabelecimento da cultura e prevenção ou redução das perdas”, explica a pesquisadora.

Lagarta-elasma, coró e percevejo-castanho são pragas que atacam a lavoura no início da safra e comprometem a emergência das plantas. O controle destas deve ser, de acordo com Lúcia Vivan (foto), pesquisadora da Fundação MT, com tratamento de sementes. Para tanto, produtor e equipe devem fazer o monitoramento prévio antes do plan-

to. “É preciso verificar as áreas com cobertura antes do plantio da soja, principalmente nas áreas de milheto e milho, para evitar a ocorrência das pragas iniciais”, observa Lúcia. Ela indica o tratamento de sementes com fipronil para lagarta-elasma e neonicotinóide para áreas com histórico de ataque de besouros metálicos.

O manejo destas pragas deve ser feito na dessecação antecipada em torno de 25 dias para desfavorecer as pragas que estiverem na área. “Nesse caso muitas vezes nem há a necessidade de utilizar inseticida”, explica. Fazer

amostra regular e sistemática da cultura da soja para identificar as pragas é outra recomendação da pesquisadora. Há pragas que aparecem em áreas não identificadas. Na safra passada, por exemplo, houve incidência alta de lagarta-elasma e lagarta Spodoptera e rosca em áreas onde não havia histórico. “Por isso, defendemos o monitoramento das pragas na safra e entressafra”.



Assessoria Fundação MT

cuperar mais”, esclarece.

Veranicos definem o plantio —

Na parte mais meridional do Brasil, os cuidados com as variedades dependem do clima. Segundo o agrônomo Luciano Callegaro, da Cooperativa Agrícola Tupanciretã (Agropan), localizada na região central do Rio Grande do Sul, em função dos veranicos que ocorrem de janeiro a março, é recomendável diversificar as variedades e escalonar a época de semeadura. Na região, a maior produtora de soja do Estado, a sugestão é a utilização de 40% de cultivares de ciclo precoce, 30% de ciclo médio e 30% de ciclo tardio. “Assim, conseguimos o equilíbrio e bons rendimentos.”

Callegaro afirma que, com o lançamento de novas variedades, a semeadura direta e o aumento significativo de doenças têm aparecido alguns

Monitor de plantadeira Auteq Controle e eficiência em sua lavoura

Quem tem o MPA1200 da Auteq no campo tem muito mais controle e eficiência no plantio. Além disso, tem a seu lado a ferramenta mais robusta do mercado. Os produtos desenvolvidos pela Auteq são pura tecnologia e foram projetados para oferecer a você soluções confiáveis e de baixo custo.

Não deixe suas sementes sem controle. Leve já para o campo o monitor de plantadeira MPA1200 da Auteq.

Monitor de Plantadeira
MPA1200

COMPRE COM REFI
CARTÃO BNDES



www.auteq.com.br

Auteq

Consulte o agente autorizado Auteq em sua região ou ligue agora para (11) 2107.1888





questionamentos quanto a algumas práticas de manejo, principalmente em relação à população de plantas e ao espaçamento entre linhas. “O agricultor deve obedecer rigorosamente à recomendação do produtor da semente, que tem sido uma redução da população em relação ao passado”, aponta. Quanto ao espaçamento entre linhas, o agrônomo pede que o produtor tenha paciência e não passe a aderir a modismo.

Na área de atuação da Agropan, a totalidade da cultura de soja é transgênica e, por isso, o principal herbicida é o glifosato. Callegaro revela um detalhe desconhecido por muitos leigos: nos últimos anos, o uso contínuo deste herbicida tem provocado o surgimento de algumas ervas. “Isso faz com que o produtor tenha que utilizar hoje alguns ingredientes ativos usados na época do plantio convencional”, aponta.

Mas o calcanhar-de-aquiles da cultura no Rio Grande do Sul não difere do verificado em outras regiões do país: hoje, a cultura é dependente dos fertilizantes, que representam 50% do custo dos insumos. A solução encontrada na região é a utilização cada vez maior da agricultura de precisão, que possibilita a racionalização na aplicação dos fertilizantes. “Nos últimos anos, há um aumento gradativo da utilização desta prática, proporcionando uma racionalização no uso do fertilizante e um aumento significativo na produtividade”, explica, sem apresentar índices precisos sobre as vantagens alcançadas.



OLHO VIVO COM A FERRUGEM

● Obedeça o período de vazio sanitário. Essa estratégia tem mostrado resultado desde o início de seu emprego nos Estados que a adotaram, retardando a ocorrência da doença.

● Planeje a semeadura, que deve ser realizada no início da estação de cultivo, de acordo com o zoneamento agroclimático de cada região.

● Como o fungo se multiplica rapidamente (cerca de 6 a 8 dias entre um ciclo e outro da doença), a quantidade de inóculo tende a aumentar rapidamente com o passar dos dias. Por isso, as semeaduras realizadas mais cedo sofrerão menor pressão da doença.

● Após a instalação da lavoura, a palavra de ordem é monitoramento. O momento ideal para aplicação de fungicidas é quando surgirem as primeiras pústulas da doença. Portanto, faça a vistoria da lavoura frequentemente, intensificando a observação após o florescimento, quando as chances de ocorrência da ferrugem são maiores.

● Na hora de aplicar o fungicida, atente para a tecnologia de aplicação, observando as regulagens dos equipamentos, as condições climáticas, o volume de calda e o tamanho de gotas, além de outras recomendações dos fabricantes de fungicidas.

● A aplicação preventiva de fungicidas, quando realizada, deve basear-se em critérios técnicos, levando-se em consideração o estágio de desenvolvimento da planta, a capacidade operacional, as condições climáticas, a situação da ferrugem na região e a ocorrência de outras doenças.

● Como a ferrugem se dissemina muito rapidamente na lavoura, atenção para não perder o ponto ideal de aplicação do fungicida. Alguns dias de atraso podem comprometer toda a estratégia de controle. O que não pode é aplicar fungicidas “preventivamente” quando na verdade não se sabe se a doença já se instalou na lavoura, por falta de monitoramento ou de conhecimento técnico para sua identificação.

Fonte: Consórcio Antiferrugem



ANÚNCIO

EXPECTATIVA DE RECORDES

Feira será realizada entre 30 de agosto e 7 de setembro, em Esteio/RS

O Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, está recebendo os últimos retoques para o início da 31ª Expointer. Este ano, a tradicional feira agropecuária será realizada entre os dias 30 de agosto e 7 de setembro. A estimativa do secretário estadual da Agricultura, João Carlos Machado, é de um crescimento de 50% no volume de negócios em comparação com a edição passada, quando as vendas de animais, máquinas, implementos agrícolas, artesanato e produtos da agricultura familiar somaram R\$ 131,53 milhões. Se o clima colaborar, o parque de Esteio deve receber mais de 800 mil pessoas, número superior a 2007, quando o público visitante foi de 695 mil pessoas.

A expectativa de recordes para esse ano é justificada pelo bom momento vivido pelos produtores gaúchos, segundo o secretário. Ele lembra que, no ano passado, os gaúchos colheram a maior

safrinha de grãos da sua história e, em 2008, a segunda maior de todos os tempos. “A diferença é que, agora, os preços dos produtos estão bem melhores do que no ano passado, ajudando o produtor a recuperar sua renda e a pensar em investimentos”, analisa Machado. O otimismo também é percebido entre os expositores, que anteciparam a reserva de espaços no local da feira. Em junho, todas as áreas administradas pela Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio já haviam sido comercializadas, o que gerou uma extensa lista de espera.

O Parque Assis Brasil vem recebendo melhorias para atender os expositores e os visitantes. Entre as principais obras, estão a revisão e o conserto de 39 transformadores, a instalação de iluminação no estacionamento com entrada pela nova “Avenida do Parque”, o reparo de goteiras nos pavilhões e sanitários públicos e a construção de um

alojamento no pavilhão dos ovinos. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul deve investir em torno de R\$ 1 milhão nessas benfeitorias.

A Expointer é o momento em que agricultores e pecuaristas podem conferir de perto as tecnologias do mercado de máquinas agrícolas e as novidades em genética animal. Reuniões de associações de raça, julgamentos, provas e leilões estão na programação da feira. Nesta edição, depois de dois anos, a exposição voltará a receber bovinos e ovinos de fora do Rio Grande do Sul. Superadas as restrições sanitárias para o trânsito de animais entre os Estados brasileiros, em virtude dos focos de febre aftosa registrados em 2005 no Mato Grosso do Sul e no Paraná, a Expointer terá a participação de 6.148 animais de elite. O número é 0,67% superior ao do ano passado e não contabiliza a inscrição de animais rústicos, que seria encerrada em 4 de agosto. ■



ANÚNCIO

EM BREVE, A ERA DO



Pesquisas no mundo todo, inclusive em instituições brasileiras, desenvolvem os chamados alimentos biofortificados, culturas comerciais convencionais, mas que geram, ao natural, produtos mais ricos em nutrientes e vitaminas

Tháise Teixeira

Dentro de três ou quatro anos, os pequenos agricultores brasileiros terão uma nova opção de renda. São os chamados alimentos biofortificados que, além de garantirem subsistência e nutrição às famílias, poderão ser comercializados com alto valor agregado. O pulo-do-gato está na composição dos produtos, que têm maior índice de ferro, zinco, proteínas e vitamina A do que os convencionais. Os estudos se iniciaram no Brasil em 2004 e integram os projetos internacionais chama-

dos HarvestPlus e AgroSalud. O objetivo inicial é suprir a dificuldade de suplementação de vitaminas e minerais para combater a desnutrição, a cegueira e a anemia em regiões sem acesso aos alimentos processados. A aliança envolve o Banco Mundial, a Fundação Bill e Melinda Gates, governos de diversos países, empresas multinacionais, universidades e instituições de pesquisa, que têm a incumbência de encontrar a “fórmula mágica” para a composição dos alimentos desejados.

Os produtos eleitos foram escolhidos por serem amplamente consumidos pelas populações de baixa renda na América Latina, África, Ásia e Caribe, como feijão, mandioca, milho, arroz, batata-doce e trigo. E a projeção dos especialistas é, em pouco tempo, incluir novos itens no rol das pesquisas como o amendoim, a lentilha, o milheto, o feijão-guando, a batata, o sorgo e o inhame. “As descobertas serão compartilhadas em todo o mundo e estão livres do pagamento de *royalties*”, salienta a co-

OS BIOFORTIFICADOS



tarem, queremos inseri-lo no cardápio local”, explica Marília. Outro objetivo é avaliar as condições em que as cultivares se desenvolvem nas lavouras, parte essencial do projeto. “São grãos que são plantados em conjunto com agricultores porque precisamos receber um *feedback*. O produto também tem que ser bom na parte agrícola”, explica a coordenadora do projeto de biofortificação na Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Wania Maria Fukuda. A raiz tem um tom mais amarelado do que as tradicionais, será macia e terá poucas fibras. “Já conseguimos triplicar o teor de betacaroteno, elevando de 4 microgramas por grama para 12 microgramas por grama”, justifica Wania. A intenção é usá-la na alimentação dos agricultores do Nordeste, já que é cultura tradicional na região. “Esses testes vão até 2013, quando termina o projeto. A intenção é, a cada dois anos, liberar novas variedades”, revela.

Milho — Já para se conseguir variedades de milho biofortificado a previsão dos especialistas brasileiros é de três a quatro anos. O grande desafio é encontrar maior concentração de ferro e zinco para garantir uma maior absorção pelo organismo, já

que o milho tem muito fitato (composto que, ligado a sais minerais, impede o bom aproveitamento desses nutrientes). Por isso, a linha mais adiantada é a que testa o aumento de betacaroteno. “No próximo ano, já começamos a testar no Nordeste o milho rico em vitamina A”, adianta o pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo, Paulo Evaristo de Oliveira Guimarães. A meta é chegar a 15 microgramas de vitamina por grama, enquanto hoje são 2 microgramas/grama. “Identificamos uma variedade com 8 microgramas por grama, mas não é biofor-

tificado”, ressalta. Para os minerais, a meta é chegar a 60 microgramas por grama de ferro e 40 microgramas por grama de zinco, enquanto a média é 20 microgramas/grama para cada um dos elementos.

Para os pesquisadores da Embrapa Arroz e Feijão, a dificuldade é a falta de adaptação do feijão ao clima das regiões semi-áridas. As quantidades de minerais encontradas estão bem acima da média das cultivares tradicionais, mas a baixa produtividade ainda preocupa. “O desempenho nutricional precisa ser acompanhado do agrônomo para conquistar os pequenos produtores. E isto ainda não temos”, explica a pesquisadora Maria José Peloso. O Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) também desenvolve variedades de feijão biofortificado, mas por meio do Projeto Bioforta. Os estudos, inicialmente financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo governo do Paraná, em 2004, tinham como base uma disponibilidade genética de mais

Edno da Silva/Iapar

Edno da Silva/Iapar

Embrapa Agroindústria de Alimentos

Marília Nutti, da Embrapa Agroindústria de Alimentos: as descobertas são compartilhadas e livres do pagamento de royalties



ordenadora do HarvestPlus no Brasil e pesquisadora da Embrapa Agroindústria de Alimentos, Marília Nutti. No Brasil ainda não há cultivares disponíveis aos produtores, mas os estudos seguem de vento em popa em diversas unidades da Embrapa (unidades Agroindústria de Alimentos, Arroz e Feijão, Mandioca e Fruticultura Tropical, Milho e Sorgo, Hortaliças, Meio-Norte e Tabuleiros Costeiros).

E os resultados já começaram a aparecer. É o caso das cultivares de mandioca BRS Gema de Ovo e BRS Dourada, fruto dos trabalhos da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, com sede em Cruz das Almas/BA. Os testes no campo estão sendo feitos por agricultores do Sergipe e do Maranhão. “São os primeiros testes de aceitabilidade. O alimento será consumido em escolas e creches. Se as crianças gos-



“Estamos avaliando feijão de diferentes origens e tipos em busca de fontes de variabilidade genética”, explica Vânia, do Iapar

Edno da Silva/Iapar

ou menos 100 materiais.

Já hoje, após aporte financeiro do Ministério do Desenvolvimento Social, os especialistas trabalham com um banco de germoplasma (conjunto dos vários tipos, que representam a variabilidade genética da espécie) de 7,7 mil acessos (que compõem o germoplasma). “O projeto é realizado em parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL). A busca é pelos elementos que representam a principal carência na nutrição humana como ferro, zinco, proteína e betacaroteno”, explica a coordena-

dora do Bioforta no Iapar, Vânia Cirino.

Uma das metas é fazer com que as novas cultivares cheguem às mãos dos pequenos produtores. O segmento responde por 80% da safra de feijão do Estado que é o maior produtor nacional do grão. “A maioria deles produz em área menor do que 50 hectares”, ressalta Vânia. Desde dezembro de 2007, os pesquisadores estão com todos os acessos sendo testados no campo. São avaliações de variedades comerciais, que já estão em desuso, de crioulas, de materiais de instituições de pes-

ARROZ DOURADO VALE POR UM PRATO CHEIO

Um dos alimentos geneticamente modificados mais conhecidos é o chamado “arroz dourado”. O grão foi desenvolvido por cientistas da Alemanha, Estados Unidos, China, Vietnã e Filipinas, que têm o objetivo de, até 2015, fazer com que um copo ou 160 gramas do “golden rice” cozido possa fornecer aos mais necessitados os nutrientes combinados de uma fatia de carne, uma porção de camarão, um ovo frito, alguns vegetais e frutas. O produto, que é diferenciado por sua cor amarelada resultante da concentração elevada de betacaroteno, teve seu desenvolvimento iniciado em 1999 pelo cientista Peter Beyer, da Universidade de Friburgo (Alemanha). Para fortificá-lo com mais proteína, vitamina E, zinco e ferro, o consórcio financiado pela Fundação Bill e Melinda Gates recrutou biólogos moleculares, bioquímicos e melhoristas de diversas instituições no mundo.

Segundo a chefe do Departamento de Nutrição e Saúde da Universidade de Viçosa/MG, Neuza Maria Brunoro Costa, os estudos mais avançados, no Reino Unido, já apontam para uma nova variedade do cereal geneticamente modificado, que produz muito mais betacaroteno do que as variedades antes testadas. “A quantidade é 23 vezes maior do que a anterior”, diz. As pesquisas contam com a colaboração da multinacional Syngenta. “A empresa está disponibilizando o ‘arroz dourado’ gratuitamente para os centros de pesquisa da Ásia, que poderão dar início aos testes de campo, se assim permitirem seus governos, nos próximos cinco anos”, ressalta Neuza.

Divulgação

quisas e de universidades brasileiras. “Estamos avaliando feijão de diferentes origens e tipos em busca de fontes de variabilidade genética”, esclarece Vânia. Os paranaenses já conseguiram destaque no feijão-carioca e no preto, onde a correlação entre o teor de ferro e zinco foi satisfatória. “O melhoramento das suas substâncias foi simultâneo”, diz ela.

Alimentação animal — Os estudos direcionados para o melhoramento da nutrição humana estão a um passo de ter, também, como alvo a alimentação animal. Marília Nutti, da Embrapa, é fervorosa apostadora nessa tendência. “Já estão sendo realizadas pesquisas neste sentido na África. Os primeiros resultados foram promissores, embora a primeira preocupação seja em combater a anemia e a cegueira nas populações mais pobres”, lembra. Mas a pesquisadora do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), Alda Lerayer, revela que já está no mercado dos Estados Unidos um tipo de milho com maior produção de lisina – alimento essencial para alimentação animal (ração). “Essa substância faz com que não se precise usar complemento”, argumenta. A diminuição de custo com a ração, neste caso, é outra vantagem. “Daqui para frente, será possível fazer com que o produto contenha todos os itens necessários para o desenvolvimento dos animais, além de alimentos mais saudáveis, que tragam benefícios aos seres humanos”, projeta Alda.

A especialista, que chama os alimentos biofortificados de “segunda geração dos alimentos transgênicos”, conta que os estudos com organismos geneticamente modificados voltados para a biofortificação tiveram início no ano 2000 e já resultaram em inúmeros avanços como, por exemplo, na soja com Ômega Três, na beterraba com mais açúcar e no tomate com mais licopeno (substância que previne o câncer e é antioxidante). Também há as hortaliças com maior durabilidade, mais micronutrientes e menos fitato. Além da vitamina A e ferro, os estudos transgênicos buscam os isoflavonóides (substâncias que trazem benefícios à saúde como prevenção de doenças cardiovasculares, combate ao colesterol, prevenção de câncer e osteoporose e alívio dos sintomas da menopausa). Os isoflavonóides, explica Alda, vêm sendo testados em outros alimentos além da soja como, por exemplo, em hortaliças. “No Brasil, hoje, ainda não há essa tecnologia disponível. A estimativa depende de como



Embrapa Agroindústria de Alimentos

As pesquisas priorizam sobretudo alimentos de consumo humano, como é o caso dos feijões

o Governo vai encarar o caso. Se a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) puder trabalhar com a mesma celeridade com que trabalhou em 2007, e o assunto não terminar na Justiça, pode ser que se desenvolvam mais”, estima.

As alterações genéticas que estão sendo avaliadas passam por testes definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) antes de chegarem à CTNBio. Também devem obedecer às regras do Codex Alimentarius, que cria padrões e diretrizes para a produção, o consumo e a rotulagem dos Organismos Geneticamente Modificados (OGMs). “Se você diz que não está aprovado nada, você diz que a OMS mente. Os alimentos biofortificados são a mesma coisa que transgênicos”, frisa. A expectativa de Alda é de que, em 2009, a CTNBio já possa avaliar OGMs que estão em fase de estudos no campo. A estimativa é de que os produtos de fora devam demorar uns dois ou três anos para chegar ao Brasil. “O risco que se corre é de desenvolver a tecnologia aqui, vendê-la para fora do país e ainda ter que comprá-la de volta”, ressalta. A agricultura orgânica, segundo ela, seria a maior beneficiada com a segunda geração da transgenia. “O pequeno agricultor é o que mais se beneficiará, pois haverá um comprador que pagará a mais pelos produtos”, prevê. ■

PRINCIPAIS PESQUISAS NO BRASIL

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Alface — Produzida com um gene resistente a *Sclerotinia*, fungo que causa a podridão da hortalica e é responsável por uma doença conhecida como mofo branco.

Feijão — Plantas resistentes ao vírus do mosaico dourado, considerada o pior inimigo da cultura na América do Sul.

Batata — Variedades resistentes aos vírus Y e PLRV. O primeiro causa o enrugamento das folhas e mosaico, e o segundo provoca o enrolamento. Juntos, são capazes de causar 100% de perdas na produção.

Mamão — Plantas resistentes ao vírus da mancha anelar (que reduz o tamanho das folhas e diminui a capacidade de fotossíntese das plantas).

Tomate — Resistente ao grupo dos geminivírus, uma das piores pragas dessa cultura e que tem inviabilizado o seu cultivo em várias regiões brasileiras.

Soja — Além das variedades de soja transgênica com resistência a herbicidas, que já estão desenvolvidas e prontas para serem testadas no campo, há pesquisas para a sua transformação genética. Uma delas, de aplicação para a saúde humana, é para expressar o hormônio do crescimento que, por ser muito caro, é pouco acessível à população.

Algodão — Plantas transgênicas de algodão com resistência a herbicidas, doenças fúngicas e bacterianas.

Soja sem fitato — A retirada do fitato, acreditam os pesquisadores, vai beneficiar também o meio ambiente, através da redução do teor de fósforo encontrado nas fezes de frangos e suínos, que é um dos fatores de contaminação. As plantas transgênicas de soja sem o fitato já estão sendo geradas, e a idéia é estender essa tecnologia para as plantas de feijão.

Universidade Federal de Viçosa

Tolerância à seca — A partir de um gene isolado na Universidade Federal de Viçosa, estão sendo iniciadas pesquisas para desenvolvimento de plantas de soja tolerantes à seca. O gene está sendo inserido em plantas de soja e, se der certo, será introduzido em outras culturas de importância socioeconômica.

Esalq/USP

Eucalipto — Pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, vinculada à Universidade de São Paulo, estão estudando uma variedade geneticamente modificada de eucalipto que teve um gene de ervilha inserido em seu código genético e, como consequência, poderá produzir mais biomassa, levando a uma maior produção de celulose.

Há 25 anos pesando o agronegócio no Brasil.

A Saturno tem orgulho de estar ao lado daqueles que plantam, colhem, produzem, industrializam, transportam e ocupam um importante papel na economia do país. A Saturno acredita e aposta nas riquezas de nossa terra, utilizando recursos nacionais e valorizando a capacidade dos que constroem o futuro da nação.

Balanças rodoviárias, ferroviárias, rodo-ferroviárias e industriais.
Pesagem dinâmica e automação.

Balanças **Saturno** 25 ANOS 1983/2008
Parceria de verdade.

AGRIBUSINESS

Rua Major Serzedelo, 155, Caxias/RS - CEP 92020-570. Fax 51. 3463.1000

19145 São Paulo/SP 11. 3071.8744 Curitiba/PR 51. 9142.1818

www.saturno.ind.br 51. 3462.7400

1000 2000

ATENÇÃO PARA O PLANTIO



Escolha do Leitor

Seguir as indicações dos especialistas na hora de formar a lavoura ajuda a minimizar os riscos da produção

Denise Saueressig
denise@agranja.com

As análises do solo, das condições climáticas e das plantas mais adequadas para cada situação são elementos essenciais para o planejamento e a formação da lavoura. Afinal, como não tem poder sobre o clima, o produtor precisa lançar mão de outras ferramentas que podem ajudá-lo na hora de projetar o plantio da próxima safra.

Seguir o Zoneamento Agrícola de Risco Climático é um bom começo. Instrumento criado pelo Governo Federal, o zoneamento tem por finalidade indicar os períodos mais adequados para a semeadura das culturas de acordo com o município, o tipo de solo e o ciclo de cada cultivar. A intenção é reduzir as chances de ocorrência de adversidades climáticas na fase mais crítica da planta. “Seguindo as observações, o que

esperamos é que a probabilidade de sucesso do agricultor seja de, no mínimo, 80%, ou seja, num horizonte de dez anos, oito anos podem ser de resultados favoráveis e de boas colheitas”, salienta Gustavo Bracale, coordenador-geral de Zoneamento Agropecuário do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

As pesquisas envolvendo o zoneamento agrícola iniciaram no Brasil em 1996, apenas com o trigo. Aos poucos, foram incorporadas outras plantas em diferentes regiões do país. Até o final deste ano, 25 culturas estarão no sistema, que vai abranger a safra de verão em 23 Estados e a safrinha em oito Estados. “Os estudos são revisados anualmente, o que significa que, a cada período, podem surgir informações no-

vas”, explica o dirigente do Mapa.

O Governo tem por objetivo ampliar gradativamente o número de instruções fornecidas todos os anos. Para a safra 2008/2009, serão 295 portarias para culturas anuais, perenes e semiperenes (mamona). “Se tudo ocorrer como planejamos, a meta é que tenhamos em torno de 600 portarias até 2012”, destaca Bracale.

Para definir o zoneamento, um modelo estatístico é aplicado sobre a análise de séries climáticas históricas de, no mínimo, 15 anos, correlacionadas ao ciclo de maturação fisiológica das culturas e ao tipo de solo conforme sua capacidade de retenção de água. A metodologia é resultado do trabalho de uma equipe de especialistas de diversas instituições de pesquisa, incluindo a Em-

brapa, fundações e universidades.

Em algumas regiões, as determinações são definidas levando em conta também os dados do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), que é gerenciado pelo Ministério do Meio Ambiente. O ZEE é um instrumento de gestão territorial dirigido para a conservação dos recursos naturais. O objetivo é contribuir para melhorar a eficácia das políticas públicas de desenvolvimento, racionalizar o uso do território, reduzir ações predatórias e apontar atividades sustentáveis.

Por ser um pacote tecnológico de gestão de riscos, o Zoneamento Agrícola de Risco Climático ainda indica as cultivares adaptadas às diversas regiões, assim como a disponibilidade de sementes certificadas. Para indicação no zoneamento, é necessário que as plantas constem no Registro Nacional de Cultivares (RNC) do Mapa.

A divulgação das indicações é feita

por meio de portarias publicadas no Diário Oficial da União. O produtor também pode ter acesso às orientações por meio dos profissionais do setor agrícola, dos técnicos envolvidos com a extensão rural, das seguradoras, dos agentes financeiros, das cooperativas e das secretarias de agricultura. Na internet, as portarias são publicadas na página do Mapa, no endereço www.agricultura.gov.br. Para os bancos, as orientações contidas no zoneamento são fundamentais para a liberação das operações que envolvem o crédito de custeio agrícola. O mesmo vale para a contratação de seguro rural privado ou público.



Carlos Silva/ACS-GM/Mapa

Bracale, do Mapa: sistema começou com o trigo e hoje abrange 25 culturas em diferentes regiões

Para simplificar o entendimento dos dados, as portarias estão organizadas em cinco tópicos. São eles: 1) Nota técnica; 2) Tipos de solos aptos ao cultivo; 3) Tabela de períodos de plantio; 4) Cultivares indicadas; 5) Relação dos municípios aptos ao cultivo e períodos indicados para o plantio. ■

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agromews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

CULTURAS CONTEMPLADAS NA SAFRA 2008/2009

Anuais — Algodão, arroz (sequeiro e irrigado), amendoim, canola, cevada (irrigada e não irrigada), feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), feijão-caupi, girassol, mandioca, milho (safra e safrinha), soja, sorgo granífero e trigo (sequeiro e irrigado).

Semiperene — Mamona.

Perenes — Ameixa, banana, café, caju, coco, dendê, maçã, nectarina, pêra, pêssego e uva.

Fonte: Ministério da Agricultura



PM 400

O monitor de plantio PM 400, fabricado pela DICKEY-john, monitora até 36 linhas de sementes e adubo e permite o plantio noturno, aumentando o rendimento. Possui alarmes visuais e sonoros para diversas situações. Sua configuração é simples e fácil, podendo ser feita rapidamente.

Plantio.
Com tecnologia,
você lucra muito mais.



PM 100

Monitor de plantio

- ✓ 16 linhas
- ✓ Eficiente
- ✓ Baixo custo



www.agrosystem.com.br
Telefone 16 3434-3800

Agrosystem
Tecnologia ao seu alcance

A SAFRA DE VERÃO SERÁ DOURADA?

O cereal vive seu momento histórico, com recordes de cotação em Chicago e de produção no Brasil. Mas o inimigo tem nome: custo de produção

Luiz Silva

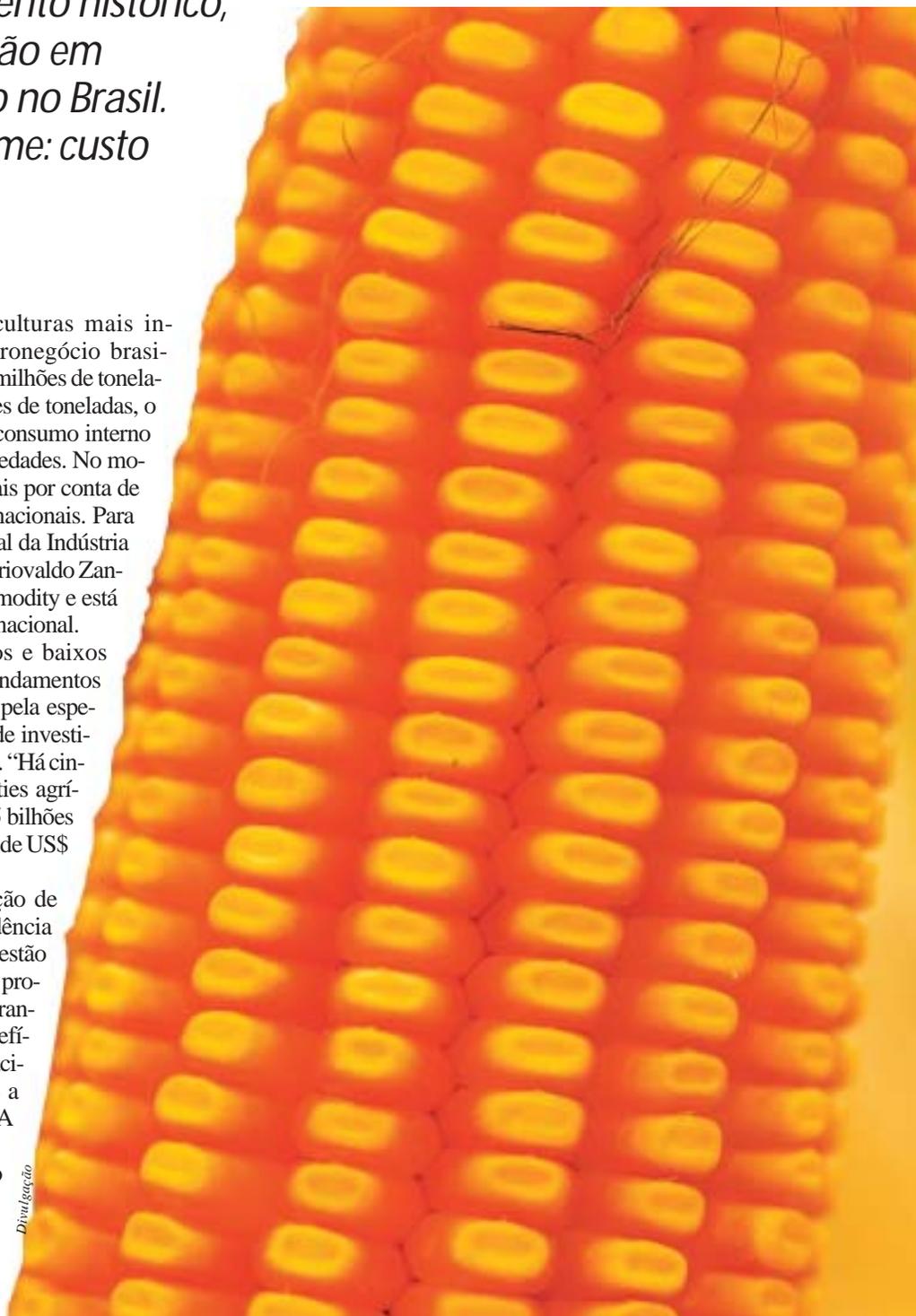
O milho é atualmente uma das culturas mais influentes no desempenho do agronegócio brasileiro. Com produção anual de 57 milhões de toneladas e exportações em torno de 11 milhões de toneladas, o grão deixou de ser apenas insumo para consumo interno de aves, suínos e gado leiteiro nas propriedades. No momento, essa importância cresce ainda mais por conta de uma singular conjunção de fatores internacionais. Para o diretor-executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), Ariovaldo Zanni, o milho se transformou em uma commodity e está definitivamente inserido no cenário internacional.

Com isso, o comportamento de altos e baixos da sua cotação é influenciado pelos fundamentos macroeconômicos (oferta e demanda) e pela especulação futura motivada pela migração de investimentos financeiros do mercado acionário. “Há cinco anos, os investimentos em commodities agrícolas somavam algo em torno de US\$ 25 bilhões de dólares. Atualmente, já alcançam mais de US\$ 265 bilhões”, compara Zanni.

De fato, nunca houve uma conjunção de fatores que colocasse o milho em evidência como atualmente: os norte-americanos estão usando milhões de toneladas do grão para produzir etanol, enquanto o Brasil está registrando recordes de exportação. Mas os benefícios não ficam aí: há as cotações internacionais crescentes na Bolsa de Chicago e a perspectiva de redução de safra nos EUA em razão de problemas climáticos.

Um exemplo pôde ser verificado no final de junho, quando as chuvas em regiões produtoras do meio-oeste dos Es-

Divulgação



tados Unidos e as turbulências na economia daquele país voltaram a impulsionar os preços das principais commodities agrícolas em Chicago. Os contratos futuros de segunda posição de entrega (normalmente os de maior liquidez) de milho e soja atingiram novas máximas históricas. No caso do milho, os papéis para setembro subiram 23,75 centavos de dólar (3,19%) e fecharam a US\$ 7,6825 por bushel. No mês de junho, a alta chegou a 25,43%. Nos últimos 12 meses, o salto é de 109,33%.

Euforia e medo — Este contexto empolga e assusta, dividindo os analistas. Há os totalmente otimistas e aqueles que preferem esperar mais um pouco para ver como se comportará o mercado nas próximas semanas. Para o analista Paulo Molinari, da Safras & Mercado, a expectativa da cultura do milho para a safra 2008/2009 começa pela definição do quadro da safra norte-americana nas próximas semanas e o fluxo real de exportações por parte do Brasil. Segundo ele, a quebra nos Estados Unidos poderá levar o Brasil a registrar uma melhor demanda para exportação no se-

gundo semestre, o que daria suporte aos preços no mercado interno. “Neste processo, é possível que o USDA (*departamento de agricultura dos EUA*) utilize todos os artifícios possíveis para amenizar o impacto da quebra nos preços e na inflação interna”, acredita o analista.

Porém, Molinari alerta que os fatores que atualmente influenciam os preços das principais commodities agrícolas podem ser rompidos por ações na área econômica. “A tentativa de controlar a alta do petróleo e a desvalorização do dólar são fatores que podem influenciar os preços internacionais do milho e da soja nas próximas semanas e em 2009”, diz. Em termos de preços, Molinari vislumbra que o quadro continuará sendo o mesmo para 2009. A seu ver, os EUA terão novamente uma forte disputa entre soja e milho em função da reduzida área disponível para o plantio. “Isto poderá voltar a fomentar os preços no primeiro semestre, em um período onde o Brasil estará colhendo”, acredita. Assim, nos primeiros seis meses do próximo ano, haverá propensão a novos movimentos es-

peculativos no mercado internacional e interno.

O superintendente do Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola (Imea), Seneri Paludo, salienta que é muito cedo para traçar uma perspectiva, lembrando que a produção está maior que a procura e, com isso, refletirá na queda de preço. Em virtude de uma demanda interna no Estado, a expectativa é de que os preços se mantenham acima das médias históricas. “Sabemos que o Governo Federal está sem estoque. Isto poderá implementar o aumento do preço”, pondera.

Para Molinari, a área de milho para a próxima safra de verão no Brasil deverá cair 5%, devido aos custos de adubação e pelo aumento da área de soja. Prevê, porém, que a safra em 2009 deverá ter novo recorde de plantio. Paludo acha que haverá crescimento da área plantada para a safra 2008/09, especialmente na segunda safra. Argumenta que isso se deve ao cenário do mercado internacional, que hoje vive um bom momento em virtude da demanda do mercado interno, com instalação de indústrias.

Mas Zanni, do Sindirações, é otimista em

TECNOLOGIA QUE PROTEGE NOSSO FUTURO

SEMENTES AGROESTE
AGORA COM A TECNOLOGIA YIELDGARD!

Híbridos Agroeste + Tecnologia YieldGard = zelo pelo meio ambiente, por nossa saúde e por nosso futuro. A tecnologia YieldGard protege a planta do ataque de algumas espécies de insetos-praga, reduzindo os seus danos na cultura do milho, além de diminuir significativamente o impacto ambiental com a redução do uso de inseticidas produzindo alimentos mais seguros. Procure o representante Agroeste de sua região e descubra como produzir mais e melhor, com qualidade de vida.

MAIS INFORMAÇÕES ACESSE:
www.YIELDGARD.com.br

YieldGard
Tecnologia que protege e melhora

agroeste
Quem planta colhe mais!
www.agroeste.com.br



Zanni, do Sindirações:
o milho está
definitivamente inserido
no cenário internacional

crescimento em relação à do ano passado, que ficou em 14,6 milhões de hectares, incluindo a safrinha. Ele acredita numa produção de 57 milhões de toneladas, praticamente igual à anterior, e exportações de 12 milhões de toneladas.

relação à próxima safra no Brasil. Estima uma área de 14,5 milhões de hectares, o que representa um crescimento de 3% em relação ao ano agrícola 2008/2007. E a produção alcançaria 56,2 milhões de toneladas de milho, com evolução de 9,5% na comparação com a safra anterior. “Considerando um consumo interno de aproximadamente 40 milhões de toneladas e estimativa de exportações da ordem de 11 milhões de toneladas, é previsível um estoque de passagem de aproximadamente 5 milhões de toneladas para 2009”, aponta.

Também o analista Gabriel Pesciallo, da Agência Rural, trabalha com um cenário otimista. Na sua avaliação, a área de plantio do milho deverá oscilar entre 15 milhões e 16 milhões de hectares, com leve

“Nós arriscamos um pouco mais porque a Conab projeta o envio de 11 milhões de toneladas”, diz Pesciallo, que também descarta totalmente as importações. Aliás, esta era uma situação inimaginável num passado recente: mesmo exportando cerca de 20% de sua produção e enfrentando uma quebra na safrinha (chegou a 1,5 milhão de toneladas, segundo a AgRural), o Brasil tem milho suficiente para atender a demanda interna. Na avaliação de João Garcia, pesquisador da Embrapa, o Brasil necessita manter as exportações equilibradas num patamar de 11 milhões de toneladas para manter os preços atuais. Um recuo nas vendas externas poderiam significar a perda da rentabilidade do produtor brasileiro.

LOGÍSTICA LEVA PRODUTOR A OPTAR PELA SAFRINHA

O município de Sorriso está localizado 412 quilômetros ao norte de Cuiabá, Capital do Mato Grosso. É um dos grandes produtores de soja na safra de verão, mas não tem o mesmo destaque na produção de milho.



Os produtores locais deixam para semear o grão depois que a soja é colhida. A safrinha tem prioridade no município onde o produtor Elton Hamer (foto) sonha com a rotação de cultura no verão, mas não a faz por causa da logística. Semear soja e milho ao mesmo tempo não é negócio em sua lavoura com 600 hectares. Por isso, a totalidade da área que será plantada em setembro será com sementes da oleaginosa. Somente em janeiro, quando colher a soja, é que plantará milho em 400 hectares. “Estamos distantes dos portos e o custo do transporte nos obriga a usar esta estratégia de ter duas safras na mesma área ao longo do ano”, explica.

CUSTOS PODEM FORÇAR A REDUÇÃO DE ÁREA

Em suas andanças pelas lavouras do Brasil Central, o pesquisador João Carlos Garcia, da área de Economia Agrícola da Embrapa Milho e Sorgo, sentiu que os produtores estão em dúvida e se assustam com os custos de produção. Por isso, ele teme que a elevação no preço dos insumos – especialmente dos fertilizantes – poderá desestimular os agricultores a aumentar a área. “A saída é gerenciar o negócio porque a lavoura será plantada sob dois cenários: preços altos para o produto e valores ainda maiores dos insumos. Isso poderá resultar em prejuízo na hora da colheita”, avisa o pesquisador.

Também o presidente da Associação Brasileira da Indústria do Milho (Abimilho), Nelson Kowalski, teme que a alta dos insumos poderá prejudicar as próximas safras de milho. Na sua avaliação, não há previsão de redução no preço dos fertilizantes e isso poderá fazer com que a produção do grão caia para cerca de 52 milhões de toneladas, com as exportações sendo reduzidas para 9 milhões de toneladas. “Há muita incerteza para o próximo ano. O preço dos fertilizantes só baixará num horizonte entre três a cinco anos, quando novas fábricas começarem a operar no mundo”, explica Kowalski, lembrando que o Brasil importa 80% da sua demanda de adubos.

Os custos dos fertilizantes estão elevados para o milho. O preço do adubo nitrogenado foi corrigido em mais de 50% entre a safra passada e a atual. E será o principal fator negativo para o plantio deste ano. O superintendente do Imea faz um cálculo em relação ao seu Estado. “Se pegarmos o custo de produção da safra 2008/09, de R\$ 1.600 por hectare, e dividirmos por uma média de 100 sacas, teremos uma despesa de R\$ 16 por saca. Hoje, no sul do Mato Grosso, paga-se R\$ 18 por saca, muito próximo do custo de produção”, aponta Paludo. ❏

ANÚNCIO



UMA UNIVERSIDADE SEMPRE À FRENTE DO SEU TEMPO

Alcindo

Universidade Federal de Lavras: um século de ensino, pesquisa e extensão

Com sua história iniciada em 1908 e marcada por grandes mudanças, em 1938 a Escola Agrícola de Lavras passou ser denominada Escola Superior de Agricultura de Lavras e foi federalizada em 1963. Em 1994, transformou-se em Universidade Federal de Lavras (Ufla) e desde então segue no desenvolvimento e expansão contínuos dos serviços prestados à sociedade. A Ufla se tornou uma das principais instituições públicas de Ensino Superior do Brasil e está permanentemente atenta para o papel social do ensino superior, preocupando-se não somente com a sua universalização, mas também com a qualidade da formação profissional e cidadã. São mais de 30 mil profissionais graduados, especializados e pós-graduados atuantes em todo o Brasil e no exterior.

Com 16 departamentos didático-científicos, a Ufla possui área de 600 hectares, dos quais 200 mil metros quadrados são de área construída. A universidade prepara mais de 4 mil estudantes em seus 15 cursos de graduação, com

mais cinco em fase de implantação até o ano de 2010. São ainda mais de 1.200 estudantes de pós-graduação, distribuídos em 19 mestrados e 15 doutorados, e outros sete mestrados e quatro doutorados estão previstos até 2010. Na especialização a distância, são mais de 6 mil estudantes de todos os Estados e do exterior. Com isso, a Ufla projeta-se para, até o ano de 2012, atender cerca de 15 mil estudantes, dos quais mais de 9 mil em cursos de graduação e programas de pós-graduação presenciais.

Pesquisa — Com forte envolvimento em atividades de pesquisa e pós-graduação, a Ufla está em constante avanço no conhecimento científico e no desenvolvimento de novas tecnologias e processos em áreas estratégicas para o desenvolvimento do país. Os 83 grupos de pesquisa certificados na plataforma Lattes do CNPq desenvolvem cerca de 400 linhas de pesquisa, 1.200 projetos nos 162 laboratórios, casas de vegetação e campos experimentais. E apresenta produção científica crescen-

te, atingindo atualmente mais de 3 mil publicações por ano. A Ufla atua como instituição-piloto no Programa de Incentivo à Inovação (PII) em Minas Gerais, e possui um Núcleo de Inovação Tecnológica responsável pela gestão da política de inovação tecnológica e proteção ao conhecimento gerado na Ufla. Mantém cinco revistas científicas além das séries Textos Acadêmicos, Boletim Técnico e Boletim de Extensão, publicadas pela Editora Ufla.

Extensão — Por entender que a extensão universitária é uma ação educativa entre comunidade e universidade, transformada em oportunidade de aprendizagem, a Ufla incentiva o envolvimento da comunidade acadêmica com a comunidade externa, em parcerias com associações civis, instituições públicas e privadas, que têm resultado em ações dialógicas, educacionais e participativas. São realizados vários eventos de extensão envolvendo mais de 50 mil pessoas/ano. Mantém participação efetiva em projetos que contribuem para o

desenvolvimento de outras regiões do Brasil, sendo que por meio dessas ações busca também formar cidadãos. Para a preparação profissional, a Ufla possibilita a seus estudantes experiência profissional dentro e fora de seu campus, com mais de 200 convênios de estágios/ano. Desta forma, cumpre seu papel junto à sociedade para a construção de um mundo melhor.

Assistência Estudantil — Para permitir o acesso à educação superior pública, a Ufla investe em ações visando a possibilitar o ingresso de jovens carentes na universidade, oferecendo um curso pré-universitário gratuito para estudantes de baixa renda que cursaram o ensino médio em escolas públicas, além de conceder isenção da taxa do processo seletivo aos estudantes de baixa renda.

A promoção de políticas para manutenção dos estudantes com dificuldades financeiras via ampliação e aprimoramento das ações dos programas de bolsas, alimentação subsidiada no Restau-

rante Universitário e moradia estudantil contribuem para que a Ufla apresente um dos menores índices de evasão entre as instituições federais de ensino superior, que é inferior a 1%. O Centro de Saúde está empenhado em aperfeiçoar a assistência odontológica, médico-ambulatorial e psicológica que presta aos usuários da comunidade universitária.

A Ufla no século XXI — A organização espacial da Ufla vem sendo planejada estrategicamente e acolhe a Universidade do Futuro. Depois de consolidada como referência nas Ciências Agrárias, novos campos do saber estão em desenvolvimento: Ciências Veterinárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Exatas e da Computação, Educação, Ciências Biológicas e Engenharias. Essas áreas de conhecimento representam vários cursos e contribuirão para o amadurecimento da pluralidade na Ufla.

Todo o processo de reestruturação e expansão do ensino superior na Ufla vem sendo acompanhado pela amplia-

ção dos recursos humanos, adequação de infra-estrutura, renovação de práticas pedagógicas e convergência das ações de extensão, de pós-graduação, de pesquisa e de assistência estudantil. A Ufla está preparada para continuar a sua missão e enfrentar os novos desafios. Com a excelente infra-estrutura física disponível e com recursos humanos altamente qualificados e comprometidos com a idéia de que é com o bem-estar social e com a formação do cidadão que se constrói o desenvolvimento sustentável. Universidade Federal de Lavras: conhecimento promovendo desenvolvimento e realizando o homem. ■

Universidade Federal de Lavras - Ufla
Caixa Postal 3037 – CEP 37200-000 Lavras/MG
Fones: (35) 3829-1122 e 1502-1104
www.ufla.br - reitoria@ufla.br



Plaza Porto Alegre Hotel
 Plaza Itapema Resort & SPA
 Plaza São Rafael Hotel e Centro de Eventos
 Plaza Blumenau Hotel
 Plaza Caldas da Imperatriz Resort & SPA
 Bahia Plaza Resort

50 *Plaza*
 HOTELS
 RESORTS SPAS
 BRASIL

Referência em Serviços de Classe, Tradição e Qualidade
 1958-2008

Reservas: **0800 70 PLAZA**
 75292
 www.plazahoteis.com.br



ANÚNCIO

ANÚNCIO

O NOVO RECORDE AMEAÇADO

Custos de produção e endividamento podem breçar meta dos 150 milhões de toneladas

A meta do Governo Lula de produzir o recorde de 150 milhões de toneladas de grãos na safra 2008/2009 pode não se concretizar, segundo avaliação da equipe econômica da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Duas são as ameaças: aumento dos custos de produção e a eterna indefinição para endividamento de R\$ 87 bilhões dos produtores empresariais e familiares. “A estimativa é extremamente viável, mas corre o risco de não ser alcançada. O setor vai bem, mas os produtores rurais, nem tanto”, argumentou o superintendente técnico da entidade, Ricardo Cotta.

Na divulgação à imprensa dos Indicadores Rurais de julho, explicou que o principal vilão da vez dos agricultores é o fertilizante. No caso da soja, relatou, um trabalho de campo realizado pela entidade em dez municípios produtores

da oleaginosa constatou que o produto terá aumento nos preços que variam de 51,37% a 136,16%. Estes índices provocarão altas de até 52,4% nos custos de produção. Outro exemplo: em Sorriso/MT, um produtor de soja que empenhou 17,19 sacas por hectare da safra recém-colhida para adquirir fertilizantes terá de disponibilizar na próxima o equivalente a 22,92 sacas para comprar o mesmo insumo. “Se alguém produz 50 sacas por hectare, terá de reservar quase a metade para comprar fertilizantes”, lembrou Cotta.

No caso dos defensivos, o técnico revelou que o estudo detectou reajustes de 8,95% a 19,20% nos preços na próxima safra, devido ao registro de novos produtos e à entrada de defensivos genéricos. Segundo Cotta, houve ainda a redução da tarifa antidumping do glifosato importado da China, de 35,8% para

2,9%, fator que contribuiu para que os preços dos defensivos não aumentassem demais. “No entanto, é necessária a aceleração do processo de novos registros para baixar mais os custos”, ressaltou.

Dívidas — No caso das dívidas rurais, o principal motivo de apreensão do setor produtivo é o sucessivo adiamento da votação da Medida Provisória (MP) 432, que trata da renegociação de R\$ 75 bilhões em dívidas de operações de crédito da agricultura empresarial. Desde 12 de julho, a matéria tranca a pauta do plenário da Câmara dos Deputados e poderá ser analisada apenas neste agosto, após o retorno do recesso parlamentar. Apesar da MP estar em vigor, os bancos adotam a estratégia de esperar a matéria se tornar lei para iniciar o processo de renegociação. ■

É HORA DE PARTIR RUMO ÀS NOVAS TENDÊNCIAS MUNDIAIS!

EUROTIER 2008 - Ponto de encontro mundial para profissionais de criação de animais e exibição internacional de BIOENERGIA



11 - 14 NOVEMBRO 2008
HANOVER | ALEMANHA

Evento organizado pela DLG
Sociedade Alemã de Agricultura



RESERVE JÁ O SEU LUGAR!

AGRITOURS BRASIL
AGRI BUSINESS

Rua Matias Aires, 402 | Consolação
01309020 | São Paulo SP Brasil
(11) 2147.1040 | agribusiness@agritoursbrasil.com.br | www.agritoursbrasil.com.br

ANÚNCIO

ANÚNCIO

A EXPANSÃO ALÉM-FRONTEIRAS



Renato Lopes

Após crescer em área em várias regiões, o setor sucroalcooleiro também fixa seus tentáculos em outros países ou forma por aqui parcerias com estrangeiros

Delcy Mac Cruz

O setor sucroalcooleiro vivencia o movimento de fincar raízes em vários países. São parcerias com empresas de biotecnologia e instituições acadêmicas, contratos de fornecimento e mesmo a implantação de estruturas distribuidoras e de fabricação. Espalhar-se internacionalmente tem um objetivo bem claro: o Brasil não quer perder o domínio de uma tecnologia de etanol desenvolvida há quase 40 anos, desde que a primeira destilaria foi instalada no interior paulista.

Esse movimento avança sem uma formatação. Não é empreendido nem pelo Governo Federal, em que pese o envolvimento pessoal do Presidente Lula em favor do etanol, e nem pela iniciativa privada do setor, mais conhecida pela concorrência entre si do que pela integração. Independente de ser ou não desordenada, essa movimentação planeja fazer com que o país fature pontualmente com a commodity, já que o etanol de cana-de-açúcar é mesmo a “bola da vez” para balancear o mercado

internacional de combustíveis. Mas também pretende fazer o Brasil faturar quando outros países passarem a produzir etanol em escala.

“No nosso mundo, ter escala é algo muito importante, para desenvolver tecnologias e também receber royalties do que já foi desenvolvido”, diz o economista Edgard Monforte Merlo, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). “Os ganhos de escala podem ajudar com a

consolidação da tecnologia e as empresas a pagarem os investimentos em pesquisa e desenvolvimento já realizados.”

Por ora, a fórmula de como faturar sobre o avanço internacional do etanol é apenas um rascunho. Porém, os exemplos de tentativa de “captura” da tecnologia brasileira são variados. Em abril deste ano, representantes de oito empresas fornecedoras de serviços e equipamentos de Sertãozinho/SP, cidade que é pólo do setor, estiveram no estado de Louisiana (EUA). Uma empresa local planeja abrir em 2009 a primeira fábrica americana de etanol à base de cana, a ser seqüenciada por outras unidades.

Os empresários brasileiros negociam contratos de instalação de painéis de controle, equipamentos de instrumentação e de calderaria. São produtos e serviços específicos, desses que não se encontram e nem se conhecem nas faculdades convencionais. Como **A Granja** apurou, certamente as propostas dos americanos seduzem pelo valor financeiro, mas o grupo retornou ao interior paulista e os contratos seriam assinados até a metade de julho, quando esta edição da revista foi finalizada.

“As negociações prevêm ensinar os técnicos americanos a dominar nossos produtos”, diz um dos integrantes do grupo, que pede omissão do nome. Segundo ele, os contratos não garantem que os brasilei-

ros farão as necessárias assistências periódicas nas fábricas, nem que assumirão reformas e possíveis ampliações. Entre os pequenos empresários de Sertãozinho, o receio é o de que o caso deles sirva apenas para ensinar os americanos, que, em seguida, vão se virar por conta própria. “Seria como entregar tudo de bandeja”, resume um dos empresários do grupo.

Presenças estrangeiras — Não é tarefa fácil impedir o “seqüestro” da tecnologia brasileira do etanol, e não há legislação que impeça um estrangeiro de adquirir as técnicas empregadas nas usinas e destilarias. Da última década para cá, numerosos grupos internacionais entraram no setor sucroalcooleiro, e a maioria adquiriu destilarias e usinas já em funcionamento. A LDC Bionergia, controlada pelo grupo francês Louis Dreyfus Commodities, é dona da Usina São Carlos, uma das mais tradicionais do país, sediada em Jaboticabal/SP. O também francês Tereos controla as duas usinas do grupo Guarani, ambas no interior paulista.

Os espanhóis estão representados no



Renato Lopes

TAMANHO

“No nosso mundo, ter escala é algo muito importante, para desenvolver tecnologias e também receber royalties”, argumenta Merlo

Brasil pela Abengoa Bioenergia, que desde 2007 assumiu a fábrica da Dedini Agro em São João da Boa Vista/SP. O grupo Biofuel AS, da Noruega, associou-se à Companhia Albertina, com sede em Sertãozinho, para ampliar as instalações da Destilaria Paranapanema, em Presidente Prudente/SP, até então pertencente apenas à empresa brasileira. Os exemplos não param por aí. A Santelisa Vale, criada em 2007 com a fusão dos grupos Santa Elisa e Vale do Rosário, ambos do interior paulista, contam com participação minoritária do banco de investimentos americano Goldman Sachs. A também americana Adecoagro, que tem entre os sócios o megainvestidor George Soros, controla desde 2005 a Usina Monte Alegre, em Monte Belo/MG.

Outra americana, a Cargill, detém a maioria do controle da destilaria Cevasa, em Patrocínio Paulista/SP. Já o também grupo americano Kidd & Company, LLC criou em 2006 a Infinity Bio-Energy, que já possui seis fábricas em operação e duas em fase de construção. Os ingleses estão presentes no Brasil com projetos novos. O fundo Evergreen, criado por investidores da Inglaterra, empreende usina no município de Montanha, no extremo norte do Espírito Santo. Em maio deste ano, a gigante inglesa de distribuição de petróleo BP anunciou sua entrada em parceria com os grupos brasileiros Santelisa Vale e Maeda na implantação de fábrica de etanol no Estado de Goiás.

O Japão, por sua vez, está presente no Brasil por meio de dois grupos. O Mitsui anunciou no final do primeiro semestre parceria com a Petrobras em fábrica de



Divulgação

O AVANÇO DAS EXPORTAÇÕES

(Embarques de etanol pelo Porto de Santos-SP)

	Milhões de litros	Variação
Maio/2008	218.176	+104,9
Maio/2007	106.500	

Fonte: Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp)

INVESTIMENTO EM CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

As presenças internacionais no setor sucroalcooleiro brasileiro deverão crescer conforme o etanol avança no mercado internacional. “Diante disso, precisamos investir na capacitação profissional até para exportar nossos profissionais”, diz Mário Garrefa, presidente do Centro Nacional do Setor Sucroalcooleiro e Energético (Ceise BR), entidade nascida em Sertãozinho e que hoje tem abrangência nacional e representa 450 empresas fornecedoras de tecnologia para o setor.

Como exemplos do aporte em capacitação, Garrefa lista os cursos técnicos firmados em parceria com a unidade do Sesi em Sertãozinho/SP, que provê os conhecimentos técnicos para o jovem profissional entrar no ramo. Mas a aposta da entidade está também nos profissionais já formados. Em julho, por exemplo, foram abertas as inscrições de curso de pós-graduação (lato sensu) em gestão do setor sucroalcooleiro, criado com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Parcerias — Instituições acadêmicas brasileiras mantêm acordos inter-

nacionais que integram as raízes verde-amarelas lá fora. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por exemplo, possui parceria para pesquisar o chamado etanol de segunda geração, ou de celulose, com o governo japonês. Também na busca do etanol celulósico, o Brasil exemplifica parceria no exterior com o Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), com sede em Piracicaba/SP, e mantido por fabricantes do setor, que desde 2007 trabalha com a dinamarquesa Novozymes em pesquisa sobre o etanol de segunda geração. Por sua vez, a trading Crystalsev, de Ribeirão Preto/SP, assinou contrato em maio deste ano com a americana Amyris para comercializar diesel, combustível de aviação e gasolina produzidos a partir da cana. Já a Embrapa Agroenergia coordena plano de cooperação entre os países do Mercosul (Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai) para construir uma plataforma tecnológica regional (chamada de PTR), que tratará especificamente de pesquisas para biocombustíveis. Em encontro realizado em julho, em Brasília, pesquisadores de instituições dos seis países foram unâni-

mes em concordar que a prioridade deve ser a produção de etanol a partir do bagaço da cana, resíduos florestais e biomassa de gramíneas, dentre outras matérias-primas.

“O etanol brasileiro está num caminho sem volta e o mercado internacional para ele só tende a crescer”, afirma Sérgio Prado, diretor regional da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). O professor Carlos Eduardo Vaz Rossell, aposentado do CTC e consultor, concorda com o representante da entidade. Mas pede pressa ao Brasil para investir em tecnologias como a da hidrólise, que permite o etanol celulósico. “O domínio dessa tecnologia é estratégico para o Brasil por permitir aumentar a oferta de álcool combustível sem aumentar a área plantada. Seria um fator revolucionário”, disse ele, em depoimento para a Agência Unicamp, da Universidade de Campinas. Em um setor que registra o avanço de grupos internacionais e tem futuro promissor, redobrar os cuidados para não sofrer perda de domínio tecnológico é mera questão estratégica.

etanol a ser erguida em Goiás. Já o grupo Mitsubishi é parceiro da São Martinho, com sede em Pradópolis/SP, em destilaria já em funcionamento em Goiás, da qual detém 10% do controle e absorverá 100% da produção a ser processada durante 30 anos, a partir deste 2008.

Expansão para o exterior — A participação de grupos internacionais no mercado brasileiro de etanol já gera os primeiros negócios no exterior. A LCD Bioenergia acaba de anunciar acordo com a sueca Sekab BioFuels & Chemical para comercializar etanol ambiental e socialmente sustentável. A parceria permitirá que os consumidores europeus tenham acesso a um etanol produzido com processo rastreável na usina do interior paulista. Os volumes a serem vendidos não foram divulgados.

Já a cooperativa Copersucar, com 33 fábricas de etanol de associados nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, assinou acordo comercial no começo de

julho com a companhia japonesa JBSL (Japan Biofuels Supply LLP), que representa dez distribuidoras de combustíveis do Japão, para exportar anualmente 200 milhões de litros de álcool anidro. De acordo com a direção da Copersucar, pelos preços atuais de mercado, o memorando de entendi-

mento com a JBSL equivale a uma receita superior a US\$ 100 milhões por ano. Além disso, o Japão tende a se tornar um grande importador de etanol devido à decisão de seu governo de utilizar gasolina com bio-ETBE, um aditivo produzido com 60% de isobutileno e 40% de etanol. ❧

GPS

Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
Fone: (51) 2102.7100 - Porto Alegre/RS
allicomp@allicompgps.com.br



QUAL A MELHOR ALTERNATIVA?

Ao menos 10% da área dos canaviais precisa ser substituída a cada ano por outra cultura

Delcy Mac Cruz

Nem toda cana-de-açúcar plantada segue para a indústria. Historicamente, cerca de 90% da matéria-prima do etanol e do açúcar disponível é processada, enquanto os 10% restantes passam pela fase chamada de reforma. Esta ocorre quando termina o ciclo produtivo da planta, que permite até seis cortes anuais sem a retirada da raiz. Passados esses seis cortes, não significa que a cana – chamada, no setor, de soca – esteja improdutivo, mas ela renderá até metade de sua produtividade em relação aos anos de fase vigorosa. Em termos comparativos, a quantidade de volume físico da planta seguirá a mesma, com médias de 100 toneladas

por hectare na região Centro-Sul do país, porém a oferta de Açúcares Totais Renováveis (ATR) – que representam a qualidade da planta para fins produtivos – será drástica.

No Estado de São Paulo, por exemplo, essa oferta cai de 120 quilos de ATR por tonelada, nos primeiros cinco cortes, para menos de 60 quilos de ATR/tonelada quando se entra no sexto corte. No caso dos paulistas, não é apenas a redução de açúcares que obriga a retirada da cana velha e o plantio da nova. Essa operação também se torna obrigatória porque as áreas canavieiras são caras e escassas. Conforme levantamento feito pelo Instituto de Economia

Agrícola (IEA), da secretaria estadual da Agricultura, na média o preço do hectare no Estado valorizou 113,6%, indo de R\$ 4,7 mil em 2001 para R\$ 10,1 mil em 2006. Apenas na região de Ribeirão Preto, onde estão 45 fábricas de açúcar e de álcool, o valor do hectare subiu 160,4% no período avaliado.

Projeções — A estimativa a seguir foi obtida junto a técnicos de empresas agrícolas ligadas a usinas e reflete o montante de hectares em renovação. Com base nos números do IEA, de 4,873 milhões de hectares de cana cultivados, chega-se à conclusão de que 487 mil hectares estão em fase rotacional, conforme média histórica do setor de que

10% da área está constantemente em renovação. Considere-se uma obtenção projetada de 100 toneladas de cana por hectare e os 487 mil hectares totalizarão 48,7 milhões de toneladas. Em termos de mercado, no mês de junho cada tonelada era vendida pelo produtor paulista por médios R\$ 35. Ou seja, se toda essa cana parada pela fase de rotação fosse comercializada, renderia perto de R\$ 1,7 bilhão.

É um tentador volume financeiro, sem dúvidas, porém o empresário do setor não coloca em risco a saúde das terras – até porque a partir do sexto corte a área define e afeta não apenas sua produtividade, mas também o solo que, por sua vez, exigirá grandes investimentos financeiros e de tempo até ser recuperado. Cultivar um hectare novo de cana custa em média R\$ 4 mil nas regiões paulistas com solo de qualidade, enquanto a manutenção anual dos canaviais beira os R\$ 1,8 mil.

Opções para rotação — Eduardo Rossini, consultor associado da GAtec Gestão Agroindustrial e doutor em agronomia internacional, explica que para escolher a cultura de rotação é importante pensar não somente no tipo de solo, mas nas opções de mercado e nas pragas mais comuns que existem na região. “O milho, por exemplo, tem pragas em comum com a cana”, diz. “Isso porque essas culturas pertencem à mesma família.”

Portanto, a escolha das culturas para rotação deve ser baseada na diversidade, utilizando-se culturas com diferentes sistemas radiculares, exigências em termos de nutrientes e hábitos de crescimento. “Se bem-feita, a rotação poderá ajudar na melhoria das condições do solo e reduzir o inóculo de pragas e

doenças, resultando na redução de custos e aumento de produtividade”, comenta Rossini. Em sua opinião, as leguminosas são as mais indicadas para a rotação com a cana. “É importante ainda considerar o ambiente de produção, o ciclo da cultura de rotação, o potencial de produção, a distância até o mercado consumidor, a possibilidade de mecanização, disponibilidade de sementes, a existência de pesquisa e assistência técnica.”

A Cooperativa Nacional Agroindustrial (Coonai), com sede em Brodowski, no interior paulista, formada por pequenos produtores de leite que também se tornaram fornecedores de cana, prepara ao todo 200 hectares, espalhados pelas várias propriedades, para cultivar a matéria-prima do etanol no começo de 2009. Antes disso, entre setembro e fins de dezembro, produzirá soja nessa área. Segundo Marcelo Barbosa Avelar, vice-presidente da cooperativa, a opção pela soja foi por conta de suas qualidades técnicas. “Ela vai bem para preparar uma área que até então só tinha pastagens, tem folhas largas, ao contrário da cana, que é gramínea, e a aplicação de herbicidas é bem eficiente”, diz.

SOJA
Segundo Avelar, os associados da Coonai optaram por uma cultura de folha larga para se diferenciar da cana

“O preparo da terra com a soja também faz cair a incidência de insetos”, comenta. “Além disso, a oleaginosa permite alta fixação de nitrogênio no solo, que é um resíduo vital para a cana.” Avelar reconhece que, além dos atributos técnicos, a soja também pode significar faturamento extra para os produtores. “O primeiro objetivo da escolha do grão na fase de rotação não é o ganho comercial.” Para



RETORNO

Eduardo Rossini, da GAtec Gestão Agroindustrial: na definição da cultura é importante pensar também nas opções de mercado

o agrônomo Rossini, a produção obtida com a fase rotacional rende recursos financeiros principalmente com soja ou amendoim, que são produtos que passam por excelente fase no mercado. “O ideal é escolher espécies que possam trazer também retorno econômico, já que outra cultura rentável poderia ser utilizada na mesma área”, diz. “Assim, ganha-se com a melhoria do solo e com o novo produto.”



Renato Lopes

Divulgação

Programe seu plantio com muito mais segurança

Com o pluviômetro Multitec você consegue medir a quantidade de chuva da sua região e programar seu próximo plantio com muito mais segurança.

Multitec

R. Itiru Trajano, 28 - CEP 93341-520 - São Leopoldo/RS
Fone/fax: (51) 3568-4202 - multitec.industria@itma.com.br

SELECIONAMOS REPRESENTANTES

PEQUENA AGROINDÚSTRIA SEM SEGREDOS

Bruno Pacheco
bruno@agranja.com

A Embrapa Agroindústria de Alimentos, sediada no Rio de Janeiro/RJ, a Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), prefeituras e órgãos de extensão rural de 17

Estados e do Distrito Federal se dedicam desde fevereiro ao programa Boas Práticas de Fabricação (BPF). O sistema possibilita ao agricultor familiar aperfeiçoar o tratamento de implantação, adequação e operacio-

nalização de agroindústrias, respeitando os aspectos legais e de sanidade. Até o final do ano, cerca de 300 extensionistas e técnicos estarão capacitados a garantir a qualidade, a redução de custos e a segurança de ali-



Embrapa Agroindústria de Alimentos

INDÚSTRIA

mentos processados em agroindústrias de pequeno e médio portes.

O coordenador do programa e pesquisador da Embrapa, Felonon do Nascimento Neto, acredita que, por vezes, o consumidor é colocado em risco devido à contaminação ocasionada por falta de informação e orientação técnica. A situação é verificada nas rotinas de trabalho da Vigilância Sanitária. “As BPFs não estão vinculadas a produtos alimentícios específicos. Entretanto, temos produtos mais sensíveis a contaminação, que merecem uma atenção especial”, afirma.

Os principais sintomas das infecções tóxicas são vômitos, diarreias e dores de cabeça causadas por coliformes como o *staphylococcus coagulase positiva* – microorganismo que se multiplica no alimento até alcançar altas cargas, sem que sejam alterados significativamente a cor, o aro-

ma e o sabor – e *salmonella sp.* Todos estes microorganismos são de controle relativamente fácil desde que os procedimentos de higiene sejam estritamente seguidos. “No Brasil, estimam-se 850 milhões de toxiinfecções alimentares por ano. Esses números, ainda que não-oficiais, impactam nos custos da área de saúde”, informa o coordenador.

Segundo o pesquisador da Embrapa Agroindústria de Alimentos Antônio Xavier, 95% dos problemas alimentares são ocasionados por contaminação de organismos como bactéria. “Com o sistema de BPF pretendemos minimizar o desenvolvimento de microorganismos e conscientizar as pessoas de que as bactérias estão em todos os ambientes”, alerta Xavier.

Da teoria à prática — Os cursos não têm apenas assuntos teóricos. Visitas monitoradas a empresas locais de cada Estado mostram como utilizar, na prática, o que foi aprendido na teoria. Ao final do curso, o participante será capaz de compreender as questões relacionadas à deterioração de alimentos, conhecer as práticas que evitam a depreciação prema-

tura do produto e ter plena condição de elaborar manuais de boas práticas de fabricação.

As dificuldades de acesso às informações fazem a agroindústria familiar receber uma atenção especial. “É de suma importância que as informações repassadas aos técnicos sejam bem assimiladas para tornar o processo eficiente. Um dos objetivos da equipe da Embrapa é trabalhar o grupo de técnicos para desenvolver o senso crítico com relação às boas práticas de fabricação”, acrescenta Nascimento.

Ele acredita que a implantação das BPFs na agroindústria familiar só acontece quando o técnico, devidamente capacitado nos aspectos sanitários da produção como instalações, equipamentos, matérias-primas, manipulação dos produtos, transporte e armazenamento exercita um constante trabalho de sensibilização dos produtores. Isso é necessário para que o comprometimento no combate às não-conformidades possa ser atingido. ■

QUER MONTAR A SUA INDÚSTRIA?

Para auxiliar os agricultores familiares sobre como proceder em relação a alguns assuntos abordados nos cursos de BPFs, a publicação “Recomendações Básicas para a Aplicação das Boas Práticas Agropecuárias e de Fabricação na Agricultura Familiar” está disponível no site da Secretaria de Agricultura Familiar no seguinte endereço: <http://smap.mda.gov.br/documentos/Documento.aspx?IDDdoc=7>. O manual traz questões voltadas aos técnicos que prestam assistência à agricultura familiar com ênfase nos aspectos ligados às Boas Práticas de Fabricação e às Boas Práticas Agropecuárias (BPA), além da preocupação com a sustentabilidade.

O livro inclui os principais esclare-



cimentos sobre exigências contidas nas recomendações técnicas, legislações específicas e rotulagem de alimentos, assim como o transporte e o armazenamento. Como destaque, recomendações às práticas do processamento mínimo de vegetais e a pós-colheita de frutas e hortaliças, áreas com

potencial de desenvolvimento na agricultura familiar. A obra tem abordagem multidisciplinar e conta com a colaboração de 36 profissionais das áreas de agronomia, biologia, farmácia, veterinária, zootecnia e engenharia de alimentos.

An advertisement for "All COMP Equipamentos de Precisão". It features a Garmin GPS device in the foreground. The background is a green field. Text includes the company name "All COMP Equipamentos de Precisão", the word "GPS" in a stylized font, and the phrase "Mapeamento e cálculo de área com GPS". At the bottom, it lists "GARMIN", "Vendas, cursos e treinamento.", the phone number "(51) 2102.7100", and the address "Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS" along with email and website information: "vendas@allcompgps.com.br" and "www.allcompgps.com.br".

DAS PRAGAS EVITÁVEIS

Nas fazendas há pragas inevitáveis, como, por exemplo, carrapatos, bernes, hóspedes e candidatos a genros. Para escapar dos bernes, só comprando terras livres deles, no Pantanal ou na região de Montes Claros, norte de Minas, famosa pela excelência do couro tipo Montes Claros. Há países inteiros que não conhecem o carrapato. Os hóspedes vêm sendo absorvidos pela invenção do hotel-fazenda, que se multiplica no Brasil com o entusiasmo do fogo de morro acima, da água de morro abaixo e da mulher afinzona de transar.

Candidatos podem transformar-se em genros, hipótese em que o fazendeiro passa a sentir saudades dos candidatos, que, ao menos, eram cerimoniosos e ainda não assumiam a condição de donos da propriedade rural.

É verdade que, na fase em que são candidatos a genros, o fazendeiro fica relegado à condição de indesejável em sua própria casa. À mesa do café da manhã, ai do fazendeiro que ameaçar comer uma fatia do salaminho, do queijinho especial, das torradas crocantes: tudo foi comprado, com a conivência da mãe da moça e o dinheiro do dono da casa, pensando no hóspede.

Candidatos a genros – como já repeti ene vezes – são inderrubáveis de um cavalo. Só andam a galope e não caem de jeito e maneira, por mais veloz e arisco que seja o animal selado. Sim, porque os animais são dois: um que vai selado e outro que galopa malseguro na sela.

Pai de três filhas, sofri o diabo com os hóspedes enamorados. Certa feita, dei uma canseira num deles – passeio de cinco ou seis horas em cavalos trotões. A namorada voltou-se contra o pai, preocupadíssima com o bumbum do André, rapaz brilhante, engenheiro formado pelo ITA. Esse, ao menos, era educadíssimo, fluente em seis idiomas,

consertava toda a parte eletro-eletrônica da propriedade rural. Mas não serviu, porque andava de guarda-chuva nos dias enfarruscados. Outra ofensa indireta da filha ao pai, que também se amarra num guarda-chuva, hoje *Made in China*, modelo barraca, que custa dez reais nos sinais, faróis, semáforos ou lamparinas das cidades brasileiras.

Volto às pragas que podem e devem ser evitadas antes de comprar as terras. Todas atendem pelo nome de ponto de atração turística. Dou-lhes alguns exemplos: cachoeiras, grutas, pesqueiros e matas ricas em dasiproctídeos.

Como é do desconhecimento geral, a começar por mim, que só aprendi agora, a família dos dasiproctídeos tem 11 espécies, ocorre do México ao Sul do Brasil e inclui a paca, grande roedor que chega a pesar 13 quilos e faz a cabeça dos caçadores, apesar das leis de proteção à nossa fauna.

Mato com dasiproctídeos é invasão certa: cachorros paqueiros, tiros, um verdadeiro inferno. Se o mato fica num canto da fazenda, tudo bem: o problema é dos caçadores com a Polícia Florestal. Se fica no meio da fazenda, é sinônimo de arames cortados, tiroteio próximo da sede e o mais que o leitor possa imaginar.

Capivara não é dasiproctídeo: é roedor hidroquerídeo, aliás o único da família. Numa das minhas roças, as capivaras roíam os troncos das seringueiras. Avisados de que o “moço das seringueiras” (sic) andava descontente com os hidroquerídeos, os caçadores pintaram no pedaço noturno levando barcos, motores, cachorros, laços, espingardas: fizeram uma limpeza completa. Hidroquerídeos sobreviventes desceram o rio e foram destruir a roça de milho de um pobre coitado, que dependia da colheita para fazer sua pamonha e seu mingau.

Pesqueiros constituem outra praga. Carrapato pode ser combatido com os carrapaticidas, mas não conheço *pesquicida* capaz de acabar com os pescadores: cortam cercas, acampam, deixam tudo imundo, bebem feito gambás. Caçadores, pescadores e cavalos tropicadores são problemas insolúveis: caça-rão, pesca-rão e tropica-rão sempre.

Em rigor, há três tipos de cachoeiras: grandes, médias e pequenas. Mais dia, menos dia, as grandes cachoeiras serão transformadas em pequenas usinas hidrelétricas, inundando as várzeas a montante, botando em risco as ben-

**Candidatos a genros –
como já repeti ene vezes
– são inderrubáveis de
um cavalo**

feitorias e os moradores a jusante, quando abrem as comportas para evitar o rompimento das barragens.

Grandes, médias ou pequenas, todas as cachoeiras servem para despachos de macumba, bem como para os banhos (e o descarrego) dos moradores das cidades. A imundície é indescritível: latas, garrafas, lixo, farofas, charutos ordinários, frangos pretos – um pavor!

De vez em quando, a gente pode encontrar um rio médio, com desnível educado, que nos permita a montagem de usina de baixa queda. Conheço duas, particulares, uma de 50, outra de 80 kW. Aí, sim, é a “mão na roda”: 50 kW na roça fazem ao fazendeiro um bem dos diabos. Com a seguinte particularidade: o pequeno desnível do rio médio não configura cachoeira digna de merecer despachos de macumba. ■

ANÚNCIO



Fábio Rodrigues Pozebon/ABr

GRÃOS: NO CAMINHO PARA O ENTENDIMENTO

Depois de mais de quatro meses de conflito com os representantes do campo, a presidente da Argentina, Cristina Kirchner (foto) revogou a Resolução 125, que instituiu um sistema progressivo de impostos sobre a exportação de produtos agrícolas. Cabe lembrar que depois da implementação destas taxas, em março deste ano, o setor agropecuário se declarou em pé de guerra com o Governo, realizando protestos nas ruas e paralisando a comercialização de grãos. A população local também aderiu à causa dos produtores, realizando piquetes pelo país. O Projeto de Lei da Resolução 125

foi rejeitado pelo Senado argentino depois do voto decisivo do vice-presidente Julio Cobos, que desempatou a votação. A partir de agora, a carga tributária para alguns produtos agrícolas de exportação, como a soja, volta aos valores de março, de 35%. Os representantes dos agricultores comemoraram a notícia da revogação, mas esperam outras medidas por parte do Governo, como a redução de alguns impostos que afetam especialmente os pequenos produtores. A expectativa é de que a comercialização de grãos seja normalizada logo e que a economia argentina volte aos trilhos.



Divulgação

TRANSIÇÃO

Produtores de leite das províncias de Santa Fé, Córdoba e La Pampa firmaram com o Governo um acordo de transição que os levará a receber 0,95 peso por litro, como valor mínimo, nos meses de julho e agosto, mais um aporte complementar de 0,10 peso. Durante esse período, serão estudados os mecanismos de formação de preços mais adequados por meio da administração da oferta do alimento.

TRIGO

O cultivo segue complicado. Até o começo de julho, já haviam sido semeados 2 milhões de hectares de um total de 4,8 milhões que formam a intenção de plantio. No mesmo período do ano passado, a área plantada alcançava 1,2 milhão de hectares a mais.

SOJA

Devido ao conflito com o Governo, o produtor mantém um considerável volume da última safra em silos-bolsa no campo e vende apenas o necessário. Esse fato complica e atrasa as exportações, impactando os preços internacionais da oleaginosa.

CARNE

Logo depois que o setor retomou as vendas de carne, o mercado de Liniers, o mais emblemático do país, registrou durante quatro dias uma oferta de gado como nunca foi vista, o que terminou deprimindo os preços do produto.

LEITE

A atividade enfrenta uma equação complicada, com preços inferiores aos desejados pelos produtores e custos em alta, o que também é consequência da escassa disponibilidade de água nos solos desde o último verão.

VALOR PERDIDO

Como era esperado, a Argentina cumpriu seu compromisso de exportação de carne referente à Cota Hilton para a União Européia. No entanto, o prazo para completar o embarque de 28 mil toneladas do ciclo 2007/2008 já venceu e, segundo dados oficiais, 1.855 toneladas não foram enviadas. Esse volume implica uma perda de cerca de US\$ 40 milhões. Entre as principais causas para esse descumprimento, estão o extenso conflito do Governo com o campo e as profundas mudanças regulatórias implementadas nos últimos meses, como o “encaixe produtivo”, que obriga os frigoríficos a manter sempre 75% da sua capacidade de armazenamento coberta.

CERTIFICAÇÃO, O PRÓXIMO PASSO DO SPD

Afonso Peche Filho

Pesquisador do Centro APTA de Engenharia e Automação do Instituto Agronômico de Campinas/SP
peche@iac.sp.gov.br

O Brasil, um dos maiores usuários do Sistema Plantio Direto na Palha para produção de alimentos, exporta boa parte desses produtos, o que o deixa muito dependente de mercados internacionais. Os importadores, bem como os compradores internos, têm demonstrado grande preocupação com a segurança alimentar, além de estarem atentos a negociações que possam comprometer de alguma forma o ambiente. Hoje a organização internacional que importa alimentos quer ter uma garantia de que o produto é resultado de um sistema de produção com boas práticas agrícolas, com gestão ambiental, com segurança e saúde do trabalhador.

Outro ponto fundamental é a questão de considerar a adoção da filosofia da qualidade no SPDP como abertura de um caminho seguro para uma agricultura sustentável, onde as práticas agrícolas tradicionais ocorrem com racionalidade, voltando suas ações para valorização de um ambiente produtivo, tendo como destaque o manejo de recursos naturais de forma a produzir efeitos positivos constantes, tornando as terras mais produtivas em vez de torná-las cansadas,

como é o resultado da agricultura tradicional. É importante lembrar que a sustentabilidade é hoje considerada como um parâmetro de avaliação de risco para os financiadores nacionais e internacionais.

Rumo à certificação — A certificação da qualidade no Sistema Plantio Direto na Palha assume hoje um papel funda-

mental de conduzir a gestão da propriedade à adoção de estratégias modernas abrindo portas para o reconhecimento do mercado interno e externo. Esse texto tem como objetivo disponibilizar informações para subsidiar a reflexão sobre o momento atual e futuro de propriedades que hoje adotam e aprimoram o SPDP e querem com a certificação avançar na sua modernização.

Para a propriedade agrícola, demonstrar que produz com qualidade é uma diferença positiva muito importante, devendo ainda ser encarada como decisão voluntária e estratégica. A concepção, o planejamento e a implantação da filosofia da qualidade no SPDP são muito influenciados por variáveis como a dimensão da propriedade, os recursos humanos, o tipo de cultura explorada, processos operacionais empregados, etc., não se podendo desta forma uniformizar os sistemas de gestão da qualidade e consequentemente torná-los um caso específico de cada propriedade.

A certificação da qualidade do SPDP é o reconhecimento de uma entidade externa e independente. Certifica que a propriedade agrícola pratica o plantio direto de



Fotos: Dirceu Gassen

O importador de alimentos quer garantias de que o produto é resultado de um sistema de produção com boas práticas agrícolas, com gestão ambiental, segurança e saúde do trabalhador

Indispensáveis no preparo e na irrigação do solo.

Rolo Faca Arrozeiro

É usado a partir da colheita para acumar a palha do arroz, corrigindo os rastros do pneu e esteiras. Indispensável quando se deseja repetir o plantio na mesma área.



Taipadeira Base Larga

Para talpas suaves e sem leveiros. Rolo com perfil alongado e arredondado que permite a passagem do trator e da plantadeira, sem prejuízos ao plantio.



Valetadeira VA 40L

Abre valas estreitas e profundas para diversas finalidades como na drenagem de lavouras, canalização de água, irrigação por gotejamento, colocação de tubos e plantio de mudas. Indispensável no plantio direto.



Distrito Industrial - Santa Maria-RS. F: (55) 3222.7710

agrimec@terra.com.br / www.agrimec.com.br





A certificação da qualidade do SPDP é o reconhecimento de uma entidade externa e independente que atesta que a propriedade agrícola pratica o plantio direto de forma adequada

forma sistêmica, promovendo a sustentabilidade e a competitividade na produção satisfazendo as exigências legais e regulamentares, de uma forma eficaz. Com a implantação da filosofia da qualidade no Sistema de produção com Plantio Direto na Palha esperamos observar a ocorrência das seguintes características: condição para atuar em novos mercados, ou manutenção dos existentes; aumento da confiança, interna e externa, nos métodos de trabalho; reorganização da empresa; aumento da motivação dos colaboradores; diminuição da rotatividade de pessoal; maior controle dos custos; diminuição na geração de defeitos, perdas e desperdícios; aumento da satisfação dos clientes e reconhecimento no mercado.

O tipo de certificação mais utilizado no mundo é o preconizado pelas normas de qualidade da International Organization for Standardization (ISO), que foram adotadas no Brasil pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Estas tornaram-se normas nacionais cuja identificação se dá pela sigla NBR/ISO Série 9000: 2000, mas há no Brasil outras certificadoras com propostas semelhantes.

O que é — A certificação, segundo a ABNT, é um conjunto de atividades desenvolvidas por um organismo, independente da relação comercial, com o objetivo de atestar publicamente, por escrito, que determinado produto, processo ou serviço está em conformidade com os requisitos especificados. A certificação

pode ser entendida como uma atividade formal realizada por uma certificadora credenciada no Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro), para atestar que uma propriedade agrícola ou parte dela ou ainda determinados produtos estão em conformidade com alguma norma específica.

Certificar consiste em utilizar um conjunto de regras que permitam auditar um sistema, um processo, um produto ou um resultado de forma a atestar ou assegurar que os mesmos estão em conformidade para atender preocupações sociais e em condição de estabelecer uma relação de confiança com o usuário ou consumidor. A certificação deve assegurar a qualidade ou a natureza da gestão. Portanto podemos afirmar que certificar o SPDP consiste em auditar a veracidade de informações pertinentes à propriedade agrícola examinada. De acordo com o Inmetro, são três as etapas do processo de certificação:

Pré-avaliação — Solicitação da certificação pela propriedade agrícola interessada; análise do processo pelo organismo de certificação (certificadora credenciada); visita preliminar do organismo à propriedade agrícola; preparação da auditoria pelo organismo de certificação.

Avaliação — Reunião entre equipes de auditores e os proprietários ou gerentes da propriedade agrícola interessada (para que a empresa conheça os procedimentos da auditoria e defina os canais e responsabilidades); realização da auditoria;

nova reunião; indicação de não-conformidade; recomendação ou não da certificação.

Pós-avaliação — Análise do relatório de auditoria pelo organismo de certificação; emissão do certificado e contrato; acompanhamento do desempenho (por meio de re-certificação periódica).

Se a propriedade agrícola obtiver o certificado, deverá receber os seguintes documentos: relatório de auditoria; informe de não-conformidades; certificado de conformidades e anexos; procedimento para a utilização do símbolo da empresa certificada.

A certificação tem acompanhamento constante. O organismo de certificação tem o poder de suspender, cancelar ou revogar o certificado obtido pela empresa. Se a série de normas NBR/ISO 9000:2000 trata da certificação da gestão da qualidade, a série NBR/ISO 14000:2004 trata das questões de certificação ambiental, sendo que a NBR/ISO 14001:2004 permitirá ter um certificado de Sistema de Gerenciamento Ambiental (SGA). As propriedades agrícolas que adotam ou não o plantio direto poderão ser certificadas para demonstrar que seus produtos e processos não agredem o meio ambiente e que a comunidade não sofre com os resíduos gerados. De acordo com a ISO, para obter a certificação a propriedade agrícola deve atender uma série de exigências (veja tabela).

Agricultura responsável — Certificar propriedades agrícolas que têm no Sis-

tema Plantio Direto na Palha um referencial contínuo de melhoria no desempenho da qualidade de suas atividades, bem como na melhoria contínua do seu modelo de gestão ambiental, é um avanço rumo a uma agricultura realmente sustentável. A certificação é fundamental para aumentar a compreensão e visibilidade das potencialidades do SPDP como atividade prática da responsabilidade social, ambiental e econômica.

O Instituto Agrônômico (IAC), de Campinas/SP, por intermédio do Centro APTA de Engenharia e Automação, desenvolve linhas de pesquisa para seleção de indicadores de qualidade de operações agrícolas, além de metodologias para avaliação do desempenho ambiental de diferentes sistemas de produção com o objetivo de contribuir para estabelecer critérios que possam passar pelos crivos do Comitê Brasileiro de Certificação, pelo Inmetro, e compor metodologias de auditoria e avaliação da conformidade dos sistemas de produção agrícola em harmonia com as normas da ABNT e as exigências de mercado. ■

PARA OBTER A CERTIFICAÇÃO É PRECISO CONSIDERAR...

- Estabelecimento da política ambiental
- Aspectos ambientais
- Exigências legais
- Objetivos e metas
- Programa de gestão ambiental
- Estrutura organizacional e responsabilidade
- Conscientização e treinamento
- Comunicação
- Documentação do Sistema de Gestão Ambiental
- Controle de documentos
- Controle operacional
- Situações de emergência
- Monitoramento e avaliação
- Não-conformidade, ações corretivas e ações preventivas
- Registros
- Auditoria do Sistema da Gestão Ambiental
- Análise crítica do Sistema de Gestão Ambiental (SGA)

A máquina **SEMEATO** é um instrumento para a ética e responsabilidade social do manejo dos recursos naturais.



PLANTIO DIRETO

www.semeato.com.br

Fone: 54 3327-1811 - Fax: 54 3327-1789 - semeato@semeato.com.br

açúcar e álcool

PREÇOS FIRMES EM PLENA SAFRA

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

Os preços do açúcar estão com indicações mais firmes no mercado interno brasileiro, apesar da safra estar em pleno andamento no Centro-Sul e da abundante oferta no mercado internacional. A valorização dos referenciais nas Bolsas de Nova Iorque e Londres serve como combustível para a continuidade da tendência altista iniciada em meados de junho. No final da primeira quinzena de julho, os preços estão sinalizados entre R\$ 27,20 e R\$ 27,70/saca de 50 quilos para o açúcar cristal na região de Ribeirão Preto/SP.

Os últimos relatórios internacionais evidenciam a situação de grande oferta no mercado internacional. Segundo a consultoria alemã F.O. Licht, a produção mundial de açúcar atingirá em 2007/08 um recorde de 170 milhões de toneladas. Entretanto, a F.O. Licht antecipa que a safra 2008/09 deverá ser 6 milhões de toneladas menor, quando comparada à safra atual. O mercado mundial, porém, deverá



janeiro	24,38
fevereiro	26,21
março	27,32
abril	28,12
maio	26,49
junho	26,10
julho	26,65

permanecer bem abastecido devido ao excedente global que se acumula nos últimos dois ciclos, pondera a consultoria.

Por outro lado, segundo a Organização Internacional do Açúcar (OIA), os preços mais altos do açúcar não deverão significar aumento na produção na safra 2008/09, que deverá cair. Conforme a entidade, ainda não é possível afirmar se esse decréscimo antecipado deverá ser suficiente para equilibrar a oferta e deman-

da no próximo ciclo, após dois anos de excedente. O excedente mundial previsto para esta safra (2007/08) permanece inalterado, em previsão da OIA, totalizando 7,8 milhões de toneladas. A primeira estimativa oficial da Organização para a produção de açúcar na safra 2008/09 deverá ser divulgada em agosto. Entretanto, já foi indicado que a produção ficará abaixo do consumo em cerca de um a dois milhões de toneladas.

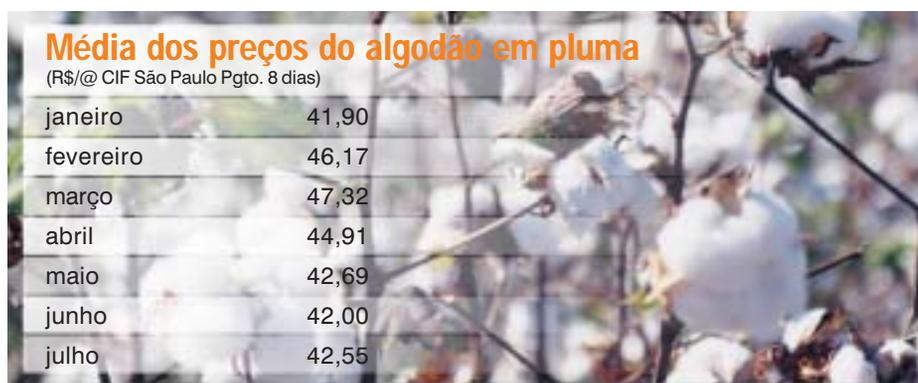
ALGODÃO

MERCADO SEM TENDÊNCIA DEFINIDA

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

O mercado brasileiro de algodão em pluma não apresentou tendência definida até meados de julho. Isto porque houve fatores conflitantes de ordem fundamental influenciando as expectativas de produtores, *traders* e indústrias. Do lado baixista, aparece o recuo acumulado das cotações internacionais nos últimos dias. Na segunda quinzena de junho, houve uma forte elevação dos preços dos contratos futuros cotados na US ICE Futures (ex-Nybot), trazendo suporte para o âmbito doméstico. Porém, a primeira semana de julho e o início da segunda foram marcados pela queda nas posições, principalmente as de vencimento mais curto, como outubro e dezembro de 2008.

Este recuo no referencial externo interrompeu a seqüência de alta no cenário brasileiro, que havia saído de uma linha de R\$ 1,22 a libra-peso para



janeiro	41,90
fevereiro	46,17
março	47,32
abril	44,91
maio	42,69
junho	42,00
julho	42,55

cerca de R\$ 1,30 a libra-peso, cif São Paulo, para pagamento curto, na base 41-4. Outro fator que sempre é sinônimo de pressão interna é o avanço da colheita na Região Centro-Oeste e oeste da Bahia.

Do lado altista, existe a percepção de que a safra brasileira 2008/2009 pode ser menor do que o esperado, em função de indicações de possível

menor produtividade em algumas regiões do Mato Grosso. O consumo interno também vem dando indicações de que pode ficar mais aquecido neste segundo semestre. Há ainda a visualização de um considerável recuo de área a ser plantada para a próxima temporada, o que pode jogar o mercado doméstico para a paridade de importação em 2009.

ARROZ

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

PREÇO ENCONTRA PONTO DE EQUILÍBRIO

Até a metade de julho houve seqüência da estabilidade de preços do arroz apresentada em junho. A média das cotações nas duas primeiras semanas foi de R\$ 33,34 por saca de 50 quilos no mercado gaúcho, uma valorização de apenas 0,18% em relação ao mês anterior (R\$ 33,28). A instabilidade do início da colheita até o final de abril fez com que as indústrias entrassem com força no mercado e, apesar da postura defensiva dos produtores, utilizando EGF para fazer caixa, muitos aproveitaram os preços atrativos para vender. Mesmo assim, a procura por parte das beneficiadoras se mostrou superior ao interesse de venda dos orizicultores. Para equilibrar esta equação, o Governo passou a ofertar estoques públicos, os quais foram demandados com voracidade por parte dos engenhos. No total, foram 270 mil toneladas em maio, que seguraram a escalada altista

Preço do arroz irrigado em Alegrete/RS (R\$/50 kg)	
janeiro	24,14
fevereiro	24,34
março	22,50
abril	27,56
maio	34,53
junho	34,00
julho	34,00

e deram início a uma leve tendência de queda. Quando isso aconteceu, os representantes do setor produtivo entraram em cena, pedindo a suspensão das operações. Com a limitação de um leilão mensal, de 50 mil toneladas em junho, os preços encontraram um ponto de equilíbrio próximo a R\$ 33 por saca no Rio Grande do Sul, re-

ferência para as demais praças. A morosidade do mercado mostra que a indústria está abastecida e que os produtores seguem retraídos, aguardando melhores momentos de negociação durante a entressafra.

No entanto, seguindo o comportamento sazonal, as cotações tendem a manter um viés de alta.

FERTILEADER®

Inovação e
qualidade em ação!

- Nutrientes minerais essenciais associados a extrato de algas marinhas (fonte natural de aminoácidos, ácidos húmicos e fúlvicos);
- Estímulo da atividade fisiológica:
 - › Promove maior resistência a estresses;
 - › Favorece a síntese de açúcares e a ação fotossintética;
 - › Estimula o crescimento.

**MELHORA O DESEMPENHO
AGRONÔMICO E PRODUTIVO
DAS CULTURAS COM
SEGURANÇA.**



MATRIZ:
Av. Carlos Gomes 1340, 11º e 12º andares
Bairro Auxiliadora, Porto Alegre/RS, CEP: 90480-001
Fone: (51) 3382 8700 Fax: 3382 8705 marketing@roullier.com.br



FERTIACTYL®

Qualidade e
produtividade
para sua
lavoura

- Nutrientes minerais essenciais associados a extrato de algas marinhas (fonte natural de aminoácidos, ácidos húmicos e fúlvicos);
- Melhora o desempenho agrônomo e produtivo das culturas;
- Maior economia e segurança;
- Valorização do potencial da planta e do solo.



MATRIZ:
Av. Carlos Gomes 1340, 11º e 12º andares
Bairro Auxiliadora, Porto Alegre/RS, CEP: 90480-001
Fone: (51) 3382 8700 Fax: 3382 8705 marketing@roullier.com.br



MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

MERCADO AGUARDA CONFIRMAÇÃO DE SAFRINHA RECORDE NO MT

O mercado brasileiro de milho ingressou na segunda metade de julho na expectativa quanto ao andamento da colheita de safrinha na Região Centro-Oeste. Passadas as perdas de 1,3 milhão de toneladas no Paraná, por conta de geadas, com colheita agora estimada em 5,5 milhões de toneladas, o indicativo ainda é positivo para a safrinha do país, por volta de 17,5 milhões de toneladas, acima da registrada em 2007. Por outro lado, em Mato Grosso o otimismo toma conta dos produtores locais diante da possibilidade de colheita de safrinha recorde, superior a 7,2 milhões de toneladas, o que implicaria a liderança de produção, até então sustentada pelo Paraná.

Para o analista de Safras & Mercado Paulo Molinari, embora cerca de 15% dos 1,671 milhão de hectares cultivados no Mato Grosso já tenham sido colhidos, a entrada da safra deve se



Média dos preços do milho
(R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)

janeiro	27,59
fevereiro	28,00
março	27,64
abril	23,67
maio	23,69
junho	24,35
julho	25,20

concentrar na segunda metade de julho, tendo em vista que as chuvas ainda atingem regiões produtoras no momento. Molinari salienta que provavelmente o Mato Grosso irá romper outro recorde, superando o Paraná em volume de exportações de milho. “A expectativa é de que os embarques de Mato Grosso cheguem a 4 milhões de toneladas neste ano, superando as ex-

portações de 3,7 milhões previstas para o Paraná”, afirma. O analista ressalta que a quebra de safrinha no Paraná não foi apenas em volume, mas também em qualidade, com elevada incidência de grãos ardidos, o que inibe a disponibilidade de milho para exportação no Estado e faz com que os importadores concentrem maiores volumes de negócios no Centro-Oeste.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

COTAÇÕES RECUAM DEPOIS DE RECENTES MOVIMENTOS ALTISTAS

A primeira metade de julho foi de uma correção para baixo nas cotações internacionais do café, balizadas pela Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque. O mercado recentemente havia subido bem, acompanhando outras commodities, a desvalorização do dólar e uma movimentação ativa dos fundos na ponta compradora. O atraso na colheita no Brasil e a chegada do inverno, que traz sempre o “medo” das geadas, serviam ainda como “desculpa” para as fortes altas que o mercado observou em junho.

Claramente, no entanto, o mercado ficou sobrecomprado, já que não embasava propriamente os ganhos em fatores fundamentais. A safra do Brasil este ano é bem maior que a do ano passado e, mesmo não sendo recorde, ao menos servirá para atenuar o quadro de aperto na oferta. Apesar do atraso na colheita, esse café novo chegará ao mercado e vai trazer peso sobre as cotações nas bolsas e no Brasil. Além disso, não há riscos de geadas até então. Logo,



Preço para bica corrida do sul de Minas
(Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)

janeiro	262,09
fevereiro	280,40
março	261,20
abril	255,67
maio	252,70
junho	255,52
julho	255,44

é natural que o mercado apresentasse em algum momento uma correção para baixo nos preços. E foi o que ocorreu.

No Brasil, as cotações não caíram tanto devido à postura dos vendedores e porque o café beneficiado vai chegando ainda lentamente para a comercialização, diante do atraso na colheita. Agora resta acompanhar o volume exportado pelo Brasil nos primeiros meses da temporada 2008/09,

que vai de julho a junho e que será um termômetro melhor da entrada da safra nova do país. Sendo mantido um bom ritmo dos embarques, o mercado fica mais tranquilo quanto ao abastecimento, evitando sobressaltos altistas e gerando pressão negativa. Do contrário, se houver sinais de enfraquecimento nas exportações brasileiras, aí sim o mercado teria forças para novas altas mais acentuadas.

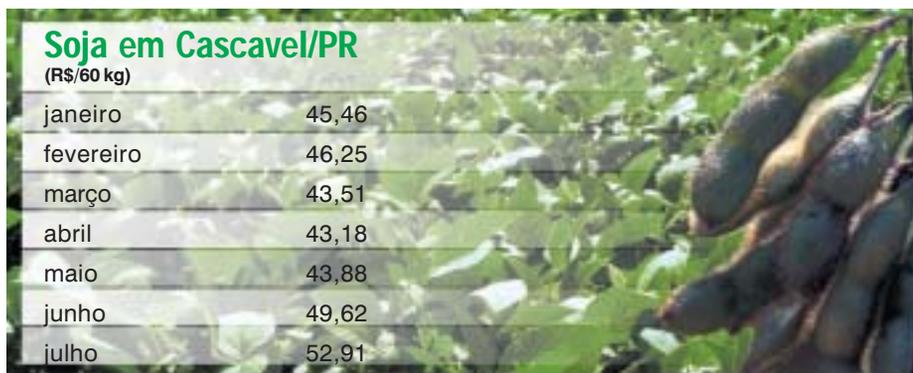
SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

NEGÓCIOS ANTECIPADOS ESTÃO QUASE ZERADOS NO BRASIL

Apesar dos bons preços praticados no mercado internacional em 2008, a comercialização antecipada de soja no Brasil está praticamente paralisada no Centro-Oeste, região onde normalmente os negócios estariam mais adiantados caso se repetisse a tendência de anos anteriores. O crédito privado limitado e a preocupação com custos de produção são apontados como os principais fatores de retração no ritmo da comercialização. Os produtores de soja de Mato Grosso não estão conseguindo se beneficiar dos bons preços praticados no mercado internacional em 2008. Mesmo que a posição de julho da soja em grão na Bolsa de Mercadorias de Chicago (Cbot) permaneça acima de US\$ 15 o bushel desde o dia 10 de junho – inclusive atingindo patamar recorde de US\$ 16,58 no fechamento do dia 3 de julho –, a comercialização antecipada da safra 2008/09 está praticamente parada. “O mercado está bem parado. Sem dúvida, em termos de negócios antecipados, este é o pior momento dos últimos anos”, constata o presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso (Aprosoja-MT), Glauber Silveira. Para ele, apenas 5% da próxima safra foi negociada com antecedência, além de um pequeno percentual en-

Soja em Cascavel/PR (R\$/60 kg)	
janeiro	45,46
fevereiro	46,25
março	43,51
abril	43,18
maio	43,88
junho	49,62
julho	52,91



volvendo a troca por fertilizantes. “As *tradings* estão inseguras, sem crédito para fazer margens. Por isso evitam travar preços futuros. Não estão marcando presença no mercado”, lamenta o presidente da Aprosoja. As empresas são as principais fontes de financiamento da produção. “As indústrias financiam cerca de 40%. Outros 20% tem como origem recursos públicos e o restante o produtor vai bancando da forma de pode”, indica Arantes.

A postura cautelosa de produtores e das *tradings* está prejudicando a comercialização antecipada de soja no Mato Grosso do Sul. “Está complicado. A situação é bem diferente da apresentada em

anos anteriores”, resume o vice-presidente da Federação de Agricultura e Pecuária do Estado do Mato Grosso do Sul (Famasul), Eduardo Riedel. Na avaliação preliminar de Riedel, os negócios antecipados não chegam a 10%, quando normalmente entrariam julho em torno de 30%, a exemplo do que ocorreu no ano passado. A retração no ritmo dos negócios é resultado de uma postura cautelosa dos dois lados. As *tradings* estão sendo bem mais seletivas para realizar transações. Apesar dos bons preços externos, os produtores também mostram receio em fazer negócios futuros, com a finalidade de apenas estipular *hedge*.

É TEMPO DE PRODUZIR

USE PROSOLO. O PRIMEIRO INSUMO DA SUA LAVOURA.



O calcário da Mõnego.

0800 9794962



Divulgação

ARYSTA LIFESCIENCE REFORÇA MARKETING

A Arysta LifeScience, maior empresa privada do mundo no mercado de proteção de plantas e ciências da vida, promoveu importantes alterações na estrutura da sua equipe de marketing. A idéia é agregar valor e expandir o portfólio de produtos da empresa, além de acompanhar o crescimento dos negócios do mercado brasileiro. Foram promovidos a gerentes de Produtos e Mercados os seguintes profissionais: Daniel Forlívio, responsável e líder pelo mercado de cana e

soja; Ademilson Villela, que assume a função de garantir bons resultados aos produtos para café, feijão e frutas em geral; Ricardo Dias, que assume a responsabilidade de garantir destaque às linhas de produtos para horticultura; e Gustavo Gonella, que possui o desafio de potencializar a linha de produtos destinados às culturas de algodão e milho. (Na foto, da esquerda para a direita, Ademilson Villela, Gustavo Gonella, Daniel Forlívio e Ricardo Dias.)

INPEV AMPLIA VOLUME DE RECEBIMENTOS

As unidades de recebimento de embalagens de defensivos agrícolas de todo o Brasil encaminharam para reciclagem ou incineração 12 mil toneladas de recipientes no primeiro semestre. O volume representa um crescimento de 9,8% em relação ao mesmo período do ano passado, quando foram destinadas 10,9 mil toneladas. De acordo com o diretor-presidente do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (InPEV), João Cesar Rando, esses índices mostram a evolução do sistema

de destinação final de embalagens de defensivos, que deu um importante passo em junho ao inaugurar a Campo Limpo Reciclagem e Transformação. “Esta nova recicladora segue os conceitos de ecoeficiência, um dos maiores atributos do sistema, e atuará como um centro de desenvolvimento de novas tecnologias voltadas à reciclagem. A unidade possui uma moderna estação de tratamento de efluentes, reaproveitamento da água da chuva e uso racional da luz solar”, ressalta Rando.

AGRITECH ENTREGA O PRIMEIRO TRATOR DO MAIS ALIMENTOS

A Agritech Lavrale fez a entrega do primeiro trator do Programa Mais Alimentos, que tem por meta disseminar a adoção de tecnologias por parte dos agricultores familiares. O trator 001 do Programa Mais Alimentos foi o Agritech 1175, entregue ao produtor Fernando Kubota (*de boné preto*), de Brazlândia/DF, pelo Presidente Lula. Com esse programa, o Governo pretende estimular a venda de 20 mil tratores ao ano ou 60 mil unidades nas três próximas safras, o dobro

do mercado do ano passado. A Agritech participa com 16% do segmento de tratores até 75cv e pretende manter essa participação. “Sempre trabalhamos com tratores que buscam se adequar à agricultura familiar e um programa do Governo como esse vem contemplar a mesma idéia do nosso grupo, que é levar tecnologia para o pequeno produtor, responsável por grande parte da produção nacional”, explica o gerente de vendas da Agritech, Nelson Okuda Watanabe.



Divulgação

GERHAI TROCA A PRESIDÊNCIA

A 136ª reunião do Grupo de Estudos em Recursos Humanos na Agroindústria (Gerhai) foi marcada pela troca de sua presidência. Márcia Schreiner apresentou sua renúncia, em virtude de compromissos profissionais. Seguindo o estatuto do Grupo, quem assume a função de presidente é o vice, Erotides Gil Bosshard, e em seu lugar, Mauro de Jesus Garcia, da Nardini, como novo vice-presidente do Gerhai. “É com orgulho que assumo a presidência do Grupo, mas já aviso que vou ‘pegar no pé’ de todos os membros para que trabalhemos, cada vez mais, em prol do Grupo. Temos que colocar o Gerhai na mídia, divulgando todos os trabalhos e mostrando nosso valor”, convocou o novo presidente.

ALL INVESTE EM 50 LOCOMOTIVAS

A maior operadora logística da América Latina, a América Latina Logística (ALL) investirá R\$ 110 milhões na compra de 50 locomotivas SD40, para atender à demanda da safra 2008/2009. As novas máquinas devem começar a rodar no primeiro trimestre de 2009. “O modelo SD40, da fabricante EMD, é equivalente em potência e desempenho à C30, da concorrente GE, que utilizamos desde 2004 e tem se mostrado bastante eficiente nas condições operacionais de nossa malha”, explica Carlos Augusto Moreira, gerente Financeiro da ALL.

DEMUTH FECHA NEGÓCIO DE R\$ 250 MILHÕES COM ARACRUZ

A Aracruz Celulose acertou a contratação da empresa gaúcha Demuth Woodhandling para fornecer serviços do pátio de processamento da madeira da nova fábrica a ser instalada em sua Unidade Guaíba/RS. A definição pela Demuth reforça a proposta da Aracruz de valorizar fornecedores locais nas regiões em que atua. O anúncio do investimento de



Mauro Matros/Palácio Piratini

R\$ 250 milhões reuniu a governadora gaúcha, Yeda Crusius, o diretor de Operações da Aracruz, Walter Lídio Nu-

nes (à direita da governadora), e o diretor-presidente da Demuth Woodhandling, Fredo Demuth (à esquerda). A empresa, sediada nos municípios gaúchos de Portão e Novo Hamburgo e de capital 100% nacional, fornecerá picadores, peneiras, correias transportadoras e outros equipamentos.

ZAMPROGNA QUER DOBRAR PARTICIPAÇÃO EM 2008

O fundo NSG Capital, que em 2007 adquiriu a Zamprogna, empresa líder nacional no fornecimento de tubos de aço-carbono e uma das principais fornecedoras de chapas de aço do Brasil, tem por objetivo ao menos dobrar a sua presença no mercado até o final do ano por meio de novas aquisições e crescimento orgânico. A projeção é atingir em 2008 um volume de vendas na ordem de 370 mil toneladas e entre 700 mil e 1 milhão de toneladas em 2009. A empresa gaúcha também entrou para o ranking

do Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP). Inscrita pela primeira vez, a empresa recebeu em julho o Troféu Bronze. “É uma satisfação para toda a nossa empresa participar pela primeira vez e entrar num ranking do qual participam as melhores empresas do Rio Grande do Sul. Este reconhecimento demonstra que estamos no caminho certo e que a tendência é disputarmos outras categorias deste programa”, destaca Luiz Eduardo Franco de Abreu, presidente da companhia.

TRAMONTINI: MAIS PRODUÇÃO E MAIOR CAPACIDADE

Com microtratores e tratores destinados ao pequeno produtor, a Tramontini Implementos Agrícolas espera, na temporada 2008/2009, aumentar a produção, além de ampliar a sua rede de 80 revendedores espalhados pelo Brasil. Para Júlio Cercal, gerente comercial, o Plano Safra Mais Alimentos, lançado pelo Governo Federal e voltado à agricultura familiar, deve alavancar as vendas do setor entre 50% e 60%. A fábrica, sediada em Venâncio Aires/RS, tem capacidade instalada para produzir cerca de 150 tratores e microtratores

por mês. “E estamos investindo mais de R\$ 3,5 milhões para a duplicação da oferta”, lembra. Nos últimos 12 meses, a Tramontini comercializou mais de 1.000 unidades de tratores. “Os investimentos para a ampliação de 5,5 mil para os atuais 8,5 mil metros quadrados e a projeção para chegarmos a 12 mil no primeiro trimestre de 2009 já e s t a v a m

ocorrendo antes mesmo do anúncio do novo Plano Safra”, ressalta.



Divulgação

ANOTE AÍ

A sétima edição do Congresso Brasileiro de Agribusiness, considerado o maior evento do setor no país, ocorre de 11 a 12 de agosto, em São Paulo/SP, e terá como tema “Agronegócio e Sustentabilidade”. O evento reunirá autoridades como o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, Roberto Rodrigues (FGV e Fiesp), Michael Conroy (Colibri Consulting da Espanha), Paulo Adário (Greenpeace) e Virgílio Viana (Fundação Amazônia Sustentável). Mais informações: www.abagbrasil.com.br

A segunda edição do Congresso Internacional de Agroenergia e Biocombustíveis ocorre de 21 a 26 de outubro, em São Luiz/MA. O evento é realizado pela Embrapa e Sebrae. Mais informações no link www.agendapromocoes.com.br/agrobioenergia.

De 31 de agosto a 4 de setembro ocorre o XXVII Congresso Nacional de Milho e Sorgo, em Londrina/PR. A promoção é da Associação Brasileira de Milho e Sorgo. Mais informações: www.abms.org.br/eventos

O 3º Encontro Brasileiro de Hidroponia ocorre em Florianópolis, nos dias 17 e 18 de novembro de 2008. Por meio da interação com empresas, pesquisadores, técnicos e produtores é possível conhecer novas tecnologias, produtos e se atualizar com as mais recentes pesquisas realizadas na área. As inscrições estão abertas e as vagas são limitadas e com preço diferenciado para inscrições antecipadas. Maiores informações, visite o site oficial do evento: www.encontrohidroponia.com.br

AMAZONAS ENTRA NA ONDA DO BIODIESEL

Pesquisadores do Amazonas têm trabalhado para tornar viável a produção de biodiesel a partir do óleo extraído de frutos comuns na Região Norte, como tucumã (foto), andiroba, murumuru e ouricuri. A experiência pioneira tem sido desenvolvida em Roque, localidade de Caruarari, município que fica na margem esquerda do rio Juruá, a uma distância de mais de 1.600 quilômetros de Manaus por via fluvial. Mas o óleo de frutas não tem escala suficiente para se tornar

uma matéria-prima alternativa à soja. “A idéia é substituir o diesel que abastece os geradores de energia dos quais dependem as cidades do interior do Amazonas”, afirma Sérgio Massayoshi Nunomura, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), que, ao lado de Roberto Figliuolo, é um dos cientistas que coordenam as pesquisas. Uma usina para a produção de biodiesel já está em fase final de montagem e deve produzir, mesmo que em pequena escala, ainda em 2008.



Divulgação

PINHÃO-MANSO É ALTERNATIVA EM RONDÔNIA



Divulgação

Um projeto de biodiesel com pinhão-manso foi apresentado na Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental de Rondônia. O plano do empresário Milton Rodrigues Junior, da MM Indústria e Comércio, é construir três usinas em Rondônia, que, de acor-

do com ele, vão empregar cerca de 450 pessoas. Em reunião, o secretário do Meio Ambiente, Cletho Brito (foto), explicou os procedimentos ambientais para a empresa se instalar no estado. “A empresa deve apresentar estudos de viabilidade do projeto e conforme as leis e exigências

ambientais a Secretaria dará um parecer às usinas de biodiesel”, explica. A nova cultura, segundo Rodrigues, traz vantagens desde a produção até o consumidor. “A planta pode crescer e sobreviver com poucos cuidados, se adapta em qualquer lugar, tem alto teor de riqueza quando usada como adubo, e como biodiesel rende melhor que o álcool e tem o preço mais baixo do mercado, custando 50% menos que outros combustíveis”, esclarece.



Le Penn

Uma usina movida a pinhão-manso em Rondônia



B3 AUMENTA PREÇO DO DIESEL

Logo após o aumento de 2% para 3% de biodiesel na mistura com óleo diesel ter entrado em vigor, em 1º de julho, os consumidores já podem sentir os reflexos nos postos de combustíveis. Segundo levantamento



Divulgação

semanal da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o litro de diesel, que custava em média R\$ 2,05 no fim de junho, chegou a R\$ 2,09 no início de julho. O aumento dos preços pode ser explicado pelo fato de o biodiesel custar mais que o dobro do diesel mineral para as distribuidoras. De acordo com a Federação

Nacional do Comércio de Combustíveis Lubrificantes (Fecombustíveis), enquanto o óleo diesel custa R\$ 1,51, o biodiesel está na faixa de R\$ 3,20. O último aumento no preço do óleo diesel foi de 15% nas refinarias, anunciado em maio. Na ocasião, a previsão do governo era de que o reajuste final do combustível para o consumidor seria de 8,8%.



Divulgação

FUMICULTORES TÊM R\$ 2,5 MILHÕES PARA GERAR BIODIESEL

Um novo projeto de produção de biodiesel para pequenos fumicultores, com recursos federais de R\$ 2,5 milhões, foi lançado em Santa Cruz do Sul/RS. O Sistema de Produção de Óleo Vegetal para Biodiesel Sul (Siscobil), iniciativa da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag), tem parceria da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) e verba da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

O objetivo é estimular a produção de biodiesel sem custos para o agricultor, incluindo a instalação de usina de beneficiamento para uso de forma cooperativada. Conforme o coordenador, o professor da Ufpel Ricardo Lemos Sainz, a primeira parcela da verba, de R\$ 150 mil, já foi liberada. O restante será repassado em outras duas parcelas. O principal desafio do projeto é buscar formas de gestão da cadeia aplicadas à agricultura familiar.

FAMILIARES DE ALAGOAS COLHEM 1ª SAFRA DE MAMONA

Os pequenos produtores alagoanos de mamona se preparam para a primeira safra pelo Programa de Biodiesel do Estado. Após terem se frustrado com as perdas ocasionadas pela seca no ano passado, o grupo espera colher, a partir de setembro, cerca de 4 mil toneladas da oleaginosa. A matéria-prima será beneficiada pela Oleal, empresa privada que pertence ao Grupo Bananeira, de Arapiraca/AL, parceira do projeto e que

venderá seu biodiesel para a Petrobras. Com a colheita inaugural, Alagoas se insere definitivamente no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel, do Governo Federal. A cultura está sendo desenvolvida por 500 núcleos de agricultura familiar dos municípios de Arapiraca, Girau do Ponciano, Craíbas, Traipu, Lagoa da Canoa, Taquarana, Limoeiro de Anadia, Coité do Nóia e Feira Grande.

O mundo Valtra é assim:
pioneirismo também
nos testes de biodiesel.

preparar o solo > plantar > colher

Pioneirismo é a marca registrada dos 48 anos da Valtra, que está posicionada no mercado brasileiro como fornecedora de soluções completas em tratores, colheitadeiras, plantadeiras e serviços para diversas culturas. A empresa foi a primeira a produzir tratores no País. Além disso, saiu na frente nos testes de biodiesel a campo. Depois de obter a liberação do uso do B-20 (20% de biodiesel misturado ao diesel) em todos os seus tratores com garantia de fábrica, a Valtra começou os testes para a liberação do B-100 (100% biodiesel), agora na reta final. O biodiesel é uma energia natural e limpa, melhorando a lubrificação do motor e aumentando a vida útil da máquina. A utilização de energias renováveis é uma alternativa para preservar o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida.

www.valtra.com.br
0800 19 22 11

VALTRA
NOSSO JEITO É FAZER DO SEU JEITO

NUTRIPLANT LANÇA O NUTRIORGANIC

A Nutriplant, pioneira na produção de micronutrientes no Brasil e referência na fabricação de fertilizantes foliares, acaba de lançar novidades: o principal destaque é o NutriOrganic, da linha Equilibrium, desenvolvido para promover o equilíbrio nutricional das plantas. É um fertilizante foliar elaborado com matérias-primas diferenciadas. Sua formulação contém substâncias orgânicas, como aminoácidos, que contribuem para a melhor absorção de nutrientes.

Nutriplant - Av. Constant Pavan, 1.155 - Paulínia/SP - Fone: (19) 2139-9508 - www.nutriplant.com.br



Fotos: Divulgação

TECNOLOGIA LOAD SENSING DA BOSCH REXROTH

Entre as características do Sistema Load Sensing e Controle Eletrônico (EHS) da Bosch Rexroth para trator se destaca o comando SB23LS-EHS com controle eletrônico. O produto garante uma vazão constante e controlada independente da variação da carga, além de acionamentos simultâneos sem interferência. Por meio da utilização da bomba variável



A10V Rexroth (foto) é possível obter vazão e pressão conforme demanda e otimizar o consumo de potência com menor aquecimento de fluido hidráulico e principalmente reduzir o gasto com combustível.

Bosch Rexroth Ltda - Av. Tégula 888, Unidades 10-14, Ponte Alta - CEP 12952-820, Atibaia/SP - Fone: (11) 4414-5756 - www.boschrexroth.com.br

PROTETOR DE CÂMARA DE AR DA TORTUGA

O protetor de câmara de ar da Tortuga é uma capa protetora, feita com uma borracha espessa que protege a câmara de ar das imperfeições da borracha do pneu, das falhas em sua moldagem, defeitos ou avarias causadas pela rodagem, que podem furar ou rasgar a câmara em situações adversas. É utilizado em pneus de veículos pesados que tenham uma calibragem superior a 100 libras. É fabricado somente para pneus com aro 16, 20 e 22.

Tortuga - Rua Alberto Klemtz, 441 - CEP 80330-380 Curitiba/PR - Fone: (41) 3314-3100 www.tortugaonline.com.br



SOBERAN DA BAYER PARA REVOLUCIONAR

A Bayer CropScience anunciou sua mais recente novidade para a cultura do milho, o Soberan, herbicida de alta performance que se destaca pelos seus diferenciais exclusivos. É o único com a capacidade de controlar as ervas que competem com a lavoura sem prejudicar as plantas de milho, proporcionando controle rápido, com apenas uma aplicação. O herbicida é sistêmico e controla em pós-emergência folhas estreitas e largas.



Bayer CropScience - Rua Verbo Divino, 1.207 - Bloco B - 3º andar - Chácara Santo Antonio - CEP 04719-002 - São Paulo/SP - www.bayercropscience.com

CELERA NUTRI DO PRODUQUÍMICA PARA CANA

O Grupo Produquímica, líder em micronutrientes para nutrição vegetal, oferece o Celer Nutri, tecnologia em nutrição altamente eficaz no aumento da eficiência das usinas de álcool. O produto favorece a síntese de proteínas, enzimas, ácidos nucleicos e vitaminas, resultando no maior rendimento e velocidade da fermentação, além de baixo custo de movimentação se comparado a nutrientes convencionais utilizados na produção de álcool combustível e redução da produção de vinhaça.

Grupo Produquímica - Av. Paulista, 1754 - Cerqueira César/SP - Fone: (11) 3016-9000 - www.produquimica.com.br



ANÚNCIO

AQUI, A MÁQUINA QUE VOCÊ PROCURA

Levantamento exclusivo da revista **A Granja**, por meio do Deper – Departamento de Pesquisa e Estatística Rural, lista os preços dos principais tratores e colheitadeiras do mercado de máquinas agrícolas. As informações são fornecidas pelas respectivas empresas e/ou concessionárias com

valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

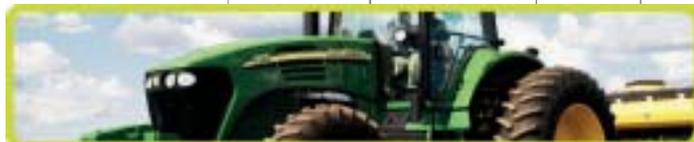
Os valores podem variar de acordo com a região, acessórios, tipos de pneus, etc. No caso de máquinas usadas, a variação também ocorre segundo o estado de conservação.



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
4100 4x2	15 cv	29.393	23.514	22.339	21.222	20.161	19.153	18.194	17.285	16.421	15.600	14.820
4100.4 4x4	15 cv	35.440	28.352	26.934	25.588	24.308	23.093	21.938	20.841			
4100 GLP 4x2	16 cv	32.076	25.660	24.377								
4118.4 4x4	18 cv	38.323	30.658	29.125	27.669	26.285						
4230 4x2	30 cv	44.691	35.753	33.965	32.267	30.653	29.121	27.665	26.281	24.967	23.719	22.533
4230.4 4x4	30 cv	46.736	37.389	35.519	33.743	32.056						
4230.4 Cargo 4x4	30 cv	46.846	37.477	35.603	33.823	32.132						
5075 4x2	75 cv	80.340	64.272	61.058	58.005	55.105	52.350	49.732				
5075.4 4x4	75 cv	89.099	71.279	67.715	64.329	61.113	58.057	55.154				
5085 4x2	85 cv	87.408	69.926	66.430	63.108	59.953	56.955	54.108				
5085.4 4x4	85 cv	95.166	76.133	72.326	68.710	65.274	62.011	58.910				
BX 6110 4x4	105 cv	115.586	92.469	87.845	83.453	79.280						
BX 6150 4x4	140 cv	147.490	117.992	112.092	106.488	101.163	96.105	91.300	86.735	82.398	78.278	74.364
BX 6180 4x4	168 cv	161.951	129.560									

Case IH

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
MXM Maxxum 135 4x4	137 cv	148.000										
MXM Maxxum 150 4x4	149 cv	165.000										
MXM Maxxum 165 4x4	170 cv	181.000										
MXM Maxxum 180 4x4	177 cv	198.000										
Magnum 220 4x4	220 cv	241.000										
Magnum 240 4x4	240 cv	264.000										
Magnum 270 4x4	270 cv	297.000										



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
5303 4x2	57 cv	52.000	41.600	39.520								
5303 4x4	57 cv	57.000	45.600	43.320								
5403 4x2	65 cv	55.000	44.000	41.800								
5403 4x4	65 cv	65.200	52.160	49.552								
5403 4x2	75 cv	-	45.360	43.092	40.937	38.891						
5403 4x4	75 cv	-	54.000	51.300	48.735	46.298						
5600 4x2	75 cv	-						36.946	35.099	33.344	31.677	30.093
5600 4x4	75 cv	-						43.983	41.784	39.695	37.710	35.825
5603 4x2	75 cv	63.000	50.400									
5603 4x4	75 cv	75.000	60.000									
5605 4x2	75 cv	72.000	57.600	54.720	51.984	49.385	46.916	44.570				
5605 4x4	75 cv	78.000	62.400	59.280	56.316	53.500	50.825	48.284				
5700 4x2	85 cv	-						48.222	45.811	43.520	41.344	39.277
5700 4x4	86 cv	-						51.750	49.163	46.705	44.370	42.151
5705 4x2	85 cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.244	53.432	50.760				
5705 4x4	85 cv	88.000	70.400	66.880	63.536	60.359	57.341	54.474				
6300 4x4 Syncroplus	100cv	-						59.426	56.455	53.632	50.951	48.403
6300 4x4 Syncroplus/Cabinado	100cv	-						69.852	66.359	63.041	59.889	56.895
6300 4x4 PowerQuad	100cv	-						66.203	62.893	59.748	56.761	
6300 4x4 PowerQuad/Cabinado	100cv	-						67.203	63.843	60.651	57.618	
6405 4x4 Syncroplus	106cv	-				74.283	70.569	67.040				
6405 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv	-				87.315	82.949	78.802				
6405 4x4 PowerQuad	106cv	-				82.754	78.616	74.685				
6405 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	-				92.921	88.275	83.862				
6415 4x4 Syncroplus	106cv	114.000	91.200	86.640	82.308	78.193	74.283					
6415 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv	134.000	107.200	101.840	96.748	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad	106cv	127.000	101.600	96.520	91.694	87.109	82.754					
6415 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	143.000	114.400	108.680	103.246							
6600 4x4 Syncroplus	121cv	-						76.243	72.431	68.809	65.369	62.101
6600 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	-						87.795	83.405	79.235	75.273	71.510
6600 4x4 PowerQuad	121cv	-						82.597	78.467	74.544	70.816	
6600 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	-						94.149	89.441	84.969	80.721	
6605 4x4 Syncroplus	121cv	-				81.008	76.958	73.110				
6605 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	-				93.282	88.618	84.187				
6605 4x4 PowerQuad	121cv	-				87.759	83.371	79.203				
6605 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	-				100.033	95.031	90.280				
6615 4x4 Syncroplus	121cv	132.000	105.600	100.320	95.304	90.538	86.012					
6615 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	152.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044					
6615 4x4 PowerQuad	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246	98.083	93.179					
6615 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	163.000	130.400	123.880	117.686	111.801	106.211					

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
7500 4x4 PowerQuad	140cv	-							89.387	84.918	80.672	76.638
7500 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	-							100.561	95.533	90.756	86.218
7505 4x4 PowerQuad	140cv	-				104.257	99.044	94.092				
7505 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	-				117.289	111.424	105.853				
7515 4x4 PowerQuad	140cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744						104.257
7515 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	180.000	144.000	136.800	129.960	123.462	117.289					
7715 4x4	182cv	220.000	176.000									
7810 4x4 Importado	200cv	-						124.950				
7815 4x4 importado	200cv	-			166.600							
7815 4x4	202cv	245.000	196.000									
8300 4x4 Importado	240cv	-										143.848
8400 4x4 Importado	260cv	-								167.777	159.389	151.419
8410 4x4 Importado	270cv	-					195.687	185.903	176.608			
8420 4x4 Importado	280cv	-		228.240	216.828	205.987						
8430 4x4 Importado	310cv	317.000	253.600									



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
Mistral DT 50 4x4	47 cv	62.000	49.600									
Technofarm R60 4x2	58 cv	62.800	50.240									
Technofarm DT 60 4x4	58 cv	68.900	55.120									
Technofarm DT 75 4x4	68 cv	77.000	61.600									
Rex DT 80 4x4	75 cv	87.000	69.600									
Globalfarm 100 4x4	97 cv	98.500	78.800									
LandPower 140 4x4 plat.	140 cv	146.100	116.880	111.036								
LandPower 140 4x4 cab.	140 cv	161.400	129.120	122.664								
LandPower 165 4x4 plat.	165 cv	150.400	120.320	114.304								
LandPower 165 4x4 cab.	165 cv	165.400	132.320	125.704								

Massey Ferguson

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
MF 235 4x2	50cv	-							27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x2	50cv	-							27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x4	50cv	-							30.085	28.580	27.151	25.794
MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	50.000	40.000	38.000	36.100	34.295	32.580	30.951				
MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x2 Advanced	55cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x4 Advanced	55cv	58.000	46.400	44.080	41.876	39.782	37.793	35.903				
MF 265 4x2	65cv	-							38.548	36.621	34.790	33.050
MF 265 4x4	65cv	-							40.577	38.548	36.621	34.790
MF 265 4x2 Advanced	65cv	-	52.440	49.818	47.327	44.960	42.713	40.577				
MF 265 4x4 Advanced	65cv	69.000	55.200	52.440	49.818	47.327	44.961	42.713				
MF 272 4x2	73cv	-							44.013	41.812	39.721	37.735
MF 272 4x4	73cv	-							47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 4x2	75cv	-							44.013	41.812	39.721	37.735
MF 275 4x4	75cv	-							47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 Advanced 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903				
MF 275 Advanced 4x4	75cv	85.000	68.000	64.600	61.370	58.301	55.386	52.617				
MF 5275 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903	46.458	44.135		
MF 5275 4x4	75cv	-	64.600	61.370	58.302	55.386	52.617	49.986	47.487	45.113		

NOVOS TRATORES CLASSIC 6415 E 6615

Potência e qualidade John Deere
em versão econômica.



MODELO 6415
106cv

MODELO 6615
121cv



ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
MF 283 4x2	83cv	-							49.584	47.105	44.749	42.512
MF 283 Advanced 4x2	83cv	89.000	71.200	67.640	64.258	61.045	57.993	55.093				
MF 5285 4x2	85cv	83.000	66.400	63.080	59.926	56.929	54.083	51.379	48.810	46.370		
MF 5285 4x4	85cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 290 4x2	85cv	92.000							46.000	43.700	41.515	39.439
MF 290 4x4	85cv	-							51.255	48.692	46.258	43.945
MF 290 Advanced 4x2	85cv	92.000	73.600	69.920	66.424	63.102	59.948	56.950				
MF 290 Advanced 4x4	85cv	98.000	78.400	74.480	70.756	67.218	63.857	60.664				
MF 5290 Export 4x2	88cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 5290 Export 4x4	88cv	100.000	80.000	76.000	72.200	68.590	65.161	61.902	58.807	55.867		
MF 292 4x2	102cv	-							49.000	46.550	44.223	42.011
MF 292 4x4	102cv	-							60.169	57.161	54.303	51.588
MF 291 Advanced 4x4	105cv	104.000	83.200									
MF 292 Advanced 4x2	105cv	-	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855	63.512				
MF 292 Advanced 4x4	105cv	108.000	86.400	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855				
MF 5310 4x4	105cv	112.000	89.600	85.120	80.864	76.820	72.980	69.331	65.864	62.571		
MF 297 4x4	110cv	-							63.512	60.336	57.320	54.454
MF 297 Advanced 4x4	120cv	117.000	93.600	88.920	84.474	80.250	76.238	72.426				
MF 298 4x4	120cv	130.000										
MF 5320 4x4	120cv	126.000	100.800	95.760	90.972	86.423	82.102	77.997	74.097	70.392		
MF 610 4x4	110cv	-									57.320	54.454
MF 620 4x4	120cv	-									57.941	55.044
MF 630 4x4	130cv	-									70.392	66.873
MF 299 4x4	130cv	-							77.997	74.097	70.392	66.873
MF 299 Advanced 4x4	130cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663				
MF 650 HD 4x4	138cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663	82.330	78.214	74.303	70.588
MF 660 HD 4x4	150cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044	94.092	89.387		
MF 680 HD 4x4	173cv	190.000	152.000	144.400	137.180	130.321	123.805	117.615	111.734	106.147		
MF 6350 HD 4x4	190cv	200.000	160.000	152.000	144.400							
MF 6360 HD 4x4	220cv	230.000	184.000	174.800	166.060							

New Holland

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
4630 4x2	63cv	-									29.000	28.000
4630 4x4	63cv	-									37.000	35.000
5030 4x2	75cv	-									30.000	29.000
5030 4x4	75cv	-									41.000	40.000
5630 4x2	80cv	-									33.000	31.000
5630 4x4	80cv	-									43.000	41.000
7630 4x2	105cv	-									35.000	34.000
7630 4x4	105cv	108.000	72.000	65.000	60.000	56.000	54.000	52.000	50.000	47.000	45.000	44.000
7830 4x4	112cv	-									48.000	47.000
8030 4x4	122cv	117.000	85.000	75.000	65.000	62.000	59.000	55.000	53.000	50.000	49.000	48.000
TT 3840 Std	55cv	66.000										
TT 3840 F	55cv	68.000										
TT3880 F	75cv	75.000										
TL 60 4x2 E	62cv	68.000	43.000	40.000								
TL 60 4x4 E	62cv	75.000	53.000	48.000								
TL 65 4x2 E	61cv	-			37.000	36.000	34.000	32.000				
TL 65 4x4 E	61cv	-			45.000	43.000	40.000	38.000				
TL 70 4x2	71cv	-							30.000	28.000	26.000	25.000
TL 70 4x4	71cv	-							38.000	35.000	32.000	30.000
TL 75 4x2 E	75cv	78.000	45.000	43.000	41.000	40.000	38.000	35.000				
TL 75 4x4 E	75cv	84.000	57.000	54.000	49.000	47.000	44.000	41.000				
TL 80 4x2	81cv	-							31.000	29.000	27.000	26.000
TL 80 4x4	81cv	-							42.000	39.000	37.000	35.000
TL 85 4x2 E	83cv	80.245	56.000	52.000	49.000	46.000	43.000	40.000				
TL 85 4x4 E	83cv	89.000	64.000	59.000	55.000	52.000	49.000	46.000				
TL 90 4x2	90cv	-							37.000	35.000	33.000	31.000
TL 90 4x4	90cv	-							47.000	45.000	41.000	38.000
TL 95 4x2 E	98cv	-	62.000	60.000	58.000	56.000	52.000	48.000				
TL 95 4x4 E	98cv	100.000	71.000	65.000	59.000	55.000	53.000	52.000				
TL 100 4x2	101cv	-							39.000	37.000	35.000	33.000
TL 100 4x4	101cv	-							47.000	44.000	42.000	39.000
TS 90 4x4 Canavieiro	91cv	-	75.000	69.000	64.000	59.000	55.000	50.000	46.000			
TS 100 4x4	105cv	-			61.000	60.000	57.000	54.000	51.000			
TS 110 4x4	108cv	-	71.000	65.000	63.000	61.000	58.000	55.000	53.000			
TS 120 4x4	120cv	-	75.000	71.000	68.000	65.000	63.000	61.000	57.000			
TS 6000 Canavieiro	91cv	105.000										
TS 6020 4x4	111cv	120.000										
TS 6040 4x4	132cv	134.000										
TM 110 4x4	110cv	-								51.000	48.000	
TM 120 4x4	120cv	-								51.000	48.000	
TM 130 4x4	130cv	-								52.000	46.000	
TM 135 4x4	137cv	-	95.000	86.000	78.000	73.000	68.000	63.000	60.000			
TM 135 4x4 E	137cv	-	90.000	83.000	75.000	70.000	65.000	60.000	57.000			
TM 140 4x4	140cv	-								55.000	50.000	47.000
TM 150 4x4	149cv	-	97.000	87.000	81.000	75.000	69.000	65.000	62.000			
TM 150 4x4 E	149cv	-	95.000	85.000	80.000	74.000	68.000	64.000	61.000			
TM 165 4x4	165cv	-	120.000									
TM 180 4x4	177cv	-	150.000	136.000	122.000	110.000	100.000	92.000	85.000			
TM 7010 4x4 SPS	141 cv	190.000										
TM 7010 4x4 Plat	141 cv	146.000										
TM 7010 4x4 Exitus	141 cv	163.000										
TM 7020 4x4 SPS	149 cv	208.000										
TM 7020 4x4 Plat	149 cv	166.000										
TM 7020 4x4 Exitus	149 cv	183.000										
TM 7030 4x4 SPS	168 cv	227.000										
TM 7030 4x4 Plat	168 cv	188.000										
TM 7030 4x4 Exitus	168 cv	204.000										
TM 7040 4x4 SPS	180 cv	243.000										
TM 7040 4x4 Plat	180 cv	205.000										
TM 7040 4x4 Exitus	180 cv	221.000										
T 7040 4x4 Importado	200cv	270.000										
T 7060 4x4 Importado	223cv	301.000										



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
T3025-4 4x4	30 cv	31.000	24.800									
T5045-4 4x4	50 cv	43.000	34.400									

Valtra												
Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
585 4x4	47cv	54.000										
685 4x2	61cv	63.000	50.400	47.880	45.486	43.211	41.051	38.999	37.049	35.196	33.436	31.765
685 C4x4	61cv	71.700	57.360	54.492	51.767	49.179	46.720	44.384	42.165	40.057	38.054	36.151
700 4x4	73cv	96.850	77.480	73.606	69.926	66.429	63.108	59.953	56.955	54.107	51.402	48.832
785 4x2	75cv	70.000	56.000	53.200	50.540	48.013	45.612	43.332	41.165	39.107	37.152	35.294
785 4x4	75cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.243	53.432	50.760	48.222	45.811	43.520	41.344
800 4x4	80cv	100.100	80.080	76.076	72.272	68.658	65.226	61.964	58.866	55.923	53.127	50.470
885 4x2	84cv	-								37.152	35.294	33.529
885 4x4	84cv	-								53.127	50.470	47.947
900 4x4	86cv	103.400	82.720	78.584	74.655	70.922	67.376					
985 4x2	103cv	-								55.610	52.829	50.188
985 4x4	103cv	-								58.881	55.937	53.140
1180 4x4	118cv	-								64.756	61.518	58.442
1280 R 4x4	126cv	159.400	127.520	121.144	115.087	109.332	103.866	98.673	93.739	89.052	84.599	80.369
1380 4x4	135cv	-								65.973	62.674	59.541
1580 4x4	145cv	-								78.861	74.918	71.172
680 4x4	150cv	-								83.242	79.080	75.126
1780 4x4	160cv	187.250	149.800	142.310	135.195	128.434	122.013	115.912	110.117	104.611	99.380	94.411
1880 4x4	180cv	-								86.985	82.636	78.504
BF 65 4x2	65cv	63.000	50.400	47.880								
BF 65 4x4	65cv	66.000	52.800	50.160								
BF 75 4x2	75cv	68.000	54.400	51.680								
BF 75 4x4	75cv	72.050	57.640	54.758								
BH 145 4x4	145cv	149.000	119.200	113.240	107.578	102.199	97.089	92.235	87.623			
BH 165 4x4	165cv	155.700	124.560	118.332	112.415	106.794	101.455	96.382	91.563			
BH 180 4x4	180cv	189.950	151.960	144.362	137.144	130.286	123.772	117.584	111.705			
BH 185 i 4x4	185cv	205.950	164.760									
BL 77 4x2	77cv	80.000	64.000	60.800								
BL 77 4x4	77cv	85.000	68.000	64.600								
BL 88 4x2	88cv	84.000	67.200	63.840								
BL 88 4x4	88cv	91.000	72.800	69.160								
BM 100 4x4	100cv	111.250	89.000	84.550	80.323	76.306	72.491	68.867	65.423			
BM 110 4x4	110cv	119.200	95.360	90.592	86.062	81.759	77.671	73.788	70.098			
BM 120 4x4	120cv	122.350	97.880	92.986	88.337	83.919	79.724	75.738	71.951			
BM 125 i 4x4	125cv	124.650	99.720	94.734	89.997	85.497	81.223	77.161	73.303			

Yanmar												
Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
1030 Standard 4x2	26 cv	43.300	31.304	29.739	28.251	26.839	25.497	24.222	23.011	21.860	20.768	19.729
1030 Standard 4x4	26 cv	48.800	35.263	33.500	31.825	30.234	28.722	27.286	25.922	24.626	23.394	22.225
1145 Standard 4x4	39 cv	55.800	41.494	39.419	37.448	35.575	33.797	32.107	30.501			
1145 Standard 4x4 TDFI	39 cv	57.400	42.693	40.558	38.530	36.604	34.773	33.035	31.383			
1050 Turbo Completo 4x4	50 cv	59.900	43.235	41.073	39.019	37.069	35.215	33.454	31.781	30.192	28.683	27.249
1050 Turbo Básico 4x2	50 cv	52.300	35.940	34.143	32.436	30.814	29.273	27.810	26.419	25.098	23.843	22.651
1155 Standard Completo 4x4	55 cv	67.500	47.588	45.209	42.949	40.801	38.761	36.823				
1155 Standard Completo SR 4x4	55 cv	71.000	50.428	47.907	45.511	43.236	41.074	39.020				
2060 Standard Completo 4x4	55 cv	71.100	49.520	47.044	44.692	42.457	40.334	38.318	36.402	34.582		
1175 Completo 4x4	70 cv	75.200										

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case IH												
Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
2366	Axial	-										
2388	Axial	-					350.892	333.347	316.680	285.804	271.514	257.938
2388 - Extreme	Axial	-			410.400	389.880				300.846	285.804	271.514
Axial-Flow - 2388	Axial	600.000	480.000	456.000								
Axial-Flow - 2399	Axial	650.000	520.000	494.000								
Axial-Flow - 8010	Axial	850.000	680.000									



JOHN DEERE



Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
1165	4 - Saca-palhas	-	197.280	187.416	178.045	169.143	160.686	152.652	145.019	137.768	130.880	124.336
1175 Arrozadeira/Esteira/19 pés	5 - Saca-palhas	310.000	248.000	235.600	223.820	212.629	201.998	191.898	182.303	173.188	164.528	156.302
1175 Básica/16pés	5 - Saca-palhas	274.000	219.200	208.240	197.828	187.937	178.540	169.613	161.132	153.076	145.422	138.151
1175 Básica/Cabinada/16 pés	5 - Saca-palhas	303.000	242.400	230.280	218.766	207.828	197.436	187.564	178.186	169.277	160.813	152.772
1175 Hydro/19 pés	5 - Saca-palhas	314.000	251.200	238.640	226.708	215.373	204.604	194.374	184.655	175.422	166.651	158.319
1175 Hydro/Cabinada/19 pés	5 - Saca-palhas	334.000	267.200	253.840	241.148	229.091	217.636	206.754	196.417	186.596	177.266	168.403
1185 Hydro/Cabinada/19 pés	6 - Saca-palhas	-								177.266	168.403	159.983
1185 Hydro/Cabinada/23 pés	6 - Saca-palhas	-								198.475	188.551	179.124
1450 Arrozadeira/Cab/Hydro/Esteira	5 - Saca-palhas	-	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Hydro/Cabinada/18 pés	5 - Saca-palhas	378.000	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Tração/Plataforma 20 pés	5 - Saca-palhas	386.000	308.800	293.360	278.692	264.757	251.520	238.944	226.996			

ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
1550 Hydro/Cabinada/20 pés	6 - Saca-palhas	445.000	356.000	338.200	321.290	305.226	289.964	275.466	261.693			
1550 Hydro/Cabinada/22 pés	6 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900	308.655	293.222	278.561	264.633			
9650 CTS - Arrozadeira - Importada	Axial	-							211.177	200.618	190.587	181.058
9650 STS 25 pés	Axial	635.000	508.000	482.600	458.470	435.547	413.769	393.081				
9650 STS 30 pés	Axial	645.000	516.000	490.200	465.690	442.406	420.285	399.271				
9660 CTS - Arrozadeira - Importada	Axial	-										
9670 STS - Arrozadeira - Importada	Axial	550.000										
9750 STS 30 pés	Axial	690.000	552.000	524.400	498.180	473.271	449.607	427.127				

Massey Ferguson

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
5650	5 - Saca-palhas	-				194.940	185.193	175.933	167.137	158.780	150.841	143.299
5650 Advanced	5 - Saca-palhas	300.000	240.000	228.000	216.600							
6855	6 - Saca-palhas	-										136.134
6855 Hydro	6 - Saca-palhas	-								209.000	198.550	188.623
MF - 32 Advanced	5 - Saca-palhas	380.000										
MF - 34	5 - Saca-palhas	-				292.410	277.790	263.900	250.705			
MF - 34 Advanced	5 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900							
MF - 38	6 - Saca-palhas	500.000	400.000	380.000	361.000	342.950	325.803	309.512	294.037			
MF - 9790 - ATR	Axial	690.000										

New Holland

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
TC - 55 15 pés	4 - Saca-palhas	-	225.000	204.000	185.000	168.000	151.000	139.000	127.000	115.000	105.000	96.000
TC - 57 17 pés	5 - Saca-palhas	340.000	260.000	232.000	209.000	188.000	169.000	158.000	150.000	142.000	135.000	128.000
TC - 57 19 pés	5 - Saca-palhas	360.000	262.000	233.000	210.000	189.000	170.000	161.000	153.000	145.000	138.000	131.000
TC - 59 19 pés	6 - Saca-palhas	-	310.000	275.000	247.000	222.000	200.000	190.000	180.000	171.000	162.000	155.000
TC - 59 23 pés	6 - Saca-palhas	-	315.000	283.000	255.000	230.000	207.000	196.000	186.000	177.000	168.000	160.000
TC - 5090 19 pés	6 - Saca-palhas	421.000										
TC - 5090 20 pés	6 - Saca-palhas	440.000	350.000									
TC - 5090 23 pés	6 - Saca-palhas	450.000										
CS - 660 30 pés	6 - Saca-palhas	520.000	370.000	320.000	300.000							
CR - 9060 30 pés	Axial	720.000	612.000									
CR - 9060 35 pés	Axial	740.000										

Valtra

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
BC - 4500	5 - Saca-palhas	320.000	256.000									
BC - 7500	Axial	650.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE ALGODÃO

Case IH

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
420 Cotton Express 4x4	264cv	US\$ 298										
620 Cotton Express 4x4	370cv	US\$ 368										
625 Cotton Express	370cv	US\$ 503										



JOHN DEERE



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
9970	253cv	US\$ 300.000	US\$ 240.000	US\$ 216.000	US\$ 194.400	US\$ 180.000	US\$ 162.000	US\$ 145.800	US\$ 131.220	US\$ 129.000	US\$ 127.000	US\$ 125.000
9996	355cv	US\$ 400.000	US\$ 320.000									

Montana

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
2805 Cotton Blue	280cv	520.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE CANA

Case IH

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
A7000/Pneu	335cv	950.000										
A7700/Esteira	335cv	1.150.000										



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
CHT 3510/Esteira	332cv	920.000										
CHW 3510/Pneu	332cv	890.000										

Santal

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
Amazón 2000 4x2	336 HP							245.000	233.000	221.000	210.000	199.000
Santal Tandem 6x4	336 HP	800.000	640.000	608.000	578.000	549.000						

Star

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
StarMag CC701	234cv	580.000										

ANÚNCIO



Fertilizantes Orgânicos, Substratos e Corretivos de Acidez de Solos - Calcítics

Vida Produtos e Serviços em Desenvolvimento Ecológico Ltda.

Estrada Santa Maria, km 10 - Eldorado do Sul/ RS CEP 92.990-000

CNPJ:89.665.020/0008-61 IE: 267/0018933

Fábrica: (51) 3501-3293 (51) 9718-8705

Assistência Técnica / Vendas: (51) 3401-1323 (51) 9973-5264

vidars@terra.com.br www.vida-e.com.br

A FORÇA DA QUALIDADE EM SEMENTES. IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SEMENTES EM GERAL

- | | | |
|-----------------|--------------|---------------------|
| ▷ Citriodora | ▷ Urograndis | ▷ Cedro australiano |
| ▷ Camaldolencis | ▷ Duni | ▷ Acácia mangium |
| ▷ Grandis | ▷ Urophila | ▷ Teca |



Sementes Caiçara

Enviamos para todos os estados do Brasil no mesmo dia da compra.
Venha nos conhecer para adquirir o que há de melhor em sementes.

E muitas outras espécies nativas, sementes de grama para campos de futebol e jardinagem.

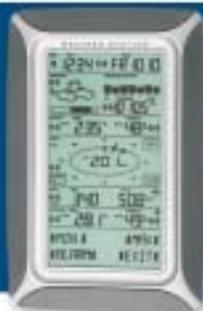
Fone: (18) 3646.1337 | Fax: (18)3646.1165 | www.sementescaicara.com.br
cc.ltd@bol.com.br | sementescaicara@uol.com.br | sementescaicara@hotmail.com



Av. Eduardo Prado, 1670 - Porto Alegre
CEP: 91751-000 - Porto Alegre - RS - Brasil
Tel.: (51) 3245-7100 - Fax: (51) 3248-1470
www.incoterm.com.br



Tradição em Precisão.



Estação Meteorológica Master Touch

- Estação com tela tátil (touch screen), com conexão para PC;
- Temperatura;
- Umidade relativa de ar (interna e externa);
- Índice pluviométrico;
- Pressão atmosférica;
- Direção do vento;
- Sensores externos sem fio, alarmes (20 no total).

Pluviômetro

- Transmissão sem fio (máx. 100m);
- Escala de indicação - 24 horas de 0 - 1.000 mm;
- Escala de indicação - total de 0 - 10.000 mm;
- Função de alarme programável;
- Temperatura (interna);
- Volume de chuva;

Data Logger / Climate Logger

- Transmissão sem fio por até 5 transmissores (até 100m);
- Faixa de temperatura int. de 0 + 60°C ext. de -30 + 70°C;
- Faixa de umidade rel./ext. 0 a 99% UR;
- Alarme, hora feriado 12/24h, calendário e correção de dados;
- Registro de até 3.000 conjunto de dados;
- Máxima e mínima;
- Conexão com PC (RS-232).

Anuncie aqui, distribuição nacional - Preços Competitivos

Ligue: (51) 3233.1822

agroguia@agranja.com



Além das já tradicionais sementes de inverno, agora a El Rincón conta com as parcerias para verão: Sementes Bonamigo, especializada em Milho, Sorgo, Guandu e Girassol e a Sementes Serrano produtora de sementes forrageiras de verão.

El Rincón Sementes, a cada dia mais perto do produtor rural brasileiro.



El Rincón Sementes Ltda-Av. Barão do Cerro Formoso 1012 - Caçapava do Sul / RS
Fones: (55) 3281-4334 (55) 3281-5418 - elrincon@farrapo.com.br



Dia 21 de agosto de 2008 será sorteado uma semeadora entre os clientes que adquirirem as nossas sementes.

foto meramente ilustrativa

Fábricas de Carne e de Adubo sobre o Pasto

Com a técnica inovadora da **Biodiversidade Forrageira de Alta Performance** cada hectare vai se auto-adubar com muito nitrogênio, fósforo e matéria orgânica e, em vez de um "botequim de quinta categoria", o pecuarista vai oferecer ao gado um "restaurante 5 estrelas". Arroz, feijão, bife e salada com direito a sobremesa, em lugar de só arroz... e pouco.

Brincadeira? Nada disso.

Uma realidade factível, de baixo custo e rápida para ser atingida: de 20 a 30 toneladas logo no primeiro pastejo, aos 60/70 dias, com uma taxa de conversão mínima de 2%, em peso vivo. Ou seja, de 400 a 600 kg/ha.

Enfim, uma fábrica ecológica de carne e leite sem necessidade de CNPJ.

Você conheceu o milagre. Conheça agora o Santo, contactando a



Pasto original turbinado + três tipos de leguminosas, Girassol e Milheto. Qualidade nutricional pra fazendeiro irlandês nenhum botar defeito.

UBERPASTO

Tecnologia em Recuperação e Formação de Pastagens

Tel. (31) 3712-4844 / 3712-3088

e-mail: uberpasto@terra.com.br

www.uberpasto.com.br

art point
MAQUETES AGRÍNDUSTRIAS
18 ANOS SUPERANDO AS EXPECTATIVAS DE NOSSOS CLIENTES

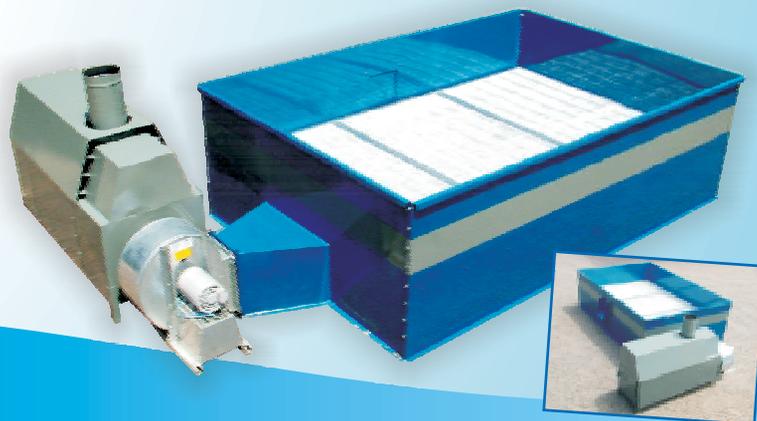
www.artpointmaquetes.blogspot.com
artpointrw@yahoo.com.br
fones: (55-51) 3325.0411/9265.5626
Porto Alegre / RS - Brasil

Secador de Grãos de Leito Fixo

O Secador de grãos possui grande versatilidade para o pequeno produtor, possibilitando manter sua colheita seca e corretamente armazenada.

Especificações do produto:

- Capacidade para 40 - 60 sacas
- Fornalha de chapa aço carbono
- Secagem com fogo indireto
- Ventiladores com motores de 2,0 ou 3,0 cv monofásico ou trifásico
- Tela ótis
- Termômetro analógico
- Chaminé com telha
- Manual de utilização do equipamento
- Equipamento disponível também pelo cartão do BNDES



Av. João Maieron, 136 - Sobradinho
CEP: 96900-000 - Sobradinho - RS - Brasil
Fone/Fax.: (51) 3742-2222 - metalurgica@lovatto.com.br
www.lovatto.com.br

MOTOSERRAS COM PREÇOS IMBATÍVEIS!

Despachamos para todo o Brasil (consulte valor do frete)



Modelo: 2.3 HP
39,8 cc

1+3
no cartão
R\$ 170,00

à vista R\$ 680,00

**6 meses de
garantia**



Modelo: 3.08 HP
50,2 cc

1+3
no cartão
R\$ 245,00

à vista R\$ 980,00

Motoserras São Carlos - 25 ANOS DE BONS NEGÓCIOS

Av. Farrapos, 1529/1533/1537/1541 - Porto Alegre - B. Floresta - CEP 90220-005- Fone: (51) 3222.2389 Fax: (51) 3346.8241
E-mail: motoserrasaocarlos@terra.com.br

AGROPECUÁRIAS

Agrícola Cantelli Ltda.
Produtos Agropecuários,
comercialização de soja
e milho. Export. e Import.
www.cantelli.com.br
Fone: (42)3629-8050
Guarapuava/ PR

Agropecuária Itaipu Ltda.
Contato com Sr. Sérgio
Paulo pelos fones: (45)

3242-1348 / 3242-1432 /
8405-9701 apolo@
agropecuariaitaipu.brte.com.br
Corbélia/PR

Agropecuária Rei do
Gado. Farmácia Veterinária -
Inoculantes - Cerca
elétrica e etc. Fone/fax:
(41) 3016-7060 e-mail:
reidogado@cli.com.br
Curitiba/PR. CEP:81200-310

Casa Agropec. Arco-Iris.
Produtos agropec.
Materiais: P/ construção e
escolar. Calçados,
brinquedos, peças para
veículos, motos e bicicletas
Fone : (66) 3558-1161
Fax: (66) 3558-1352 Santa
Terezinha/ MT

IMÓVEIS

Danilo imóveis - Corretor c/
sede no sul de MG. Ótimas
fazendas de cana, soja,
café, leite, cria e recreia.
Fones: (35)3334-1748, 9917-
1748 ou (38)9165-5469
www.daniloimoveis.cim.br
Carmo de Minas / MG

Fazendas no centro-oes-
te, norte e nordeste para
soja, cana, milho, reforest.
e biodiesel. Fones :
(44)3026-8179/ 3301-8164
tratar com o Sr. Waldir
www.imobiliariarural.net

PRODUTOS DA LAVOURA

Casa Princesa da Lavoura
Fone / fax: (42) 3237-1528
Av. Manoel Ribas, 1199
Pirai do Sul / PR
CEP: 84240-000

Fertifol Fertilizantes Ltda.
Vende-se calcário, adubos
e sementes. Fones: (66)
3498-1236 / 8116-8166
tratar com o Sr. Evo.
e-mail:fertifol@gmail.com
Primavera do Leste/ MT
CEP: 78850-000

Fertimig Fertilizantes Ltda.
Fone/ fax: (66) 3423-5836
Av Presidente Medici, 3291
Rondonópolis / MT
CEP: 78705-000

Infoagro Insumos Agríc.
Ltda. Insumos e cereais.
infoagro@vere.com.br
Fone / fax: (46) 3535-1353
com Sr. Mauri. Verê / PR
CEP: 85585-000

DA TERRA DO LEITE PARA TODO O BRASIL

Silagem Pré-Secada

Agora, o olho do dono já tem concorrente



Marca de qualidade em Silagem

Chácara Barca s/n.º - Colônia Castrolanda - Castro - PR
barkema@ig.com.br - 42-3234-1275

EBOCAM tem trator, tem energia

Conecte o gerador à tomada de força do seu trator e obtenha energia elétrica com mobilidade em qualquer situação. Canteiros de obras, eventos em campo aberto, manutenção em campo de implementos, sistemas de ventilação e aquecimento de criadouros, sistemas de irrigação e drenagem. Ideal para acampamentos, edificações distantes, entre outros.

Fone/Fax: (47) 3436-1756 - Rua Amo Waldemar Doher, 1045
Bom Retiro 89219-030 - Joinville - Santa Catarina
e-mail: ebocam@ebocam.com.br

Acabe com os prejuízos com a falta da energia elétrica



De 5 a
50 KVA

OU
MEDIOS



RATOS? MORCEGOS?

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA

Tel: (35) 3292-1889
Fax: (35) 3292-1320
Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
Athenas - MG

btc@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br



PH PISCINAS

NO CAMPO OU NA CIDADE, QUALIDADE EM LAZER

►►Piscinas: trabalhamos com
de fibra, vinil e concreto.
►►AQUECIMENTO: BOMBA DE

piscinas)
►►Aquecedores Sakura
►►Acessórios, Bombas e Filtros
►►Caixas d'água
►►Hidromassagens
Lareiras: fabricamos em aço
naval, cobre, latão, inox, e
vidro temperado.

►►Móveis ►►Ofurôs ►►Pedras e
Pisos ►►PRODUTOS
QUÍMICOS►►Saunas/SPAS EM
ACRILICO E GEL
COAT►►Toboáguas e muito mais.
Aceitamos todos os cartões de crédito,
construcard-CEF, e temos várias opções
de financiamento em até 24 x.

**O MAIOR SHOW ROOM
DE PORTO ALEGRE/RS.**

Fone / Fax : (51) 3231-4410 - Av. Padre Cacique, 977 - Praia de Belas - Porto Alegre / RS
CEP 90810-240 www.phpiscinas.com.br phpiscinas@phpiscinas.com.br



SOMOS REVENDA:



ESTEIRA TRANSPORTADORA

Fábrica de esteiras transportadoras
Transporte de sacarias e fardos em geral
Esteiras com módulo de carga (pesagem)
Projetos do ramo.



Endereço: Av. Senador Alberto Pasqualini, 1900 - Três de Maio - RS - Cep: 98.910-000
Fone: (55) 3535.2047 - torsolmetal@terra.com.br - www.torsolmetal.com.br

Ipê Agrocomercial. Com. e distribuímos sementes de hortaliças, sorgo, girassol e insumos. Fone/fax: (62) 3247-0907 - 8114-9953
ipeagrocomercial@terra.com.br
Goiânia /GO

Sementes Sojamil Ltda. comerc. de cereais, sementes e insumos agrícolas. Fone: (46) 3242-8800. Filiais: Marquinho/PR, Cândói/PR, Goioxim/PR. E-mail: comercial@sojamil.com.br
Chopinzinho/PR

SEMENTES EM GERAL

Comércio de Sementes Bioseeds Ltda. Prod. e vend. semente farrofeira: MG5/ Brachiarão. (64) 3631- 4813 Contato: Sr. Luiz André, Jataí/GO

KW Sementes Ltda. Excelência em pastagem. Inverno: Trevos, Cornichão, Azevém e Aveia. Verão: Brizantha, MG5, Aruana e Pensacola. Fone: (51) 3480-0400 / 3480-0043
kw.sementes@terra.com.br
Guaíba/RS

Sementes Fortforma, sementes de pastagens tropicais. Distribuidor Região Sul – KW Sementes Fone: (51) 3480-0400 Sr. Vítor e pelo fone: (67) 3248-1288 Paraíso/ MS

Sementes Sabiá Fone: (66) 3544.8486 R. Criciúma 105 B, Sorriso/MT
CEP: 78890-000

SERVIÇOS

Advogado: Especialização em contratos e responsab.

civil (Ufrgs), recebimento indenizações e ressarcimento de danos. Fone : (51) 3233-9465 e (51) 9259-6774
www.maxheller.com.br
Porto Alegre / RS

Arborea Proj. Ambientais e Agrícolas Ltda. Fone: (54) 3292-1151
arborea@vscomp.com.br
Rua John Kennedy, 2221 Sala 02 Flores da Cunha /RS CEP:95270-000

Agrogestor - Sistema de Gestão do Agronegócio Gestão p/ Agricultura, Armazém, Transp. e Pec. Fone (65) 3549-1679
www.kacique.com.br
Lucas do Rio Verde/ MT

Ark Eng. Projetos para a construção e financ. nas áreas: industrial, agropec. reflorest., infra-estrutura, com/serv. e turismo. Fone: (63) 3215-1385
Palmas/TO

Cb Agro Consultoria em Agronegócio. Fone/fax: (64) 3621-0973 e-mail: cbagro@uol.com.br Rua 6 N° 159 Rio Verde /GO CEP :75906-251

Comércio e Represent. Ke Soja. Fone: (65) 3549-1409 - e-mail: binotti@binott.com.br Br 163 Km 686 Cx Postal 22 CEP: 78455-000
Lucas do Rio Verde / MT

Dois Assessoria de Comunic. (55) 3223.0222 dois@doisassessoria.com.br www.doisassessoria.com.br Av. Nossa Sra. das Dores, 226 - A, Santa Maria / RS CEP: 97050-530

San Raphael Hotel. Próximo aos principais centros de compras, lazer, cultura, arte e gastronomia da cidade de São Paulo. Toll Free: 0800 014 8000 Fone: (11) 3334-6000
www.sanraphael.com.br reservas@sanraphael.com.br São Paulo/SP

Solo Análise. Excelência em análises agronômicas, certificadas pelo Controle de Qualidade Embrapa Solos / RJ e Esalq/SP. Fone: (66) 3498-3476
labsolo@terra.com.br Pva. Do Leste / MT

Vigorteste Lab. Análise de Sementes Ltda. Fone: (45) 3223-2179 - Rua 13 de Maio, 809 Cascavel/PR CEP 85812-191

TRATORES E IMPLEMENTOS

Agroforte Com. Máqs. Agríc. Ltda. Com. de tratores, impl. e peças agrícolas de todas as linhas. Fone : (53) 3242-7911 - e-mail: agroforte@alternet.com.br Rua Gal. Osório, 30. Bagé / RS

Conheça os produtos Maqtron - Máquinas p/ bater cereais, desintegradores, ensiladeiras, carretas, moendas de cana, betoneiras e outros. Site: www.vencedoramaqtron.com.br Joaçaba /SC

Godoi Agromáquinas - Comp. e vend. de tratores, máq. e implem. usados. Prop. Carlos Alberto Godoi.

(65) 3382-2950 Cel:(65) 9987-2524
godiogramaquinas@hotmail.com
Campo Novo do Parecis/ MT

Noroeste Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda. F: (44) 3631-9039 - e-mail: noroestemaq@pop.com.br Av Paraíba, 1195 Cianorte PR CEP: 87200-000

Yamaguchi Indústria Comércio de Máquinas e Implementos Agríc. Ltda Fone: (16) 3851-2187 Fax: (16) 3851-1062 Av. São José, 780 – Cx. Postal 22 CEP 14640-000 Morro Agudo / SP

OUTROS

A Ovelha Manual Prático Zootec. Autor: Zootec. Iracilde G. de Souza prop. da Cabanha Seu Irineu. Comércio de carneiros da raça Ideal. Fones: (55) 3422-2442 e (55) 9997-2214 Alegrete /RS

Annamell Imp. e Exp. de produtos agrícolas Ltda. Exportação de mel e soja. Fones: (55) 3255-1488/ 9942-1613 tratar com senhor Miguel. annamell@brturbo.com.br Centro, Jaguarí /RS

Chapéus? É na Country & Tal na feira dos importados de Brasília no conj. B na loja 343. Fone: (61) 3037-4304 Brasília /DF

Cooperativa Agrícola Mista Alta Paulista Sr. Pinato F: (14) 3441-5282 Fax: (14) 3491-5177 Rua Brasil, 2045 Tupã / SP. CEP: 17600-000

Goiás Verde Alimentos Ltda. Fone : (61) 2101-4000 Fax: (61) 2101-4028 com a Sra. Keila www.goiasverde.com.br fac@goiasverde.com.br Luziânia/GO CEP: 72804-010

Kelps do Brasil Ind. de Correias Ltda Fone/fax: (51) 3547.1177 E-mail: rskelps@tca.com.br RS 239 Km 64 Rolante/RS CEP: 95690-000

Rodeio Negócios Rurais. Fone / Fax: (55) 3242-5239 ou cel : (55) 9973-2177 Rua 24 de Maio, 253, sala 103, Centro Santana do Livramento / RS CEP:97573-450

Salles Agropec. e com. S/A Produtores de soja e suínos. Fone /fax:(66) 3423-3363 e-mail: agrosalles@agrosalles.com.br Av. Mal. Dutra, 1074 Rondonópolis / MT CEP: 78700-110

Tanoaria Barros, fabric. tonéis de madeira de todos os tamanhos; equip. usados para a fabricação de cachaça. Fone: (16) 3628-4453 Ribeirão Preto /SP

Tropical Flora Reflorest. Venda de mudas de espécies nativas, desenvolv. de projeto técnico de reflorestamento, implant. e consultoria florestal. Site: www.tropicalflora.com.br Fone: (11) 4992-1228 em Santo André /SP e (14) 3406-5001 em Garça/SP

Agroindustrial e Comercial Pozza Ltda

- Azevém - Certificado: Oferta R\$ 1,25
- Aveia Preta - Certificado: Em oferta,
- Trevo Branco, Trevo Vermelho, Festuca, Aveia Branca, **Sementes de Verão:**
- Milheto BRS 1501- EMBRAPA,
- Capim Sudão,
- Milho - EMBRAPA,
- Sorgo Forrageiro,
- Pensacola,
- Brachiárias MG5, MG4, Tanzânia, Estilosantes.



**Preços especiais
Aproveite**

Av. Pastor Floghaus, 452 / Fone: (54) 3392.1081 - 3392.1110 - CEP 99495-000 - LAGOA TRÊS CANTOS - RS
e-mail: sementespozza@hotmail.com - home page: http://www.sementespozza.com.br

A informação do clima na sua propriedade!

Azula
marine

Oregon
SCIENTIFIC



**Termo-Higrômetro
EMR899 R\$239,00**

- ♦ Temperatura / umidade relativa do ar (interna e externa);
- ♦ Acompanha um sensor remoto;
- ♦ Indica tendências de temperatura e umidade relativa do ar.



LANÇAMENTO

Estação Meteorológica **R\$2.259,00**

WMR928NX - Software e sensores inclusos

- ♦ Conexão com PC / Software Incluso
- Previsão do tempo (sistema gráfico de previsão do tempo);
- ♦ Temperatura / umidade relativa do ar (interna e externa);
- ♦ Índice pluviométrico;
- ♦ Pressão atmosférica;
- ♦ Direção e velocidade do vento;
- ♦ Baterias dos sensores externos recarregáveis por energia solar.



**Barômetro com Altímetro
RA123**

Altímetro e barômetro portátil com termômetro, bússola e relógio.

Equipamentos de fácil instalação e manuseio
Garantia de 12 meses
Manuais em Português.

**Tripé e Suportes e Abrigo Meteorológico Opcionais
R\$500,00**

Pronta Entrega - Enviamos para todo Brasil. www.azula.com.br **(11) 3045.1308**



SISTEMAS INTERATIVOS DE CONSULTA ONLINE

- Agricultura**
 - Agrícola/Fino
 - Armazenagem
 - Aviação Agrícola
 - Cereais do Inverno
 - Fermentação Alcolica
 - Sementes
- Veterinária**
 - Febre Aftosa
 - Gripe Aviária
 - Saúde Animal
 - Vacinas
- Negócios**
 - Agronegócios
 - Cotações
 - Oportunidades
- Notícias**
 - Biotecnologia
 - Notícias
- Serviços**
 - Agropecuária
 - Agrotóxicos
 - Culturas
 - Estadísticas
 - Eventos
 - Fóruns e Fotos
- Comercial**
 - Mídias
 - Serviços
- Fale conosco
- Mapa do Site



SAÚDE ANIMAL
21 Espécies Animais
3359 Produtos
137 Laboratórios
977 Agentes Etiológicos
0 melhor medicamento

AGRO LINK



AGROTÓXICOS
125 Culturas
9845 Agrônomos Usuários
1238 Produtos
94 Empresas
Relatórios Especiais



VACINAS
12 Espécies
121 Enfermidades
377 Vacinas
23 Laboratórios



**CLIPPING, NOTÍCIAS, CLIMA,
ESPECIALISTAS, PREÇOS, VENDA
DE NOVOS E USADOS...**



WWW.AGROLINK.COM.BR



Hermes Zaneti

Conselheiro da Vinícola Aurora e Presidente da Câmara Setorial Nacional da Uva e do Vinho

BEBA VINHO, TENHA CONGESTÃO DE IMPOSTOS

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas hoje pela vitivinicultura brasileira?

Nós temos trabalhado com base em quatro pilares. Em primeiro lugar, uma elevada carga tributária que mostra a violência com que se abate sobre o setor quando comparada com os demais países do Mercosul e com os países produtores e consumidores da Europa. A carga tributária média no Mercosul, incluído o Chile, é de 20%. Na Europa é de 16% a 18%. No Brasil chega a 52%. Eu costumo brincar: “Beba vinho com moderação porque você pode ter uma congestão de imposto”. Segundo: estimamos em cerca de 15 milhões de litros/ano o contrabando de vinho no Brasil, que entra pelas fronteiras do Paraguai, Argentina e Uruguai. Este é outro problema sério, pois o volume quase se equipara ao que as 700 vinícolas gaúchas elaboram e vendem dentro do país. O terceiro ponto é a não-disciplina nas importações. Não somos contrários que haja vinho importado no mercado brasileiro. Mas, comparado a outros países, observa-se que o Brasil é um país sem fronteiras e de portei ras abertas. E estes produtos importados entram de forma indiscriminada. Há pouco tempo o presidente de uma organização supermercadista do Rio Grande do Sul foi com mais dez donos de supermercados a Mendoza, na Argentina, onde compraram o que eles quiseram, e colocaram nas prateleiras daqui. Em outros países não é assim. Há todo um controle nos processos por parte do governo, que disciplina e protege de alguma forma a produção nacional. O quarto pilar, que também é uma violência, quem sabe a mais grave delas pelas consequências ao cidadão, é a falta de fiscalização. Há alguns anos ocorria a adição de água e alguns outros produtos ao vinho, que era vendido como tal. Isso decresceu muito no mercado, mas foi substituído por uma violência ainda maior, que é o que chamados de “Deno-

rex”. Um produto que parece vinho, mas não é vinho. São as sangrias, cujos Padrões de Identidade e Qualidade (PIQ) são diferentes dos PIQs oficiais. Hoje, no Brasil, a sangria deve ter pelo menos 60% de vinho. Mas tem muita sangria que se chama sangria no mercado e que não obedece a essa composição definida em lei.

Estes problemas têm causado que efeitos na cadeia vitivinícola?

Estimamos que hoje são mais de 100 milhões de litros de estoque excedente no Rio Grande do Sul. Por outro lado, vivem deste setor cerca de 100 mil pessoas. São mais de 20 mil famílias só de minifundiários que produzem em média em 2,5 hectares por ano. São 1.200 empresas, das quais 700 só no Rio Grande do Sul. O faturamento é de R\$ 1,2 bilhão. Tudo isso está ameaçado e por quê? No caso do vinho fino, pelas importações desregradadas e pelo contrabando. E isso se deve ao fato de que há no mercado mundial hoje um excedente estimado entre 4 bilhões e 5 bilhões de litros de vinho. Com todos os estímulos, subsídios, favores fiscais de seus países de origem, acabam derramando este excesso de produção nos outros países. E no mercado interno o problema é decorrente da permanência conivente do governo com o que nós chamamos de “Denorex”. A cadeia toda está ameaçada, porque à medida que as empresas elaboradoras não conseguem colocar o seu vinho no mercado, elas não têm como pagar a última safra de uva. E mais do que isso: não têm como receber a próxima safra porque não têm onde colocar o vinho. Nas condições de hoje estimamos que 150 milhões de quilos de uva podem ficar

na parreira já na próxima safra.

Quais são objetivamente as soluções propostas pela Câmara Setorial Nacional da Uva e do Vinho?

Reivindicamos uma intensificação na fiscalização para coibir o contrabando e o disciplinamento que regra a entrada de vinhos importados. Dos vinhos finos consumidos no Brasil, 20% são nacionais e 80% importados: 30 pontos percentuais de terceiros países (fora Chile e Mercosul), 30 pontos do Chile e 20 pontos da Argentina. No caso do Chile, o que nós reivindicamos? A revogação da cláusula do acordo bilateral Brasil-Chile que permite favores especiais à importação de vinhos chilenos pelo Brasil em troca dos

chilenos importarem do Brasil ô nibus e autopeças. No caso da Argentina, estamos negociando um aumento do piso por caixa de 12 garrafas que entrava no Brasil a US\$ 3,35. Em negociação elevamos isso para US\$ 8 e pleiteamos US\$ 22. Em relação aos terceiros países, já está aprovada a lei sancionada pelo Presidente Lula decorrente da Medida Provisória 413 de 3 de janeiro de 2008 que prevê um imposto de valor fixo. Pleiteamos agora que, por decreto, conforme está autorizado na lei, o Presidente fixe o valor por garrafa ou por litro na importação de vinhos, o que deverá ajudar muito o setor. No caso dos impostos, o mais grave, o mais pesado deles, é o ICMS, que vai de 12% no RS a 30% no Acre. Estamos reivindicando o apoio do Governo Federal no Confaz, e a proposta feita pelo Governo do Rio Grande do Sul é para que sejam nivelados os tributos de ICMS em todo o país. ■

A carga tributária no Mercosul e Chile é de 20% e na Europa, 16% a 18%. No Brasil chega a 52%

ANÚNCIO

ANÚNCIO